



SCARLETT
EDWARDS

DESCOBRINDO VOCÊ

PARTE CINCO: CONFISSÕES

TRADUZIDO POR
PEDRO CASAL RIBEIRO



Índice

[*Aviso ao leitor:*](#)

[*Sobre a série*](#)

[*Nota importante da Scarlett acerca da cronologia do enredo de Descobrindo Você:*](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Quatorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezasseis](#)

[Capítulo Dezassete](#)

[FIM](#)

[Participe na Mailing List](#)

[Gostou deste livro?](#)

Este livro é uma obra de ficção. Todos os nomes, localizações e incidentes são o produto da imaginação da autora, ou terão sido usados em ficção. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, locais ou eventos é puramente coincidência.

DESCOBRINDO VOCÊ #5: CONFISSÕES

Direitos de Autor © 2014 Edwards Publishing, Ltd.

Todos os direitos reservados.

Tradução Portuguesa Pedro Casal Ribeiro 2014

Capa de Scarlett Edwards.

Ilustrações de Scarlett Edwards.

Publicado por Edwards Publishing, Ltd.

Edwards Publishing

477 Peace Portal Drive

Suite 107-154

Blaine, WA 98230

A cópia eletrónica, a digitalização e a distribuição deste livro, sob qualquer forma ou sob qualquer meio inclusive, mas não apenas limitado a meio eletrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outra forma, sem a permissão do detentor dos direitos autorais, são ilegais e estão sujeitas às penalidades da lei. Por favor, compre apenas edições autorizadas desta obra e não colabore nem encoraje a pirataria eletrónica de materiais protegidos por direitos autorais. O seu apoio à obra da autora é muito estimado.

Descobrindo Você 5:

Confissões

de Scarlett Edwards

Edwards Publishing

Aviso ao leitor:

Descobrindo Você 5: Confissões contém cenas de abuso físico e emocional intenso. Os leitores com sensibilidade a esse tipo de conteúdo devem prosseguir com cautela.

Sobre a série

A história de *Descobrindo Você* é desvendada em múltiplos volumes.

Disponível Atualmente:

Descobrindo Você 1: O Contrato

Descobrindo Você 2: Submissão

Descobrindo Você 3: Resistência

Descobrindo Você 4: Retribuição

Descobrindo Você 5: Confissões

Brevemente:

Descobrindo Você 6

Nota importante da Scarlett acerca da cronologia do enredo de Descobrindo

Você:

Por favor tenha atenção de que o prólogo de Descobrindo Você 1 teve lugar em Dezembro de 2014. As cenas deste livro tomam lugar em Dezembro de 2013.

Note que existe um ano de diferença.

Capítulo Um

Frio. Sempre, muito frio.

Eu aninho-me em mim própria e tento parar os meus dentes de bater.

Não adianta. O pouco calor que o meu corpo produz é impotente contra o ar condicionado que sopra para dentro da sala.

Não consigo ver nada. Todos os meus confortos desapareceram. Tudo o que conheço agora é a forma da poltrona.

Nem tenho um cobertor. Ou um tecido que possa usar para tal.

Pensava que o meu cativoiro junto do pilar era mau. AH! Isto é pior. Estou presa nesta ilha minúscula. Não me posso mexer. Nem caminhar de um lado para o outro. Não posso fazer nada. Estou quase sem vida.

Todas as luzes acima de mim, de repente, ligam-se. Eu estremeço e encolho-me, cobrindo os meus olhos com o antebraço. O meu coração dobra os batimentos em antecipação.

Uma vez por dia, as luzes acendem-se. Ficam acesas exactamente por quinze minutos, disse-me o Jeremy. É todo o tempo que tenho para correr à casa de banho, despejar o meu penico, tomar um duche rápido, e vestir-me em algo novo para a sua chegada.

Não há como lutar. Não posso recusar. Arrasto-me, tremendo, e segurando o recipiente de barro repugnante com tampa. Ouço o seu conteúdo mover-se enquanto me apresso em direcção à casa de banho.

Despejo o seu conteúdo. A primeira vez que o fiz, o cheiro foi suficiente para fazer-me vomitar. Quase cometi o erro de tentar limpar tudo, antes de me lembrar que o tempo é curto. Assim que o tempo termina, o meu colar é reactivado. Isto significa que se não estou na minha poltrona a tempo...

Eu tremo. Não tive tempo para tomar um duche naquele dia. Quando o Jeremy veio ver-me na sua visita nocturna e encontro-me cheirando a vómito, não ficou nada contente.

O que aconteceu a seguir é uma memória que nunca mais desejo recordar.

Ligo o chuveiro, quente. Tão quente quanto possível. Forço-me a entrar e a estar debaixo do fluxo de água escaldante.

O duche era o meu santuário. A água quente, um método de controlo. Eu poderia estar imóvel e

sentir a água a queimar-me a pele. Eu conseguia controlar a dor que sentia e, conscientemente, optar por mais.

Stonehart percebeu o que estava a fazer, depois de três dias. Ele tinha-me proibido de me magoar a mim própria. Ele não gostou que eu tivesse infringido esta regra.

O chuveiro já não funciona como dantes. Ele chamou alguém para ajustá-lo para que o fluxo de água não fosse suficientemente quente para queimar-me. Eu odeio-o por isso.

Mas, tenho que admitir, que de uma maneira fútil e desesperada, foi pelo melhor. O Jeremy estava a olhar por mim. Ele não me queria magoada.

“Ah!” O riso é incontrollável. O ridículo deste pensamento é chocante. Nada disto aconteceria se não fosse ele. Não precisaria de me queimar debaixo de uma água escaldante se não fosse por ele.

O calor infiltra-se na minha pele e nos meus ossos. Conto os minutos na minha cabeça. Não existe nenhum aviso antes das luzes apagarem-se e o meu colar reactivar-se. Nenhuma indicação que o tempo é curto.

A única coisa que me pode valer para regressar a tempo é a minha mente.

Aos treze minutos e dez segundos, saio e seco-me rapidamente. Pego num robe – a única peça de roupa que posso vestir nestes dias-e coloco-a sobre os meus ombros. Apanho o penico e encaminho-me para a porta...

Paro. *Merda!* Esqueci-me de escovar os dentes.

Treze minutos e cinquenta segundos.

Não tenho tempo suficiente. Mas se usar um elixir...

Procuro nas prateleiras e seguro na garrada. Gargarejo e cuspo no lavatório.

Quatorze minutos e dez segundos.

Estou a ficar sem tempo. O meu coração começa a correr. Agarro no penico e apresso-me.

Quatorze minutos e trinta segundos. Quatorze minutos e trinta e um segundos.

A poltrona está adiante. As luzes ainda acesas. Ainda assim, vai ser perto do limite.

Quarenta segundos. Quarenta e um segundos. Quarenta e dois segundos.

Começo a correr. O relógio na minha cabeça não é infalível. Quem sabe se o meu timing está errado? Pode ser mais tarde, e depois...

O meu pé molhado desliza no chão e escorrega. Grito enquanto sou arremessada contra o chão.

Quarenta e três segundos. Quarenta e quatro segundos...

Não!Não! Olho para a poltrona. Está tão próxima...

Quarenta e cinco segundos. Quarenta e seis segundos...

Ponho-me em pé, esquecendo o penico, e lanço-me para a segurança da poltrona.

Não chego.

As luzes apagam-se. E, nesse exacto momento, uma torrente selvagem de electricidade pulsa por mim.

Grito de dor e caio no chão. Os meus membros agitam-se à minha volta.

O último pensamento que me ocorre antes de desmaiar é do cruel e enganador número:

Quarenta e seis segundos.

Acordo lentamente, flutuando do domínio do sono para o mundo dos vivos.

O meu corpo parece feito de borracha. Todos os meus músculos estão soltos, mas pesados ao mesmo tempo. Não é um sentimento confortável.

Sinto umas mãos em mim. Tocando-me. Segurando-me. Levantando o meu corpo, direccionando-o. Encaminhando-me.

O meu cérebro demora a muito tempo a processar o que está acontecer. Quando compreendo, finalmente, o que se passa, os meus olhos abrem-se, deparando-se com a escuridão.

Mas aquelas mãos ainda estão em mim.

Tento lutar, desesperando para me libertar do seu aperto. Os meus músculos são muito lentos a responder. É como se o meu corpo estivesse coberto por uma camada espessa de mel.

“Calma. Calma, Lilly” a voz sussura.

Aquela voz. Aquela horrível, terrível, mas suave voz masculina.

O Stonehart está aqui.

“Calma. Relaxa. Estou a tomar conta de ti. Tiveste um pequeno acidente.”

Repulsa, ódio e nojo pulsam em mim pela sua escolha de palavras despreocupada.

“Estou apenas a ajudar-te a levantar” diz ele. Sinto a acomodar-me em algo macio. A poltrona? Deve ser.

“Muito bem”

Abro a minha boca para falar, mas nem uma palavra sai. Sinto a minha língua como se fosse feita de algodão molhado.

Stonehart acaricia o meu queixo com, dedos quentes e fortes enquanto me observa atentamente. Não consigo vê-lo, mas sinto a sua proximidade. “Vamos tentar evitar situações como esta no futuro, hmm?” sugere. “Sabes que tens que regressar a tempo.”

Ele ergue-se, afasta-se e vai-se embora.

Só quando os seus passos deixam de se ouvir é que eu colapso e choro.

Capítulo Dois

Acordo, um tempo indeterminado depois. O meu estado de lentidão deixou-me. O meu corpo parece o meu novamente.

Mexo os meus braços e pernas sem aquela restrição estranha. *O que aconteceu? Será que ele drogou-me novamente?*

Cheiro, cautelosamente, o ar. Não sinto um mau cheiro persistente. Significa que o Stonehart ajudou-me a sair daquele robe sujo.

Coloco a minha face nas minhas mãos e tento não soluçar. Isto é humilhante. Quem faria isto a outra pessoa? Quem me faria viver este pesadelo na escuridão duas vezes?

O frio rodeia-me novamente. Coloco as minhas mãos debaixo dos braços tentando aquecer os meus dedos. As minhas orelhas estão congeladas.

Quanto tempo mais? Penso em desespero. *Quanto mais tempo disto tenho eu que aguentar?*

“Abre as pernas para mim.”

A voz dele ecoa na escuridão. É forte e viril.

Eu tenho que obedecer.

Tremendo, não do medo, mas do frio incessante, eu desliso pela cadeira e abro as minhas pernas. A minha mente recua, já, para um lugar distante.

Ele penetra-me. A rigidez do seu membro sobressalta-me um pouco. Sei que não devo lutar nem resistir de qualquer forma.

Porque faria isso? O Stonehart consegue sempre o que quer. Desafiar isso apenas tornaria a situação pior.

Portanto, eu fico ali, miserável e esquecida, deixando-o bombear as suas coxas para junto do meu corpo inerte. Não sou mais nada do que um corpo vazio para ele. Um sitio quente para ele colocar o seu membro.

Embora, mesmo o “quente” pode ser contestado.

Fecho os meus olhos e aguardo o fim do pesadelo.

As luzes aparecem novamente. Coloco-me direita ficando um pouco tonta, com náuseas. Noto no sangue escorrendo pela minha perna.

Oh meu Deus.

Olho para o assento da poltrona. Está manchado de vermelho.

Oh meu Deus, como não reparei nisto antes?

Mas sei perfeitamente como. Assim que o Stonehart sai eu encolho-me e deixo a minha mente ficar em branco. Acordada ou a dormir, não faz diferença. Desde que eu não pensasse a situação ficava... bom, ela ficava...

Quero dizer, ela era...

Ela apenas *era*. Não posso dizer que era tolerável, ou horrível. Ela apenas *era*.

Não me permito ter emoções nem sentimentos sobre esta situação. Talvez quanto eu sair desta eu me sinta capaz de reflectir.

Neste momento, sem fim á vista, tudo o que posso fazer é *existir*.

Como uma espécie de lesma.

Depois do meu duche, encontro uma caixa de tampões e trago-os comigo. Também carrego uma toalha extra para colocar sobre a mancha.

Jeremy ou Stonehart, nem sem porque deixei de pensar nele pelo nome próprio, proibiu-me de usar as toalhas como mantas. Ele disse que todas as coisas têm o seu uso específico e que eu não iria degradar esse facto.

Espero, que isto seja diferente.

Quando as luzes apagam-se já eu estou sentada confortavelmente na minha poltrona. Permito-me apenas dez minutos agora. Para tomar o duche e voltar.

Não quero sofrer mais nenhum “*acidente*.”

Capítulo Três

Quanto tempo passou? Uma semana? Duas? Talvez mais?

A minha aposta é em “*mais*”.

Consigo sentir o que resta da minha sanidade a desaparecer lentamente. O que vale uma existência como esta? Onde irei encontrar a força ou vontade para continuar a lutar?

Eu brinco. Eu não luto. Lutar seria uma parvoíce. Uma imbecilidade.

Lutando traria mais punições.

Será esta a minha vida para os próximos cinco anos? Um estado de espírito entre um zombie e um humano?

Tudo aquilo que me era querido foi-me retirado. Se o objectivo do Stonehart é mostrar o pouco controlo que tenho, ele não precisa fazer mais isso.

Penso o que terá acontecido à Rose. Esta é a primeira vez neste segundo ou terceiro cativeiro que eu me permito pensar nesta senhora gentil.

Será que ela sabe onde estou?

Sem dúvida.

Terá ela feito algo para ajudar?

Sem dúvida que não.

E eu via como uma amiga. Eu pensava...

Não. Tenho que parar de pensar desta forma. A Rose não tem influência nenhuma sobre o Stonehart. Eu lembro-me da pomba. A Rose não pode fazer nada para ajudar-me enquanto eu estiver aqui.

Isto não é culpa dela. Não a devo levar a mal. Se eu a vir novamente...

Paro de pensar desta forma mais uma vez. *Será* que vou vê-la novamente? Não posso ter a certeza. Não posso ter a certeza de nada enquanto estiver neste buraco negro.

O Stonehart quer-me quebrar. Rio-me. Eu já estou quebrada. Já cheguei a um ponto em que não existe reflexão ou introspecção que me salve deste desespero.

Não tenho amigos, amor, objectivos, sonhos ou esperanças ou aspirações.

O Stonehart retirou-me tudo.

É apenas dormir, acordar e ser *violada*.

Vejo-me de cara para baixo na poltrona e vejo que estou a ser fodida.

É estranho acordar com esta sensação, especialmente sabendo que está a acontecer já à algum tempo. Eu consigo ouvir a respiração do Stonehart atrás de mim. Ele não começou recentemente.

Ele começou a algum tempo.

É um testemunho do quão longe eu deixei de me importar.

É um testemunho do quão dormente eu estou.

Não deixo os sentimentos de dor e prazer distraírem-me. Eu, simplesmente, fecho os meus olhos e tento voltar ao meu sono...

As minhas refeições chegam num carrinho. O Stonehart trá-lo ele mesmo. Ele deixa-o junto, a uma distância curta e depois sai.

E mesmo tendo em conta que ele não fala quando o faz, e que eu não consigo ver nada, eu sei que é ele. Já estou tão acostumada à sua presença que eu conseguiria distingui-lo de olhos vendados numa multidão de cinquenta.

Em parte, é a maneira como respira. A sua respiração é lenta e controlada. Reflete o seu modo de agir em tudo o que faz.

A sua respiração imita a sua voz. Pergunto-me se ele se terá treinado para falar como fala. Aquele tom barítono rouco parece acontecer sem esforço para ele. Consigo, por qualquer razão, imaginá-lo a treinar-se mais novo.

Eu anseio por alguém para conversar. Eu preciso de uma confidente. Uma amiga. Eu sinto-me tão completamente só e tão completamente inútil.

O que é que eu fiz para melhorar a minha posição com o Stonehart desde que tive acesso à sua mansão? Nada. Nada mesmo. Desde o primeiro minuto que entrei na sua casa tenho cometido erros atrás de erros atrás de erros.

Primeiro, foi a garrafa de vinho que atirei à cara dele. A memória provoca-me um breve sorriso. Foi divertido.

Depois foi o desastre na sala de vigilância. A pomba. A aventura nocturna no seu escritório. *Adormecer* no dia em que eu sabia que ele viria.

Já me mentalizei com o facto de que tudo o que aconteceu de ruim aconteceu por culpa minha. Teria o Stonehart me punido se eu tivesse feito o que me era pedido?

Não. Se eu tivesse sido mais esperta, um pouco mais astuta... as coisas seriam diferentes agora.

Eu anseio pelos dias quando os PCBs significavam algo. O Stonehart diz ser um homem de palavra, mas ele prometeu que os PCBs ganhos não seriam retirados.

A ironia magoa-me tanto que só me apetece chorar. Ele *não* os retirou.

Ele apenas arrancou todas as liberdades que eles concediam.

Que sistema estúpido, penso eu. *Porque terá ele me apresentado os PCBs se não os iria usar correctamente?*

Possivelmente como uma maneira de me provocar. Como uma forma de me seduzir com a promessa de liberdade definitiva. Como uma forma de assegurar o meu comportamento.

Viro-me na poltrona e zombo. Ele não precisava de me seduzir com os PCBs para eu me comportar. Tudo o que precisava de fazer era deixar-me no escuro como agora mais duas ou três vezes.

Porque agora, eu tenho a certeza que nunca, mas nunca mais, irei fazer mais nada para o desagradar. Nunca mais.

Nem ele sabe o que a sua última punição me fez. A minha vontade e resolução de me vingar dele? Desapareceram. Eu sei, do fundo do meu coração, que a minha melhor esperança é, simplesmente, ter cautela suficiente nos próximos 5 anos para evitar encontrar-me novamente na escuridão.

Desconforto e descontentamento fervem em mim. *Porque fui tão estúpida antes?* Nos dias anteriores a eu estar presa a esta poltrona, eu tinha tanto. Eu vivia numa mansão magnífica com uma vista deslumbrante para o mar. Tinha acesso a quase todos os cantos da propriedade, *quase*.

Porque não poderia isso ser suficiente?

Porque sou uma idiota teimosa, é por isso.

Seria a minha vida assim tão má? Claro que teria que estar disponível para o Stonehart quando ele queria. Mas isso era um pequeno inconveniente, especialmente quando comparado com o que está a acontecer agora.

No seu melhor, era absolutamente maravilhoso. Lembro-me da forma como ele me fez sentir na única vez que fizemos amor na cama dele.

Claro que era tudo uma mentira. Apenas a sua forma de mostrar o seu domínio sobre mim. Agora, ele nem me trata com um ser humano.

Em retrospectiva, não percebo que direito eu tinha para reclamar. Bom, talvez eu não tivesse acesso ao mundo exterior. Mas seria isso tão mau assim? Eu sei que existem monjes, hermitas que se retiram propositadamente da sociedade. Não poderia pensar no meu isolamento desta forma?

Não. Porque não foi uma escolha tua.

Afasto o pensamento de desconforto. Era, sem dúvida, melhor que isto.

Tendo imaginar o que irá acontecer quando eu estiver livre. O Stonehart disse que “iríamos começar do início”. Significa isso que todos os meus PCBs desapareceram? Significa que irei ficar confinada ao pilar novamente?

Até isso seria uma melhoria. Não irei reclamar. Talvez até, possa ver a Rose novamente. Tenho a certeza que ela iria gostar de conversar. Pelo menos, espero que sim. Tenho que questioná-la acerca do Charles, e a casa das visitas donde ela saiu...

Boçejo. A fadiga desce por mim. Não existe razão para lutar contra ela. Fecho os meus olhos e adormeço num sono profundo.

Acordo para encontrar uma luminosidade avassaladora. Alarmes soam na minha cabeça enquanto me coloco direita. Dormi parte dos meus quinze minutos!

Amaldiçoo-me. Quanto tempo tenho?

Então, verifico algo que me espanta: A luz vem de fora.

Viro-me.

As cortinas estão abertas. Os raios solares de um inverno frio invadem o quarto.

Não consigo acreditar. Eu olho fixamente lá para fora e levo uma mão trémula ao meu colar.

Será que é isto? Será que isto... acabou?

Ouçoo passos atrás de mim e viro-me novamente. Os meus sentidos estão em alerta máximo.

Vejo o Stonehart a aproximar-se. Recuo, instintivamente, para o fundo da minha poltrona.

Ele sorri enquanto me observa. É um pequeno sorriso, mal toca nos seus lábios. Mas chega aos seus olhos.

Ele parece forte e viril e poderoso. O seu cabelo está um pouco mais curto daquilo que eu me recordava. Talvez ele o tenha cortado. Ou talvez não. Eu nunca conseguia ver o rosto dele no escuro.

Ele pára diante de mim e observa o quarto. Ódio e aversão encham-me com a visão dele. Mas, sob essas emoções reside uma pontinha de medo.

O seu sorriso aumenta quando se senta ao meu lado. Colo o meu corpo à poltrona o máximo que consigo. *Não* o quero tão perto, não em plena luz do dia, não quando consigo ver todos os lindos detalhes do seu rosto.

Ele olha para mim, durante um longo e silencioso período. A meu favor, eu não vacilo. Sinto o cheiro da sua água de colónia. É muito leve, quase como a memória de uma fragrância. Mas amplifica o seu aroma pessoal, sublinhando a sua masculinidade.

E pensar que eu costumava responder a esse aroma.

Agora, nada poderia estar mais longe da verdade.

“Lilly”. A voz do Stonehart é gentil. Ele ergue a mão para tocar no meu rosto. A minha força falha e eu recuo.

O seu rosto cai. A sua mão descai. Ele parece, genuinamente, magoado.

“Não queres que eu te toque?”, pergunte ele.

Estou relutante. Como vou responder a isto?

Óbvio que não quero que me toques, penso eu, mas não posso dizer isso, pois não?

Em vez disso, suspiro resignadamente e inclino-me um pouco na sua direcção, dando-lhe permissão implícita.

Ele faz um sorriso triste. As pontas dos seus dedos passam pelo meu rosto. É um toque macio, gentil, que me dá arrepios por toda a minha pele.

“Sabes,” diz ele, olhando nos meus olhos, “a Rose tem andado a pedir para te ver. Daria-me muita alegria conceder-lhe o seu desejo.”

Eu não respondo. Não sou eu que me prendo a mim própria. Tudo acontece à descrição do Stonehart.

O pensamento deixa-me triste.

“Eu disse-lhe que iria falar contigo e perguntar-te o que achas sobre esse pedido.”, continua ele. Ele levanta o meu queixo, fazendo-me olhar para ele. “Então Lilly? O que queres que lhe diga?”

“Eu penso...Eu penso que gostaria.”

Eu desvio o meu olhar.

Do canto do olho vejo a cara do Stonehart a brilhar. “Muito bem”, diz ele. “Eu tinha esperanças que respondesses assim.” “Sabes Lilly, não tenho prazer nenhum em prender-te assim. Eu olho para o teu estado...”, os seus olhos observam-me. “...e penso que, em parte, isto também é culpa minha.”

O meu sangue começa a ferver. *Parte disto é culpa dele?*

Tenta “*tudo*” seu filho da mãe! penso eu.

Sábiamente, não dou voz aos meus pensamentos.

O Stonehart move-se de lado para lado, como se estivesse a tentar ver-me de um ângulo melhor. “Mas depois”, ri-se, “lembro-me que foste tu que fizeste isto, e essa pontada de culpa desaparece.”

Forço-me a encontrar os seus olhos novamente. A minha força de vontade retorna. Não sei se ele está a falar a sério ou não. Soa-me que ele está escarnecendo de mim. Mas, a sua voz está cheia de sinceridade.

Lembro-me da sua expressão de poker e decido, *ele está escarnecendo de mim*. Digo a mim própria para não levar a peito.

“Lilly,” diz novamente, colocando a sua mão na linha do meu colar, “és tão bela. Porque me forças a fazer-te isto? Se te comportasses...” os seus dedos sobem até junto do meu queixo e colocam-me a cabeça erguida, “...podíamos mesmo desfrutar da companhia um do outro.”

Desfrutar da companhia um do outro? Mas este homem é completamente louco?

Depois do meu sangue ferver sinto-o agora a fumegar.

Ele inclina a cabeça para o lado e sorri. “Oh, conheço esse olhar,” diz ele. Levanta as mãos numa rendição trocista. “Disse algo que te irritou. Peço-te que não me atires outra garrafa de vinho.”

Depois, ele ri-se, uma gargalhada cheia e rica, como se ele tivesse dito a melhor anedota do mundo.

“Mas falando a sério,” diz ele com uma última gargalhada. “Por favor, não me forces a colocar-te novamente numa situação destas Lilly. Eu preocupo-me contigo quando estás aqui. Não sabes o

quão pouco tenho dormido sabendo que estás aqui com frio e sozinha.”

“É por isso que me visitas e me violas todas as noites?” disparo eu. Sustenho a respiração e coloco as minhas mãos na minha boca estúpida. Os meus olhos abrem-se mais com o medo.

Idiota! grita uma voz na minha cabeça. *Idiota estúpida! Adoras punições, não adoras?*

Espero pela explosão que se seguirá...e sou apanhada de surpresa quando a única reacção que o Stonehart tem é um abrir do seu sorriso. “Eu sabia que ainda tinhas o teu espírito vivo”, diz ele, soando bastante agradado com a revelação.

Ele levanta-se. “O colar está novamente desactivado, Lilly-Flor. As suas tuas liberdades foram restauradas. Podes ir e vir como entenderes. E, da minha parte, tentarei não provocar reacções que poderão dar-te mais punições.” Ele pausa. “Gosto de te ver feliz e livre.”

Ele vira-se. “É um quarto para as duas,” diz ele. “Hoje é um dia raro de folga, mas não irei chamar-te antes das seis. A Rose, tu e eu vamos desfrutar de um jantar fantástico preparado pelo Charles. A Rose está doida para te ver. O único pedido que faço é que te vistas de forma apropriada para a ocasião.”

Ele agacha-se e pega no meu penico. O seu nariz franze de desgosto. “Vou ver-me livre desta coisa horrível.”

Aguardo até o Stonehart ir realmente embora e coloco, cuidadosamente, um pé no ladrilho frio.

O ar condicionado está desligado. Ainda bem. Os raios solares começam a aquecer a divisão.

Eu levanto-me da cadeira e tenho uma breve tontura. *Não tenho comido hidratos suficientes,* penso eu.

Inspiro profundamente e deixo a tontura passar. Muito bem, sobrevivi ao pior que o Stonehart me sujeitou.

Duas vezes.

O pensamento dá-me uma pequena, mas preciosa satisfação. Eu sei que a razão é que o Stonehart estava *certo*.

Ele estava certo quando disse que me encontro nestas situações apenas devido à minha estupidez. Como seriam as coisas se eu não tivesse adormecido quando o Stonehart veio da sua viagem? Onde estaria eu, neste momento? Que tipo de progresso já poderia ter feito com ele?

Eu vagueio até janela grande e olho lá para fora. É um dia aborrecido e cinzento. Uma manta espessa de nuvens bloqueia o sol. O oceano está pacífico.

Sinto-me como se tivesse presa no olho da tempestade.

Quando me estou a ir embora, vejo-me reflectida no vidro. Viro-me para a reflexão.

“És uma sobrevivente,” sussurro. “Conseguiste ultrapassar tudo o que o Stonehart colocou no teu caminho com apenas algumas mazelas.”

Isso pode não ser totalmente verdade. Mas preciso de acreditar nisso senão arrisco a perder a sanidade.

Quando começo o meu duche, uns minutos mais tarde, regulo a temperatura para o máximo automaticamente. Paro a meio do movimento.

Não sou mais uma prisioneira daquela poltrona, digo a mim própria. Coloco a água a uma temperatura quente, mas agradável.

Saio do duche, muito tempo depois, e seco-me calmamente. Caminho para o closet e abro a toalha e examino o meu corpo.

Hmm. Estou um pouco mais magra daquilo que me lembrava, mas não perdi as minhas curvas. Que surpresa. Não me tenho propriamente alimentado bem na minha estadia recente na escuridão.

Analiso o meu cabelo. Está mais longo daquilo que é costume.

Com um sobressalto, lembro-me que as câmeras estão a observar-me do outro lado do espelho. Começo a fechar a toalha, mas depois paro, respiro fundo e forço-me a relaxar.

Como uma estrela de cinema, sorrio para uma audiência invisível afastando-me.

A liberdade rejuvenesceu-me. Claro que não sou livre verdadeiramente. Acho que desisti dessa possibilidade, pelo menos no curto prazo. Por agora, estou feliz o suficiente por não estar presa aquela poltrona maldita.

Caminho de volta à minha divisão enrolada num fofo robe azul. Pode ser exactamente o mesmo que usei durante a minha prisão, para *parece* diferente. Invés de sentir o tecido pesado e restritivo, sinto-o agora suave e consolador.

É um milagre o que uma mudança de perspectiva pode fazer à mente.

Caminho em direcção à cama. Com uma gargalhade histérica, lanço-me para os lençóis. Enrolo-me, estico-me e espreguiço-me profundamente.

Tive saudades desta cama. Nunca pensei dizer isto, não depois daqueles três dias presa nela, mas três dias não são nada quando comparados com o tempo passado naquela poltrona.

Sento-me e olho fixamente para a poltrona.

Eu odeio-te, penso eu. Eu odeio-te, poltrona de merda.

Não são só as lembranças que me fazem odiá-la mas por tudo aquilo que ela representa. É a poltrona onde adormeci à espera do Stonehart. É a poltrona onde deixei a pomba antes do Stonehart a encontrar. Foi por causa dela que levei um estalo doloroso quando o Stonehart pensou que a tinha pedido à Rose.

Aquela poltrona só me traz más notícias. Eu quero que ela desapareça.

Eu levanto-me e empurro-a em direcção à porta de vidro. Viro a maçaneta da porta e abro a porta com o meu corpo. Pauso durante um segundo, tentando perceber se não existe nenhum choque de aviso atrás da minha orelha. Quando não chega nenhum, atiro com a poltrona lá para fora.

Afasto-me para trás e admiro o meu trabalho. Está fora do meu quarto. Mas se continuar ali nunca vai sair do meu pensamento. Tenho que retirá-la de vista.

Ajeitando o meu robe para ter a certeza que não sai do sitio, estou decidida a puxar a poltrona pesada para fora de vista.

Os pés dela fazem um barulho terrível contra o pavimento de cimento. Eu cerro os dentes e aguento.

Enquanto estou a puxar a poltrona com dificuldade, arfando sem qualquer noção da minha direcção colido com alguém que não sabia que estava ali.

Eu viro-me, assustada e o meu coração pára quando encontro o Stonehart olhando para mim, com um sorriso de divertimento nos lábios.

“Jeremy,” digo, nervosa. Estou finalmente, ciente da minha figura ridícula. E o quão fácil será para ele zangar-se perante a minha situação. “Eu não te esperava aqui.”

“Não,” diz ele, a sua voz calma e os seus olhos brilhando de riso, “claramente, não me esperavas.” Ele olha sobre o meu ombro para a poltrona. “O que estás a fazer?”

Eu aguço a minha audição para tentar encontrar traço de malícia na sua voz, mas não encontro nenhuma. Acho que estou tão acostumada que tudo o que faço desagrada-o, que quando ele não está é um choque.

“Hum,” suspiro e afasto uma madeixa de cabelo dos meus olhos. Eu olho de relance para a mancha no assento e empalideço. “Eu queria limpá-la. Aqui fora,” minto.

O Stonehart ri-se. “Sozinha?”, pergunta. “Sabes, temos criados para isso.”

“Eu não queria incomodar a Rose,” respondo.

“Ela não. A mulher matava-me se eu sugerisse algo do género.” diz ele.

“Ela o... *quê?*” digo eu surpresa pelo comentário.

“Ela não o faria,” confidencia. “A Rose diria que era absurdo. Já a viste zangada?” brinca ele.

“Não imagino uma adversária mais formidável.”

Eu olho para ele fixamente. Aqui está ele, falando como se as últimas semanas não tivessem acontecido. Falando comigo como se eu fosse um ser humano normal.

Nunca vou ser capaz de entender como funciona este homem.

“Eu notei o teu esforço lá de cima.” Ele gesticula mostrando a janela do seu quarto. “Pensei vir cá baixo e oferecer a minha ajuda.”

“Tu, ajudar-me?” pergunto, aterrada.

Ele ri-se novamente. “É uma tentativa para ser cavalheiro, Lilly.”

Eu cerro os olhos em suspeição.

“Então, o que me dizes?” continua ele. “Queres a minha ajuda ou não? Mas, vendo o estado da poltrona, não sei se vais ter sucesso em limpá-la. Posso sugerir uns estofos novos ou talvez uma nova?”

Os seus olhos encontram os meus. Alguma daquela inteligência que me impressionou quando o conheci pela primeira vez mostra-se. “Acho que não estás desejosa de passar mais tempo naquela poltrona.” diz suavemente.

Eu aceno, atordoada. “Tens razão. Obrigado pela oferta, Jeremy.”

“Claro.” Ele segura na poltrona pelas costas e levanta-a com se não tivesse peso. Olha de relance para mim e eu noto no seu olhar jocoso. “O teu robe está a desprender-se” diz ele. Os seus olhos brilham olhando para baixo. “Os teus seios estão à mostra.”

Capítulo Quatro

Enquanto sigo o Stonehart, com os meus braços cruzados e firmes, ele atualiza-me nos assuntos que perdi durante a minha “*ausência*”. Ele usa esse termo como se eu tivesse feito uma visita agradável às Bahamas.

A sua aquisição da empresa Dextran Technologies foi concluída. Ele despediu o Esteban e contratou um CEO interino. Oficialmente, diz-me ele, uma busca está a ser feita para encontrar um substituto permanente. A maneira como ele me olha diz-me que ele não tenciona que a busca vá longe.

Ele não quererá contratar-me ainda pois não? penso eu. Porque quer ele que pense assim? Esta anedota já deixou de ter piada.

Ele deixa-me sozinha para que eu me arranje. Eu uso o perfume no meu pescoço e atrás das minhas orelhas, e depois, coloco um vestido sem alças vermelho. É aquele que eu usei quando deveria ter esperado o Stonehart.

Quando saio do meu quarto pelas seis menos um quarto, encontro a Rose esperando por mim no lobby. Ela corre para mim, esquecendo todas as aparências, e envolve-me num longo abraço.

“Estive tão preocupada consigo,” sussura no meu ouvido enquanto me aperta. Os seus olhos estão húmidos com lágrimas por verter. “Tenho perguntado ao sr. Stonehart pela por si todos os dias. Ele disse-me que não poderia receber visitas até ordem de contrário. Eu *sabia* que algo horrível se passava. E todas aquelas câmeras malditas...”

Ela pára de falar e um olhar de medo passa pelo seu rosto. Abana a cabeça e continua, mais calma. “Todas aquelas câmeras malditas não me ajudam em nada porque não tenho acesso às suas gravações. Eu não tinha ideia do que teria acontecido consigo. Oh! Mas olhe para si, toda bonita. Eu sabia que nada iria quebrar o seu espírito.” segura na minha mão e encaminha-me para a sala de jantar.

O Stonehart está sentado à mesa, ao lado de um homem que já tinha visto mas que não tinha conhecido ainda. Foi ele que viajou com a Rose da casa de visitas.

Ambos se erguem quando eu entro. O Stonehart sorri e diz, “Lilly, este é o Charles. Ele pede desculpa não ter-te conhecido antes, mas ele leva o seu tempo até conseguir falar com estranhos.”

O Charles faz uma vénia.

“Prazer em conhecê-lo, Charles.” digo eu, estendendo a minha mão.

Então, algo de estranho acontece. Invés de tomar a minha mão, o Charles olha para o Stonhart, quase como se estivesse a pedir permissão. O Stonehart acena e começa a fazer uma serie de gestos com as mãos.

Linguagem gestual, penso, espantada.

Um sorriso aparece na face do Charles. Ele faz uns gestos com as mãos e depois, toma a minha mão e aperta-a usando ambas as suas.

E, antes que eu pudesse dizer algo, faz uma vénia novamente e sai da sala.

“O Charles foi sempre muito tímido.” diz a Rose atrás de mim. Eu olho para ela. “Demorou uns bons dois anos antes que ele olhasse para mim, quando começámos a trabalhar para o sr. Stonehart.”

O Stonehart dá uma gargalhada e afasta um madeixa da minha face. “Mas ele é o melhor chef que eu já tive o privilégio de conhecer.” diz ele. Sento-me na cadeira bastante surpreendida. Tudo isto parece tão normal. Até bastante doméstico. Nada deste comportamento dá nenhuma pista à forma com o Stonehart me tratou durante semanas.

O Charles traz as entradas passado pouco tempo. Fico surpresa por vê-lo sentar-se também, ao lado da Rose. Quando ela pega na sua mão, um sorriso nasce nos meus lábios.

Eu tinha razão.

O Stonehart aclara a sua voz. Todos olhamos para ele. “Vamos dar graças?” pergunta.

A Rose sorri e estende a sua mão. Ele toma-a e pega na minha com a sua outra. Estou tão surpresa que a única coisa que faço e estender a minha mão livre e pegar na do Charles.

Tudo acaba num abrir e fechar de olhos. Depois do Stonehart dar o seu discurso, inclina-se para mim e diz, tapando a sua boca com a mão, “Eu não sou um homem religioso.”, olha para o Charles e diz “mas ele é e esta foi a única forma de ele concordar em juntar-se a nós para jantar.

Aceno levemente, ainda apreensiva. Sinto-me tensa e ansiosa com tudo isto. Não parece real. Tem que ser uma farsa.

Mas como é que o Stonehart encontrou na Rose e no Charles atores tão voluntariosos.

“Sabe menina,” diz a Rose quando começamos a refeição. “Á tanto tempo que desejava vê-la. Não pode ficar tanto tempo longe de nós novamente.” Ela olha para o Stonehart de forma breve. Tenho a certeza que ela sabe quem é o culpado.

Mas porquê a farsa? Porque não pode dizer o que realmente pensa?

Porque não me ajudou?

A única razão que encontro é que o Stonehart tem algo contra ela. Ele é um manipulador nato. A lealdade inabalada da Rose deve ter a haver com algo que ainda desconheço.

O Stonehart sorri enquanto leva o vinho aos lábios. “Tens uma aliada formidável na Rose.” diz-me. “Sabes que ela ameaçou em despedir-se caso não te visse neste jantar de Natal hoje?”

Engasgo-me num pedaço de comida. *É Natal?*

Sinto os olhos de todos enquanto me recomponho. Bebo um pouco de água para recuperar a minha voz e olho para a Rose. “Fez mesmo isso?”

Um tom rosado aparece na sua face. “Não foi nada” diz ela.

“Oh não,” disse o Stonehart. “Foi realmente algo. A Rose invadiu o meu escritório, enquanto eu estava numa conferência por chamada e fincou o seu pé. Disse que ou via-te no Natal ou seria a última vez que a viria.”

Segurando o seu copo de vinho levando-o aos seus lábios diz “Ela é uma negociadora implacável. Não tive qualquer hipótese.”

Olho para o Stonehart e depois para a Rose sem perceber. Qual é a base do seu relacionamento? O Stonehart *não pode* ser apenas o seu empregador. Tem que haver mais.

O Charles sorri durante a nossa conversa e pega na mão da Rose novamente. Onde se integra ele no meio disto?

Depois de terminármos as entradas, o Charles levanta-se e traz o maior peru que alguma vez vi. Tem um tom dourado tostado por fora, com molho de arando saindo do seu interior.

O Charles olha com um ar orgulhoso. Então faz uma serie de gestos rápidos que o Stonehart traduz para meu benefício.

“Ele diz que fez especialmente para ti.”

Eu pestanejo, espantada. Um pouco de esperança renasce em mim.

O Charles fez este peru para mim. A Rose ameaçou despedir-se por minha causa.

Talvez as coisas não sejam tão sombrias como parecem.

O jantar continua com bebidas e comidas deliciosas. A Rose e o Stonehart conversam como velhos amigos, enquanto que o Charles gesticula os seus comentários para ambos. O Stonehart tem o

cavalheirismo de traduzir para mim.

Além disso, eu tento passar despercebida. Não tenho nada para dizer ao Stonehart, não à frente de outras pessoas.

No entanto, a meio do jantar, encontro-me em conversa animada. O vinho está a exercer os seus efeitos em mim. A minha reserva está a ser substituída por um entusiasmo curioso que existe, nada mais do que estar rodeada de pessoas novamente.

Penso como ou porquê o Stonehart aprendeu linguagem gestual. Foi só para o benefício do Charles?

Decido perguntar-lhe.

Ele pestaneja quando ouve a minha pergunta. A alegria desaparece da sua face.

“A minha mãe perdeu a audição quando eu tinha dez anos.” diz. Por um segundo, ele parece surpreso por ter-me contado. Depois os seus olhos escurecem. Ele olha para mim, como se tivesse a ver-me pela primeira vez.

Um pingo de medo sobe por mim a cima assim que me lembro quem sou realmente.

A Rose apercebe-se da conversar e salva-me a tempo. “Então Lilly,...” pergunta, “...já pensou o que vai fazer na sua viagem?”

“Viagem?” pergunto. “Qual viagem?”

“Oops.” a Rose cobre a sua boca com uma mão. Mas os seus olhos brilham e ela não se parece, nem um pouco, a sentir culpada.

O Stonehart aclara a sua voz. “A viagem,” diz, “a Lilly não era suposto saber disso até amanhã de manhã.”

“Parece que agora já sabe,” diz a Rose sorrindo para ele, bebendo um pouco de vinho.

“Parece que sim,” concorda o Stonehart. Não ouço desagrado na sua voz. Talvez uma pequena irritação, talvez, mas provavelmente poderá estar a ser interpretada erradamente pelos meus nervos da conversa de à pouco.

“Qual viagem?” pergunto novamente ao Stonehart.

“Era suposto ser a tua surpresa de Natal,” diz ele.

“Oh não amies Jeremy,” repreende a Rose. “Não é um bom estado para ti.”

Os meus olhos alargam-se em choque virando-se para ela. A Rose repreendeu o Stonehart? E não apenas isso, ela *também* o chamou pelo nome próprio?

Inacreditável.

O Stonehart parece tão surpreendido como eu. Mas esconde rapidamente, dando uma gargalhada.

“Tens razão Rose.” diz ele. “Como sempre, tens razão. O que seria de mim sem ti? Não sei.”

Ela ajeita-se na sua cadeira, orgulhosa de si mesma.

O Stonehart pega na minha mão. A minha respiração falha, é a primeira vez que ele me toca desde que demos graças. Penso que parte da minha reacção é pela apreensão que cresceu por todas aquelas noites passadas no escuro.

“Amanhã,” diz suavemente, olhando-me diretamente nos olhos, “eu tenho uma viagem de negócios planeada a Portland. Eu estarei ocupado durante o dia, mas fiz certas preparações para te juntares a mim. A Rose ajudou-me a preparar certas atividades que, diz-me ela, irás gostar bastante.” Ele olha de relance para ela e ela sorri de volta.

“Isto,” continua depois de uma pausa, “se tiveres disposta a vir comigo.”

“A minha mente para incrédula mas maravilhada. Uma viagem? Fora do estado? *Para Portland?*

E, mais impressionante que isso, ele está a perguntar-me? Não a dizer-me, mas realmente a perguntar-me?

Qual é a condição? pergunto-me.

Molho os meus lábios antes de responder. A Rose está a observar-me com uma expressão esperançosa na sua face. O Charles está a sorrir amplamente. E o Stonehart?

Bom, o Stonehart está a olhar para mim de uma forma que me lembra quando um rapaz está a convidar uma rapariga para um primeiro encontro. Expectativa mescla-se com incerteza na sua face. Dá-lhe um ar tão suave e agradável e é tão diferente daquilo que esperava dele que estou a dizer, antes de pensar, “Jeremy, claro que vou contigo. Adoraria ir.”

Um grande sorriso aparece na sua face. Ele bate palmas. O barulho acorda-nos para o presente.

“Fantástico,” diz ele. “Simplemente maravilhoso.” Ele inclina-se e beija a minha cara. “Rose, sua mãe, sabias o quão nervoso eu estava para perguntar-lhe isto e forçaste na mesma.”

A Rose retorna com um satisfeito sorriso, escondido pelo seu copo. “É o que faço melhor.”

Capítulo Cinco

Com a segurança que existe pela companhia do Charles e da Rose, o resto da noite desliza como um cocktail de jovialidade com bebida e alegria.

Não me recordo da última vez que me senti tão livre de preocupações. Uma grande parte deve-se ao vinho que tomei.

Depois do jantar, os quatro passamos de sala em sala na enorme mansão. Existe música a tocar nos alto-falantes escondidos nas paredes. O Stonehart mostra-me uma árvore de Natal enorme que ele mandou colocar na sala principal. Chega ao teto e brilha com centenas de luzes. Nunca tinha visto uma tão grande antes.

Numa altura indeterminada, a Rose e o Charles desaparecem. Eu apenas percebo quando estou sozinha com o Stonehart na sala. Sinto-me imediatamente tensa e apreensiva. Este é o momento que temi durante toda a noite.

O Stonehart, que estava prestes a sentar a meu lado, sente a minha rigidez e afasta-se. Ele caminha para a parede oposta onde olha para a sua reflexão no vidro escuro.

“Então,” diz finalmente, virando-se para mim, “acredito que te tenhas divertido esta noite?”

Eu aceno, mantendo as aparências. Eu preciso de ser educada.

“Eu gostei bastante também,” diz-me ele. Ele parece estar-se a debater com algo. Os seus maxilares trabalham enquanto olha para mim.

Eu estou sentada como uma estátua.

“Ouve Lilly, Eu...” parando subitamente. Um momento mais tarde, ele tenta novamente.

“Eu não quero que me desprezes. Eu sei que é pedir muito. Mas eu tenho esperanças que ainda não seja tarde de mais.”

Alarmes soam na minha cabeça. As minhas unhas cravam-se nos braços da cadeira.

Ele suspira. “Não é normal admitir que estou errado,” diz. “Não é normal *estar* errado. Mas eu começo a pensar que , contigo estava.”

Eu tento permanecer passiva, mas as suas palavras despertam uma atenção em mim.

“É a tua força que me surpreende,” continua ele quando eu não falo. As suas costas ainda estão viradas para mim, mas eu consigo ver as suas feições no reflexo da janela. Parece em dor e em conflito. Dividido. “Quanto eu te trouxe para aqui, nunca pensei que pudesses aguentar tanto tempo.

Nunca tive tensões de fazer-te sofrer por tanto tempo.”

Ele dá uma gargalhada triste e olha-me de relance. Os nossos olhos encontram-se. Os dele desviam-se primeiro.

“Eu sei que tens sofrido, Lilly. Eu tenho-te observado naquele quarto. Eu vejo-te pelas câmeras. Quando eu apresentei-te o contrato, eu pensei que assinasses numa questão de dias. Uma semana no máximo. Nunca pensei que aguentasses mais que isso.

“Mas surpreendeste-nos aos dois. Ficaste firme na tua resolução por seis semanas. *Seis semanas*. São quase dois meses, Lilly. Isso foi...inacreditável.”

Ele pára de falar. Eu não me atrevo a mexer. Isto é o mais próximo que tivemos de falar sobre a minha... prisão.

Não posso interromper. Não agora.

“Os teus atos de desafio constantes fizeram-me ver o quão forte és realmente. E depois, quando disseste o meu nome à Rose, antes de eu o dar a conhecer. Bom isso também deixou uma grande impressão em mim.”

Ele vira-se para o bar. Retira um balão de vidro e despeja um pouco de whiskey. Oferece-me a garrafa.

Eu recuso, com receio que uma única palavra minha pode terminar esta confissão.

Ele encolhe os ombros e engole a bebida de uma só vez. Então coloca dois cubos de gelo e mais um pouco de whiskey, tomando, desta vez, o seu tempo mexendo a bebida.

Caminha até mim, mas não se senta a meu lado. Invés disso senta-se à minha frente. Inclina a sua cabeça para trás e olha para cima.

“Eu sabia que não irias quebrar facilmente”, continua finalmente. “Foi por isso que te tratei de forma tão severa. Os PCB’s, as minhas expectativas, as regras e a forma como me apresentei a ti, tudo isso servia para mostrar-te que eu estava no controlo. Eu tinha que preparar-te para as coisas que tenho planeadas para ti.”

“Que tipo de coisas?”, pergunto suavemente, não sabendo se quero ouvir a resposta.

“Grandes oportunidades.” Ele olha para mim e sorri. “Grandes oportunidades, Lilly. Oportunidades que nem imaginas. A oferta da Dextran é só o começo.”

“Quer dizer que isso era *real*?” pergunto. Eu já tinha expressado a minha incredulidade antes, várias vezes, mas Stonehart está num estado de espírito que nunca tinha visto. Um estado de espírito indulgente.

“Sim,” diz ele. Ele levanta-se. Nunca tinha o visto tão inquieto antes.

“Quando conheceste o Esteban,lembras-te do dia sim? Eu pensei que estávamos a fazer progressos. Eu pensei que, e perdoa por ser tão franco, que estávamos a criar uma relação de confiança entre nós. Era isso que esperava.”

Eu olho para ele incrédula. *Ele esperava confiança? Ele queria confiança*, quando, independentemente dos acontecimentos, a minha vida estava sob o seu controlo?

“*Que mais este homem precisa?*”

“Muito mais,” diz Stonehart. Tapo a minha boca quando percebo que digo em voz alta o meu último pensamento.

“Eu quero a confiança que uma jovem mulher oferece ao amor da sua vida. A confiança que marido e mulher partilham após cinquenta anos juntos. Uma confiança que te conforta e que te deixa segura, mesmo quando estás nos lugares mais sombrios deste mundo.”

Eu não precisei de fazer nada para mostrar-lhe a minha enorme descrença. Stonehart diz-me exactamente o que pensa com uma gargalhada seca.

“Claro que sabia que não tínhamos essa confiança. Eu sabia que nunca poderíamos tê-la. Mas isso não me impediu de ter esperança, Lilly, que um dia, poderíamos. Eu vi que as coisas estavam a mudar.”

“E depois, umas noites mais tarde, apanhaste-me com a...*Angelica*.” Ele sussura o seu nome. “Eu fiquei furioso. Não contigo mas comigo. Eu fiquei lívido por ser tão descuidado, por ser tão insensível, por ser um fraco. Eu não precisava *dela* quanto te tinha a ti.”

Ele dá uma nova gargalhada, embora pareça forçada. “Mas os hábitos antigos demoram a desaparecer. Como se diz acerca de burro velho? Não aprende novas línguas? E eu já não sou propriamente novo.”

“Eu sabia que eras tu assim que ouvi o barulho lá fora. Quem mais poderia ser? E quando fui ao teu quarto e encontrei-te na cama, eu sabia que estavas a tentar *enganar-me*.”

Um rugido nasce no seu peito. Eu fico desconfortável debaixo do seu olhar duro. “Isso não me deixou nada contente. Eu tentei conter a minha raiva, mas eu sabia que se eu fingisse não sabia o que tinha acontecido que iríamos parecer os dois uns idiotas. Mesmo assim! Eu quase deixei passar. Eu estava a ir-me embora quando vi as tuas pegadas no chão. Nessa altura, não tive escolha a não ser de castigar-te. Eu não podia ignorar isso.

“Mas lembras-te do que disse a seguir? Que, dali para a frente, sempre que te visse queria-te de joelhos e mãos no chão. Eu arrependi-me dessas palavras. No dia seguinte, quando saí, passei o

tempo todo a desejar que pudesse retirar essas palavras. Foi por isso, quanto retornei, que não levantei problemas quando não cumpriste com as regras.”

“Mas ignoraste-me.” disse eu.

“Eu estava a tentar salvar a minha dignidade.” diz com um suspiro. “Eu não podia deixar que me visse a vacilar nas minhas exigências. Isso mostraria que eu era fraco. E eu odeio fraqueza acima de tudo.”

“Isso mostraria que era *humano*” sussurei.

“Talvez. Mas eu não estava pronto para mostrar-te esse lado de mim nessa altura.” Ele vira-se para mim e avança. Os seus olhos estão fixados em mim enquanto o faz. Eu não me afasto, mesmo querendo muito.

O que ele faz a seguir deixa-me completamente surpresa. Ele *ajoelha-se*, e segura na minha mão. “Mas agora estou” sussura.

Eu sinto os meus olhos húmidos, pestanejo. Estou a chorar? Porquê? Nunca fui muito chorosa no passado...

Mas depois de ouvir o Stonehart falar, aflora-me todo o tipo de emoções. Vê-lo de joelhos assim deixa-me bastante emocionada.

“Podes perguntar-me o que quiseses.” fala junto da minha mão. “Deixa-me apenas terminar a minha história.”

Eu aceno, com dificuldades de conciliar estes acontecimentos com o Stonehart que conheço.

Ele levanta-se novamente e começa a caminhar pela sala. “Aquelas duas semanas separados pareceram uma eternidade. Aquela viagem maldita tinha que acontecer na altura que estávamos a fazer progressos. Eu andei preocupado o tempo todo que, quando regressasse, tivéssemos regredido.”

“Mas isso não foi a única coisa que me deixou perturbado. Demorou menos de um dia a sentir a tua falta. De alguma forma, tornaste-te a minha droga. Eu tornei-me viciado em ti. Eu precisava da minha dose.”

“Eu não fui eu mesmo durante toda a viagem. Tomei más decisões. Cometi julgamentos errados. Até os meus colegas comentaram. Tudo porque não conseguia tirar-te do meu pensamento.”

“Debati-me várias vezes sobre se deveria voar para casa para te ver. Outras tantas para te segurar nos meus braços. Nenhuma outra mulher teve esse efeito em mim.”

Eu olho-o incrédula. Não sei o que dizer.

“Quando o meu avião aterrou na Califórnia, a minha compostura desapareceu. Tinha esperado tanto tempo para te ver. Todo o fingimento desapareceu. Corri para casa, com o meu coração acelerado, disposto a pedir perdão pela forma como te tratei, por todas as coisas que te fiz, disposto a confessar todos os meus sentimentos por ti, para depois te encontrar.”

“A dormir” sussurei.

“Sim.” diz ele. “A dormir.”

Um silêncio forma-se entre nós. Não é confortável.

Depois de um minuto, Stonehart fala novamente.

“Não podes imaginar o desapontamento que senti. Encontrar-te dessa forma disse que os sentimentos que nutria por ti não eram correspondidos. Senti-me impotente. Tudo tinha sido uma ilusão. Não houve reciprocidade. Não me querias ver.”

Eu engulo em seco. Será esta a grande revelação das intenções do Stonehart que eu sempre quis saber?

“Eu pensei que acordasses. Eu pensei que talvez, eu esperasse. Mas enquanto fui esperando... e os minutos foram passando... uma fúria nasceu em mim. Eu estava furioso com a minha própria fraqueza. Dos sentimentos que nutria por ti.”

“Eu estava enganado. Nada tinha mudado. Pior ainda, depois de duas semanas separados, tínhamos regredido, tal como eu temia.”

“Eu não te queria perder. Mas sentia-te a escapar por entre os meus dedos. Portanto fiz a única coisa que podia, Lilly. Exerci controlo novamente. Eu tinha que o fazer, não percebes Lilly? Eu *tinha* que o fazer. Não me deste escolha. Eu tive que...” ele afasta o seu olhar de mim, “eu tive que deixar-te na escuridão.”

Ele aclara a sua voz. As suas palavras seguintes não são mais que um sussurro. “Quando estás na escuridão, com o colar ativo, eu sei que estás segura.”

Ele levanta a mão para parar o meu protesto antes que possa falar. “Eu sei a que soa isto. Eu tremo só de pensar no tipo de monstro que isto me torna aos teus olhos. Eu sei que tenho sido muito pouco gentil contigo, Lilly. Mereces mais. Mais daquilo que eu te tenho dado. Mas algumas coisas...” ele suspira profundamente, “...algumas coisas existem dum passado que desconheces.”

Ele senta-se direito e enfrenta-me. “Aqui tens. É um pedido de desculpa horrível, mas é o único que posso dar de momento.”

Os nossos olhos encontram-se. Atrás da escuridão que delimita a sua íris, eu vejo um tumulto de

emoções.

Pergunto-me se o mesmo olhar está espelhado nas minhas feições. Porque, esta *confissão*... está a deixar-me confusa.

Ele ergue-se. “O nosso vôo sai amanhã às dez.” diz ele. “A Rose irá acordar-te antes das oito. Ela irá preparar a tua mala.”

Ele aproxima-se de mim e pega na minha mão. Eu não me mexo. Sinto-me presa a este assento.

Ele leva a minha mão aos seus lábios. “Boa noite, Lilly-Flor” ele suspira. “E Feliz Natal. Eu espero que, a partir de amanhã, podemos começar um novo capítulo das nossas vidas.”

E sem mais uma palavra, ele vira-se e sai da sala, deixando-me a sentir como se tivesse sido atingida por um camião.

Capítulo Seis

A minha cabeça está demasiado ativa para conseguir dormir esta noite.

Eu reproduzo a conversa com o Stonehart sem parar na minha cabeça. Três ideias sobressaem:

A primeira é a sua súplica para eu não o odiar. Eu nunca pensei ouvir nada do género deste homem.

A segunda é a menção de esperança. Ele tem *esperança* que eu possa confiar nele. Ele tem *esperança* de poder confiar em mim.

A terceira é a promessa de um novo capítulo. O que isso significa. As regras foram abolidas? Ele está a levar-me com ele sem menção dos PCB's. Serão estas relíquias do passado?

Ele também me disse que eu posso fazer-lhe perguntas. As que quiser! E eu não aproveitei a oportunidade antes de ele sair. Mas, se ele for fiel à sua palavra, isso pode significar que as regras verbais do nosso primeiro encontro não se aplicarão mais.

Eu viro-me de lado e cubro-me com o cobertor. Olho para o mar. O luar é reflectido nas águas geladas e parecem estar a brilhar.

Eu não consigo imaginar o que terá acontecido ao Stonehart para me dizer aquelas coisas. É o mais próximo de um sentimento de empatia que vi o Stonehart a ter.

Eu não acho que ele estava com meias palavras. Porque estaria? As justificações para os seus atos fizeram pouco sentido mesmo assim.

Pouco sentido para alguém *normal*. Ele prendeu-me para eu ficar *segura*? Ele trancou-me para ganhar a minha confiança?

Não é assim que as coisas funcionam.

Outra coisa que ele disse, antes de sair, e que me deixou ainda mais confusa que nunca.

“Algumas coisas existem dum passado que desconheces.”

Estaria ele a fazer alusão à razão de eu estar aqui? À razão pela qual ele me escolheu como sua prisioneira?

Não posso ter a certeza. Mas eu sei uma coisa: o que quer que seja, é importante. A sinceridade que ele mostrou naquela explicação retorcida dos seus atos diz-me, sem a sombra de dúvida, que sou importante para ele.

Eu suspeito que era importante mesmo antes de vir para a Califórnia.

Porquê? e *Como?* são as questões que me atormentam enquanto adormeço num sono sem descanso.

Com os olhos turvos e um pouco grogue, acordo na manhã seguinte com a Rose a sacudir-me levemente.

“Menina Ryder, é tempo de acordar” diz ela numa voz suave, quase em jeito de desculpa.

Eu gemo e aconchego-me novamente. Parece que adormeci à uns minutos atrás.

“Menina Ryder, não pode esperar mais tempo. São quase nove e meia e...”

Eu sento-me direita, mais acordada do que tivesse bebido 5 Red Bulls de seguida.

“O vôo é às dez!” digo sobressaltada. “O Jeremy disse-me me vinha acordar às oito, e...”

“Calma, está tudo bem” diz a Rose, interrompendo-me. “O Sr. Stonehart viu que estava dormir profundamente e quis dar-lhe mais algo tempo para descansar. Vai num vôo em separado para Portland, que sai ao meio-dia.”

Alívio cresce dentro de mim. Mas misturado com um sentimento de incredulidade. O Stonehart mudou os seus planos por *mim*?

“Mas não deve demorar-se mais” diz a Rose. “Estamos a ficar apertadas de tempo. Se quiser, pode tomar um duche rápido. Eu já tenho a sua mala feita.”

Eu deixo a Rose conduzir-me para fora da cama. Coloco um robe sob os meus ombros enquanto conversamos. Mesmo tentando manter algum ar de formalidade que definiu as nossas primeiras conversas, ela não consegue deixar de quebrar essa formalidade algumas vezes.

“É maravilhoso vê-la novamente.” continua a dizer. “Oh, e estou tão animada pela sua viagem. Eu ouvi dizer que Portland não é a mais grandiosa das cidades, mas nunca fui lá, e já é tempo de sair de casa...”

Continuamos a falar, no mesmo tom e tema de conversa enquanto me visto e bebo o café expresso que ela me traz.

“Oh meu Deus!” exclamo assim que o primeiro fluxo de cafeína me acorda. “É Natal! Esqueci-me completamente Rose. Feliz Natal.”

“E para si também, querida” diz ela, com um sorriso envergonhado.

“Eu não tenho nada para lhe dar.” admito. Mesmo não tendo muito dinheiro no passado, sempre fiz questão de dar pequenos presentes aos meus amigos durante as alturas festivas. A grande maioria eram objectos futeis mas eram sempre apreciados. Eu gostava de ter algo para a Rose.

Ela sorri para mim de uma forma muito carinhosa. “Apenas vê-la saudável e feliz é suficiente para mim.” diz ela. “Agora, venha, por favor. A sua bagagem já está à porta e a limusine está à espera. O condutor está a espera...”

“Espere,” digo. “Onde está o Jeremy?”

“O sr. Stonehart foi no vôo das dez da manhã como planeado.” Diz-me a Rose. “Ele organizou para que o seu avião voltasse para apanhá-la para Portland esta tarde.”

Levanto os sobrolhos em surpresa. Então ele tinha mesmo que estar lá mais cedo. E mesmo assim, deixou-me aqui sozinha, apenas para deixar-me dormir mais umas horas?

“Isso foi muito atencioso da sua parte” murmuro.

“O sr. Stonehart pode ser um homem muito atencioso” diz a Rose, sorrindo orgulhosa.

Ela toca no meu ombro dizendo “Ele apenas precisa de ter as pessoas certas para incentivá-lo.”

Meia-hora mais tarde estou sentada numa limusine branca, pronta para sair da propriedade do Stonehart pela primeira vez.

Uma excitação nervosa domina-me enquanto o motor começa a trabalhar e o carro avança. Eu aceno para a Rose pela janela traseira e, com a mansão fora de vista, prego a minha face ao vidro para olhar para a estrada sinuosa que estamos percorrendo através das árvores.

Os portões aparecem à nossa frente pouco depois. São grandes, pesados e pretos. Muito negros.

Vendo aqueles portões faz com que a minha mão toque no colar à volta do meu pescoço.

Ainda está ali, claro. Mas tornei-me tão acostumada com a sua presença que raramente noto que está lá. E agora, de uma forma estranha mas inegável, sinto-a quase... reconfortante.

Diz-me que não estou a sonhar. Diz-me que *estou* realmente a deixar a propriedade do Stonehart, tendo ganhos os PCB's ou não.

Os portões abrem-se. A minha respiração falha quando passamos por eles. Deixo sair uma

gargalhada de alívio.

O condutor olha para mim através do retrovisor quando a minha gargalhada torna-se quase histérica. Eu não quero saber. Estou fora da propriedade. Estou realmente *fora* da propriedade.

Não existiu um choque. Não houve dor. O colar permaneceu desactivado, tal como disse o Stonehart.

Não podia estar mais feliz.

À dois dias atrás eu estava presa na escuridão, sem saber se iria ver a luz do sol novamente. E agora, estou aqui, sentada numa limusine prestes a entrar no trânsito caótico da Califórnia, como uma mulher livre, tanto quando possível claro.

Meia-hora mais tarde, chegámos a um aeroporto privado. Vejo um pequeno avião a jato próximo. A hóspedeira leva as minhas malas do carro e carrega-as para abordo do avião com a ajuda do condutor. Eu subo os degraus para a cabine e observo o que me rodeia.

É tão luxurioso quando eu imaginava. Mais ainda. Os assentos, são de um vermelho rico e cremoso. Um bar feito de carvalho escuro está instalado na parte de trás. Existe uma segunda hóspedeira atrás do balcão. Ela sorri quando os nossos olhos encontram-se.

“Bom dia, menina Ryder” anuncia numa voz clara e otimista. “Gostaria de algo para beber?”

Ela conhece o meu nome? Claro que sim. O Stonehart assegurou-se de isso.

Observo as garrafas chiques atrás dela. A minha cabeça lateja um pouco depois do vinho de ontem à noite. Além disso, quero estar sóbria para quando vir o Stonehart daqui a umas horas.

“Apenas água, obrigado” digo, e escolho uma cadeira ao acaso para me sentar. Ela traz-me o meu copo e eu tomo-o com um sorriso de agradecimento mas não o coloco logo nos meus lábios.

Estar totalmente sozinha, quer dizer sem o Stonehart, neste lugar parece surreal. Mais do que isso, parece que eu me estou intrometendo. Eu não pertenço em lugares, geralmente reservados aos ricos e famosos. Eu não pertenço em cabines de aviões a jato magníficos.

A hóspedeira, que estava lá fora, sobe as escadas e fecha a porta. O avião faz-se à pista e estamos a descolar uns minutos mais tarde.

Eu não tenho medo de alturas, mas nunca fui uma grande fã de voar. O meu corpo fica tenso com as mudanças de altitude. Eu relaxo apenas quando estamos bem lá em cima.

O voo para Portland acaba num ápice. Passo a maior parte do meu tempo olhando através da pequena janela circular. Eu não vejo mais nada excepto nuvens brancas. Ainda assim, algo acerca delas representa a promessa de uma liberdade genuína e real e apela aos meus desejos mais íntimos.

“O vento está a nosso favor.” diz-me uma das hóspedes. “Vamos chegar meia-hora mais cedo”, ela sorri como se fossem as notícias melhores do mundo.

Aterramos. A aterragem é um pouco atribulada, mas analisando toda a viagem, foi melhor que a descolagem. As portas abrem-se e sou atingida por uma lufada de ar gélido.

Agora, estou grata pelo casaco que a Rose colocou nas minhas mãos antes de sair.

Eu coloco-o nos meus ombros e desço os degraus. As minhas malas já estão a ser carregadas dentro de uma limusine preta que está à minha espera. Esta é um pouco mais curta que a última. Nunca pensei neste tipo de coisas antes. Mas parece, que as limusines vêm em tamanhos diferentes.

O condutor é um homem simples com mechas cinza no seu cabelo. Ele segura a porta para mim. Eu agradeço com um pequeno aceno e, feliz por sair do frio, entro.

Sou tomada de surpresa quando encontro o Stonehart sentado no outro lado da cabine, com o seu telemóvel na sua orelha.

Ele está encostado com um braço apoiado. Ele é o retrato da masculinidade e do à vontade.

Os nossos olhos encontram-se. Ele sorri para mim momentaneamente e continua, depois, com a sua conversa. A porta fecha com força atrás de mim fazendo-me sobressaltar. Stonehart nota, e noto um brilho de divertimento nos seus olhos.

Eu sento-me diretamente à sua frente, desejando que houvesse um pouco mais de espaço na cabine. *Eu pensei que ele tivesse reuniões hoje. Ainda assim, arranjou tempo para me ver.*

O carro começa o andamento. Eu fingo interesse no cenário que vai passando lá fora, mas a verdade, é que nada podia ser mais interessante do que ouvir a conversa do Stonehart. Ele fala de negócios, algo acerca de vender acções. Mesmo não fazendo a mínima ideia do contexto, tudo o que ele diz sobre a Stonehart Industries fascina-me.

Qualquer boato que eu ouça agora pode ser vital no futuro.

Fuga, penso eu. Consegui sair da mansão. O próximo passo é fugir de ao pé dele.

A chamada acaba cedo, infelizmente. O Stonehard desliga minutos após a saída do aeroporto.

“Desculpa-me estes momentos” diz ele. “O teu vôo veio mais cedo. Isto foi indelicado da minha parte.”

Dou uma pequena gargalhada. Não tenho a certeza de ter sido genuína ou se estou a representar um papel que o Stonehart deseja que eu represente. “Não tem problema, a sério.”

Mas o meu estado de espírito está muito melhor do que têm sido nas últimas semanas. Isso não é um ato. E é bastante óbvio o porquê.

“Tiveste um bom vôo?” Stonehart pergunta. “A Charlene deu-te algum problema?”

“Charlene? Quem é a Charlene”, pergunto franzindo a testa.

“A minha piloto.” diz o Stonehart, parecendo momentaneamente confuso. “Ela não se apresentou?”

Eu abano a cabeça negativamente. “Não”, eu olho para ele. “Tens *uma* piloto?” Ele responde com uma gargalhada rica. “É tão difícil de acreditar?”, “Talvez não” digo, “É que é tão diferente do estereótipo”

“É verdade”, concede o Stonehart.

“Obrigado por me teres deixado dormir mais um pouco.” Digo. “Eu disse à Rose que foi muito atencioso da tua parte.”

Ele levanta um sobrolho. “E o que disse a Rose acerca disso?”

“Ela disse que consegues ser bastante atencioso.” Faço uma pausa, debatendo dizer o restante ou não. Eu decido dizer. “Para as pessoas certas.”

“E tu, minha querida, pertences definitivamente a esse grupo selecto.” diz ele, sem nenhum indício de troça ou sarcasmo em sua voz.

Eu não posso deixar de sorrir.

“Mas eu tenho que me desculpar.” o Stonehart continua. “Estamos quase no hotel e eu tenho reuniões para assistir. Eu queria saúdar-te pessoalmente. Mas para além disso, temo não poder passar muito mais tempo contigo hoje. Antes de nos separarmos, gostava de falar sobre as regras desta viagem.”

O meu coração afunda-se. Eu sabia que isto viria, mas tinha esperanças de poder atrasar mais um pouco a sua chegada. Traz-me de volta da ilusão de liberdade que construí acerca desta viagem para a dura realidade.

“Mas antes” diz ele, retirando algo do bolso do seu casaco, “um presente. Para ti. Afinal de contas é Natal.”

Ele mostra-me uma pequena caixa preta e coloca-a à sua frente. É o tipo de caixa que poderá conter um anel ou bracelete caro.

Oh Deus. Engulo em seco. Espero que isto não seja um retorno aos PCB’s.

“Abre a caixa, Lilly” diz ele.

Eu tiro-a da sua mão estendida. A caixa tem um peso surpreendente. É sólida.

Eu sinto os olhos do Stonehart focados em mim. Algo muda no ar, e há uma solenidade súbita

entre nós. Eu tento não mostrar os meus nervos. E, depois de um momento de hesitação, eu levanto o topo da caixa.

Dentro encontro um lindo broche encastrado de joias com a forma de uma borboleta. As asas são feitas de rubis vermelhos e esmeraldas verdes. O seu corpo é de prata ou platina.

“Cores de Natal” diz o Stonehart. “Eu pensei que te ficariam bem para esta altura festiva.”

Eu sustenho a respiração. Ele ainda não mencionou se isto é um PCB.

“Dá-mo, deixa-me colocá-lo” diz o Stonehart.

Eu dou-lhe a caixa e deixo-o retirar a borboleta. Ele inclina-se para a frente. As suas mãos são seguras e rápidas enquanto desabotoa os botões do meu casaco expondo a blusa que tenho por baixo. A minha respiração falha enquanto ele afasta os lados do casaco focando-se no meu peito. Lentamente, ele coloca o broche no sítio.

Uma energia sexual intensa nasce entre os nossos corpos. Eu tenho uma vontade irresistível de beijá-lo.

Antes que eu possa dar azo ao meu desejo insensato, o Stonehart inclinasse para trás, quebrando o transe. Ele sorri.

“Fica-te bem, Lilly-Flor” diz suavemente.

“Obrigado Jeremy”, respondo, as minhas palavras saiem com um suspiro.

“De nada” diz ele. Ele levanta um dedo. “Agora, regra número um. Tens que ter esse broche contigo sempre durante a nossa viagem.”

Alarmes soam na minha cabeça. Eu sabia que existiria uma armadilha algures. Ele não faria esta regra se não tivesse significado.

“Porquê?” pergunto, mesmo não querendo saber a resposta.

“Porque” Stonehart sorri, “dentro está um pequeno microchip localizador. Transmite um sinal para o teu colar.” Ele retira o seu telefone, arrasta o dedo no seu ecrã, e encosta-se satisfeito. “Que está ativo desde este momento. Desde que o broche esteja a um metro de ti, estás livre de ir onde quiseses. Mas o momento em que fiques fora do seu alcance...” ele não acaba. “Eu acho que não tenho que terminar para compreenderes.”

Raiva e frustração crescem dentro de mim. Respiro profundamente para acalmar esses sentimentos.

Realmente Lilly, digo a mim mesma. Não é tão mau quanto parece. Esperavas mesmo que o Stonehart te deixasse à solta em Portland sem restrições.

Eu forço um sorriso, que espero, que ele entenda como genuíno. Sou sua prisioneira mais uma vez. Mas, na realidade, isso nunca mudou.

“Ok” digo. “O broche fica on está. E que mais?”

O Stonehart levanta os sobrolhos. “Assim? Sem protestos? Sem indignações?”

Encolho os ombros o mais casual possível. “Não.”

Ele dá um pequeno sorriso. “Muito bem. Ainda em que ultrapassámos isso. Embora, eu temo que te oponhas um pouco mais com a informação que se segue.”

Eu olho-o directamente. “Dispara.”

“A outra razão que precisas de manter o broche, querida Lilly, é porque contém um microfone também. Está a gravar tudo o que foi dito desde que abriste a caixa. Tudo o que disseres nesta viagem, tudo o que ouvires...” ele aponta para um auscultador no seu ouvido, “...eu também ouvirei.” Ele pausa para avaliar a minha reacção e continua.

“É apenas uma precaução, percebes. Eu estou a dar-te uma liberdade sem precedentes, e não quero que te sintas tentada a tomar decisões muito perigosas.” Os seus olhos focam-se em mim enquanto a sua voz se torna mais sombria. “Percebes do que estou a falar, Lilly?”

Eu mexo-me, desconfortável, sob o seu olhar. Eu percebo perfeitamente. Ele não queria que eu fosse à polícia ou que pedisse ajuda.

“Lembra-te que, em último caso, eu controlo o teu colar,” diz ele. “Se as palavras erradas saem desses lábios lindos teus, tudo o preciso de fazer é carregar num botão...” ele mostra-me o seu telefone. “...e ficarás a contorcer-te no chão.”

Bílis sobe pela minha garganta pelo modo casual com que ele fala sobre electrocutar-me.

A voz dele suaviza uma fracção. “Mas eu não quero que fiques preocupada acerca desta viagem. Quero que te divirtas. Usa apenas o teu senso comum Lilly e evitaremos acidentes.”

“Óbvio que não tenho nem tempo nem disposição para ficar a ouvir-te sempre, hoje, amanhã ou qualquer outro dia nesta viagem. É por isso que essa tarefa foi delegada para a Rose.” os seus olhos encontram os meus. “Asseguro-te,” diz suavemente “não queres testar a sua lealdade. Se testares...” ele pausa. “...o resultado será muito desagradável. Para ambas.”

Pigarreio e olho pela janela. Será a Rose a espiar-me? Bom, podia ser pior.

Embora, de alguma forma, sabendo os limites daquilo que posso fazer e sabendo que será a Rose a sofrer se alguma coisa correr mal é um dissuasor mais forte do que o próprio colar.

Eu viro-me para ele. “Eu percebo, Jeremy. Obrigado por me informares das tuas...precauções.”

“Claro,” continua ele. “tens que saber os parametros que governam o teu comportamento para esta viagem se eu espero que permanecas dentro deles.” Ele estende a mão para pegar minha. Refreio-me de a retirar quando os seus dedos tocam nos meus. “Não faças nada que me desagrade e esta viagem pode ser bastante próspera para ambos.”

E com isso, ele abre a porta e sai para uma rua atarefada em frente a uma torre de aço e vidro.

“Serás levada para o hotel, onde ficarás até à noite. Se preferires, eu dei permissão ao condutor para mostrar-te a cidade. Não poderás sair do carro mas não significa que não poderás fazer algum turismo do seu interior.”

Capítulo Sete

A emoção de estar em uma cidade nova é diminuída pelo facto de apenas poder experienciá-la do assento de um veículo.

Mesmo assim, tenho poucas razões para me queixar. O Stonehart falou sobre as regras sem ser muito desagradável. Mesmo que não goste delas, eu percebo a necessidade de estabelecer limites antecipadamente. Os parâmetros iniciais são essenciais para assegurar o cumprimento de ambas as partes no acordo.

Jesus. Paro de pensar. Começo a soar como o Stonehart!

Foca-te Lilly. Pensa! Digo a mim própria. *Estás fora da mansão. Procura uma maneira de fugir!*

Mas será uma fuga possível, agora? O colar ainda está no meu pescoço. O broche tem GPS para que o Stonehart me consiga localizar. Eu olho para a maneta da porta. Sem dúvida que está fechada. Eu não poderei sair do carro para o meio do trânsito.

E mesmo que pudesse, o que aconteceria? O colar mandar-me-ia para o chão, para me contorcer em momentos. Iria causar uma cena em público. Para qualquer espectador iria parecer que estava a ter um ataque. Iria perder a consciência. Alguém iria chamar os paramédicos. Depois iria acordar num hospital algures, longe e segura...

Não. Segura não. Longe não. O Stonehart iria encontrar-me. Ele ficaria furioso. Eu já vi a extensão da sua raiva.

Suspiro e encosto-me. Não posso fugir ainda. Eu preciso aguardar e esperar pela oportunidade perfeita. Eu não posso fazê-lo às cegas.

Além disso, quero fazer mais do que apenas escapar. Quero vingar-me do Stonehart por tudo o que me fez. Eu *preciso* de vingar-me do Stonehart por tudo o que me fez. Para ter essa oportunidade eu preciso de ficar perto dele.

Passo a hora seguinte instruindo o condutor pelas ruas. Portland é uma bastante pequena para uma cidade importante. Tem um certo charme antigo que eu adoraria... caso a pudesse experienciar fora do carro.

Passado algum tempo, aborreço-me por estar sentada na parte de trás do carro. Eu quero esticar as pernas. Peço ao condutor que me leve para o hotel.

Demoramos cerca de dez minutos a chegar lá. A minha mente vagueia para a conversa que tive com o Stonehart ontem à noite. Foi a mais honesta que tive com ele.

Ou talvez não. É difícil dizer quando este homem é honesto. Ele *parecia* sincero, mas tudo poderia ser uma nova tentativa para me manipular.

Chegamos ao hotel. É muito sofisticado, obviamente. Na garagem, o condutor leva as minhas malas e encaminha-me para um elevador privado guardado depois de um portão fechado.

Ele entra comigo sem uma palavra. Ele toca no botão mais alto do painel depois de inserir uma pequena chave. O elevador dispara para cima.

As portas abrem-se e mostram-me uma penthouse magnífica. O condutor coloca as minhas malas na entrada e faz um gesto com o seu chapéu. “Espero que aprecie a sua estadia, menina Ryder.” diz ele, e com isso desaparece por trás das portas do elevador.

Eu aguardo imóvel contando até sessenta. Viro-me e tento chamar o elevador. Sem sorte. A luz permanece desligada. O elevador é a única forma de sair desta suite. Parece que ficarei aqui até à chegada do Stonehart.

Eu volto para trás e olho para este novo espaço. A decoração é muito diferente daquilo que estou habituada da mansão do Stonehart. Invés do minimalismo elegante, é mais elaborado e vistoso. Quadros caros estão pendurados nas paredes. Os candelabros acima de mim são dourados. O piso frio de azulejo é coberto por tapetes persas caros.

Eu ando pela da suite para ter uma noção do seu tamanho. É enorme. Imenso. Não ocupa apenas um andar do hotel, ocupa dois. Uma zona aberta e ampla no segundo andar permite-me ver os quartos, da sala de estar.

Eu bocejo quando passo por uma luxuosa cama. Eu olho de relance para o relógio na parede. Mostra uns minutos depois das quatro. O Stonehart deve ficar a trabalhar por mais umas horas. E eu não tive direito a uma noite bem dormida.

Eu deito-me na cama e suspiro de alívio assim que o meu corpo toca no colchão macio. Verifico o broche para ter a certeza que não corre o perigo de cair. A seguir puxo um lado do cobertor e coloco-o por cima de mim, fecho os meus olhos e caio num sono tranquilo.

Algo vago e incerto acorda-me. Eu abro os meus olhos, e vejo o Stonehart encostado na soleira

da porta do quarto.

A minha respiração falha alarmada. Eu lembro-me da última vez que ele encontrou-me assim. Eu começo a levantar-me rapidamente, mas o Stonehart pára-me com gestos calmos.

“Permaneça calma,” diz ele. “Relaxa. Eu acabei de chegar. Não estás em perigo de me desagadares.”

Ele caminha para a cama e senta-se junto às minhas pernas. O seu fato justo acentua a forma do seu corpo e fá-lo parecer deslumbrante.

Ele coloca uma mão acima do meu joelho, na minha coxa. Mesmo através do tecido eu sinto o calor do seu toque.

Os seus olhos seguem o meu corpo. O seu polegar acaricia a minha perna. Os seus olhos encontram os meus. Eu vejo, o que pode ser um dos seus sorrisos genuínos.

“Olá,” diz ele suavemente. “Como estás?”

“Estou bem” digo após um momento, a minha mente ainda está um pouco confusa do sono.

“Eu tenho uma pergunta para ti.” diz o Stonehart. Ele toma a minha mão. “E tenho a mais genuína esperança que digas que *sim*.”

Um arrepio percorre-me quando ele leva a minha mão aos seus lábios e beija a minha palma. Ele larga-me mas mantenho a minha mão onde estava, acariciando a barba por fazer no seu queixo.

Isto é um sonho? Pergunto-me. Ainda estou a dormir?

“Qual é?” as minhas palavras são suaves, igualando o tom das deles. A melodia das nossas vozes dá uma aura etérea ao quarto.

“Estarias interessada,” começa ele, com um pequeno brilho nos seus olhos, “em acompanhar-me para jantar esta noite?”

“Onde?” pergunto.

O Stonehart sorri. “Aqui não, obviamente. Fora. Em público. Num restaurante magnífico à beira-rio.

Eu sento-me direita e olho para ele. “Estás a falar a sério?”

Ele sorri. “Claro que sim, doce Lilly.” Ele massaja a minha perna de uma forma lenta e sem pressa. “A reserva está feita. Tudo o que precisamos é a tua aprovação.”

“Então sim,” digo, mal podendo acreditar nesta conversa. “Sim” Eu adoraria jantar contigo esta noite, Jeremy.”

Ele acena. “Ainda bem” diz. Ele parece prestes a dizer algo mais, mas abana a cabeça negativamente e levanta-se. “Dou-te uma hora para de preparares. É tempo suficiente?”

“Demasiado tempo.” digo. “Eu não preciso de uma hora. Deixa-me apenas ajeitar o meu cabelo e ficarei pronta em...”

“Lilly.” diz o Stonehart, interrompendo-me. A sua voz é firme mas gentil. “Eu disse que não há pressa. Demora uma hora. Toma um duche. Não precisas de estar nervosa comigo. Não hoje.”

Ele volta-se para sair do quarto.

“Espera.” eu chamo-o. “Vão haver... regras?”

Ele pára subitamente. Quando fala não olha para mim, mas directamente para a frente. “Regras” diz. “Sim, Lilly. Vão haver regras. Eu espera informar-te delas na viagem.”

Ele olha-me de relance. “Eu não quero que te perturbes com esses assuntos ainda.”

“Eu acho que seria...”

“Não Lilly!” desta vez ele ordena. “Eu disse que falaríamos mais tarde e é isso que vou fazer. Não me questiones.”

“Ok.” Eu sussuro. Não quero provocá-lo, não quando ele está a tentar controlar-se. “Hum, Jeremy? Quando eu tomar um duche, o broche...?”

“Foi desactivado no minuto que entraste nesta suite. Assim com o colar. Quando estiveres aqui não precisas de te preocupar com as coisas que dizes. Não é como se tivesse aqui alguém para falar contigo.” Ele volta-se e olha para mim. “Para referência futura: quaisquer residências que visites comigo, que são minhas iram funcionar da mesma forma.”

“Queres dizer...” eu cerro os olhos ligeiramente, incrédula, “...que tencionas levar-me a outros lugares?”

“Desde que o teu comportamento fora da minha mansão de San Jose continue a ser exemplar,” ele pausa. “claro. Existe um mundo lá fora que construí à minha imagem. Seria uma pena enorme não o poder partilhar contigo. Eu quero-te a meu lado, Lilly-flor, e quero mostrar-te as maravilhas que me deu a Stonehart Industries. Eu tenho propriedades no mundo inteiro: Resorts, outras mansões, villas lindíssimas. Elas não têm sido muito frequentadas. Tenho estado à espera de algo..alguém... com quem partilhar estas coisas.”

“Eu?” pergunto, quase certa que isto será outra brincadeira, como o emprego na Dextran.

“Sim, minha querida. Tu” Ele ri. “Não deves ficar tão surpreendida. Não pensavas que eu iria deixar-te presa para sempre. Como poderia? És tão bela, tão preciosa. O teu brilho exige ser

compartilhado com o mundo. Eu tenho participado em galas e eventos com dúzias de mulheres deslumbrantes. Mesmo assim, nem uma chega aos teus pés.” Ele toca no seu coração. “Não no meu coração.”

Com isso, ele volta-se novamente para sair. “Um hora Lilly. A começar agora. Mas por favor,” ele respira fundo, de uma forma controlada. “não te atrases.”

Quarenta minutos mais tarde, depois de um duche, estou vestida num magnifico vestido de seda preto, pronta a sair. O meu pescoço contém uma linha de pedras preciosas. Eu suspeito que são diamantes. Quero dizer, porque não seriam? Mas eu não tenho experiência neste tipo de coisas para ter a certeza.

O broche está bem preso na minha alça esquerda. Dá cor que complementa o meu vestido muito bem. Se não representasse...

Não. Paro de pensar desta forma negativa. Eu quero aproximar-me do Stonehart. Esta viagem, este jantar, será a minha primeira oportunidade real em semanas de fazer isso.

Posso fingir que a última crise na escuridão não existiu. Não, claro que não. O que o Stonehart me fez...a maneira horrível que me fez sentir...nada disso pode ser esquecido. Mas eu não posso mostrar que tenho má vontade para com ele. Esta viagem para Portland, o jantar em público! É o primeiro passo tangível que dei com ele, possivelmente desde sempre. É progresso.

E mesmo assim...não posso deixar de sentir que alguma coisa não está bem. Parece quase que o Stonehart está a atrair-me para um sentimento de falsa segurança antes de retirar o tapete debaixo dos meus pés.

Eu reprimo um arrepio. Eu espero desesperadamente que não seja essa a situação. E sei que preocupar-me com isso não me vai levar a lado nenhum. Eu preciso de manter a minha guarda em alta, permanecer cautelosa... e não fazer nada que possa provocar outro castigo do Stonehart.

Entro na sala de estar e encontro-o encostado numa grandiosa poltrona olhando para a cidade lá fora. Ele mudou-se para um smoking preto imaculado, enquanto eu estava a tomar banho.

Eu paro, e por uns segundos olho para este homem. Ele não percebeu que estou ali ainda. Esta pode ser a primeira vez que olho para ele sem ele perceber.

Ele está mesmo... apetitoso. Uma das suas mãos está preguiçosamente puxando um botão de

punho no seu outro pulso. O seu perfil é tão perfeito que faria um escultor chorar. Tudo, do maxilar angular ao o nariz proeminente, aos profundos mas belos olhos, fazem dele uma imagem do esplendor masculino absoluto.

E agora, ele está com as defesas em baixo. Este é um raro vislumbre do Stonehart quando pensa que está sozinho.

De alguma forma, torna tudo o que ele é responsável secundário à sua presença. Não há nenhuma pretensão com ele agora. Sem máscaras. Não tenho que descortinar quem ele é o que o quer. O que vejo é a realidade: o Jeremy Stonehart, em bruto e inalterado.

“Vais ficar a olhar para mim para sempre,” diz ele sem se mover, “ou vais das alguma indicação que estás aí?”

Ele vira a cabeça, e olha fixamente para mim. Sinto um calor intenso no seu olhar.

Pânico nasce dentro de mim. Aquele olhar tem apenas um significado: Que fiz algo de errado.

Antes que possa dizer alguma coisa, Stonehart saiu da cadeira e caminha a passos largos na minha direcção. Eu preparo-me para o que vem a seguir, o que será não sei. O que acontece ultrapassa qualquer expectativa.

O Stonehart coloca uma mão na minha cintura e beija-me com ferocidade. O beijo é uma mistura de lava fundida e paixão ardente. Ele não nunca me beijou assim. Nunca ninguém me beijou assim.

Calor consume-me e sinto o sangue a circular da minha cabeça para o meu corpo para corresponder da maneira mais natural. O beijo consume-me. Deixo-o fazer inteiramente.

Quando ele pára, as minhas pernas tremem. Os meus lábios estão ligeiramente inchados do assalto. E consigo sentir um calor palpável na minha face e peito.

Eu enganei-me acerca do seu olhar. Não era desagrado. Era desejo.

Como sou capaz de criar este tipo de paixão nele não sei. Ou porquê o meu corpo corresponde ao seu desejo, depois de tudo o que se passou.

“Estava com vontade de fazer isto à muito tempo.” Ele ruge. A sua voz é um sussurro rouco. “E quando te vi sair, não pude esperar mais.”

Ele acaricia-me a face. O seu polegar passa percorre a minha bochecha até aos meus lábios.

“Perdoa-me a minha falta de controlo.”

“Estás perdoado” digo, sem respiração pedindo por mais.

Este é o mesmo homem que deixou-te passar fome! Diz uma pequena voz na minha cabeça.
Este é o mesmo homem que...

Eu calo essa voz bruscamente. Eu sei quem o Stonehart é. Eu sei o que ele me fez, e as responsabilidades dele. Essas não são coisas que se possam esquecer. Mas quando ele me beija desta forma...quando ele deixa cheia de desejo, contra toda a lógica e razão... bom porque não hei-de de desfrutar?

E eu não preciso de me lembrar constantemente do passado. Depois da confissão de ontem à noite, o Stonehart parece disposto a virar uma nova página. Quem sabe onde isto poderá levar-nos? Tudo o que sei é que será infinitamente melhor do que qualquer coisa que tivemos antes.

Poderão existir problemas no futuro. Poderão existir outras ocasiões para ficar zangado ou vingativo. Mas não me quero preocupar com isso. Já aprendi a dar valor a estes momentos, preciosos e curtos, com ele.

Ele pega na minha mão. “Vamos?”

Eu aceno em silêncio. Eu não consigo me orientar com este homem.

“O gato comeu-te a língua?” pergunta ele, com um pequeno tom divertido na sua voz.

“Não” digo. “És tu.”

Esse comentário deixa Stonehart bastante sorridente. “Eu tenho um presente para ti,” diz ele, “mas estava a guardá-lo para mais logo.”

“Estás a mimar-me.” digo assim que esperamos pelo elevador. “Uma viagem para Portland. Jantar em público. O que vem a seguir, tirar o colar?”

Sinto o Stonehart a ficar tenso. Os seus olhos escurecem e todo o seu comportamento muda.

Idiota! penso. *O que te possuiu para dizer algo como isso?*

“Jeremy, desculpa-me” eu retiro o que disse rapidamente. “Foi uma piada, eu não quis...”

“Não.” interrompe-me o Stonehart com uma palavra suave mas mais afiada que uma faca. “Eu sei que querias dizer isso, Lilly e eu não quero que me mintas novamente. Eu sei o que o colar significa para ti. Também sei, tal como deves saber, que o colar nunca poderá ser tirado. Estou a levar-te a jantar para demonstrar alguma da confiança que eu falei. Mas isto...” aponta com um dedo ao colar, “...tem sempre que ficar onde está. Eu não tornei-me no homem que sou sem planear para contingências. O colar garante-me o teu cumprimento dos meus desejos...sem ter em conta a tua disposição.”

As portas do elevador abrem-se e o Stonehart passa por elas. Ele não olha para mim enquanto continua a falar. “Percebes a necessidade do colar, eu sei. És uma rapariga esperta. Se olhasses para as coisas da minha perspetiva não farias perguntas dessas.”

“Peço desculpa.” eu digo novamente. “Foi uma piada. Uma má piada.”

“Sim,” concorda ele. “Foi má.” Ele respira fundo e carrega no botão para descer. “Eu não quero a tua atenção distraída com essas coisas, Lilly.” diz ele. “Não hoje.” Ele olha para mim e pega na minha mão novamente. “Esta noite é reservada a nós os dois. Um homem e uma mulher apreciando a companhia um do outro. Mais nada. O que pode ser mais simples que isso?

O que pode ser mesmo? Pergunto-me. Não importa o quanto eu ou Stonehart podemos querer que as coisas sejam diferentes, a nossa relação nunca pode ser a preto e branco.

“Ok” digo, invés de dar voz às minhas dúvidas. “Eu posso fazer isso.”

O Stonehart sorri. Existe algo forçado no seu sorriso, penso eu quando o vejo, mas não tenho tempo para alongar-me sobre isso. As portas do elevador abrem-se e eu sou saudada por uma limusine, preta e longa, à espera na garagem.

Stonehart coloca uma mão nas minhas costas e encaminha-me para fora. Sinto o aroma da sua colónia quando ele abre a porta para mim. É diferente de antes... muito subtil mas bem definido. Um pouco de ácer e abeto. Não é uma combinação que me ocorreria mas funciona.

Pelo menos funciona para mim. Mas podem ser as feromonas.

Ele senta-se à minha frente e estica as suas pernas. O condutor começa a viagem assim que o Stonehart fecha a porta.

Ele observa-me. O seu olhar é electrificante.

“Sentes isto?” pergunta-me.

Eu pestanejo. “Sinto o quê?”

“A energia ... a vibração ... total entre nós. Nunca senti nada assim antes. Nenhuma outra mulher me afectou desta forma antes.” Ele inclina-se para a frente, muito intenso. “Diz-me que não sou só eu. Diz-me que sentes também, Lilly-Flor.”

Com toda a sua atenção focada em mim, como poss negar? Ele sabe como respondi ao seu beijo.

Uma onda de calor toma conta do meu corpo quando imagino o Stonehart atacando-me, rasgar o meu vestido e foder-me logo aqui na parte de trás da limusine.

Eu coro, e nervosa desvio o meu olhar. “Eu sinto-o.” admito envergonhadamente.

O Stonehart mudasse para o meu lado lentamente. Os meus batimentos aumentam com a sua proximidade. “O que sentes?” pergunta. Noto no seu tom de voz rouco. “Descreve-me o sentimento, Lilly.” A sua mão pousa acima do meu joelho. “Diz-me como faço sentir-te.”

A minha respiração torna-se mais rápida. Mais profunda também, fazendo os meus seios

elevarem-se a cada movimento.

“Eu sinto-me...perdida” digo. A mão do Stonehart aperta a minha perna. “Perdida em ti. No teu poder. Na tua masculinidade.” Essas são as palavras que tenho a certeza que ele quer ouvir, mas não é que sejam falsas. Não estou a fingir. Estou a dizer a verdade. “Dominas-me por completo, Jeremy. És maior que a própria vida. A tua presença...” engulo em seco quando a sua mão sobe pela minha coxa, para o local onde o meu sangue flui todo, “...faz-me sentir exposta. Vulnerável. Apenas para ti.”

“Sim” diz ele, colocando-se mais junto a mim. Eu sinto a sua respiração na minha face. A sua mão continua a subir debaixo do meu vestido. “E o que mais?”

“Eu...”

Sou interrompida com uma buzina que abana o carro. A limusine guina afastando-me do Stonehart e quebrando a intensidade do momento.

“Merda!” o Stonehart amaldiçoa. Ele vira-se e bate no vidro que nos separa do chauffeur. “Que raio foi isto?”

O vidro fumado desce. Uma voz vacilante responde. “Desculpe chefe. Um imbecil decidiu colocar-se à nossa frente. Quase que nos acertou.”

“Assegura-te que não acontece novamente.” rosna. A janela sobe novamente.

A esta altura, eu já estou sentada direita novamente. Mas o meu corpo está resentido da libertação da adrenalina. Sinto-me trémula, e não de uma maneira agradável.

O Stonehart olha para mim. Ele passa com a mão pelo cabelo. “Isto foi... lamentável” diz finalmente. “Desculpa.”

“Não podes controlar o trânsito.” Digo. “Não és um Deus.”

Os seus lábios formam uma pequena linha. “Não.” concorda. “Isso não sou.”

Sinto uma distância a formar-se entre nós. Eu não sei se fico agradecida ou desapontada.

Ele coloca-se na sua posição inicial. O seu maxilar fica tenso enquanto olha para mim.

“Temos que falar sobre as regras do encontro desta noite” diz.

“Oh.” A minha voz é um murmúrio. “Percebo.”

“Eu odeio retirar-te do momento mas é necessário.”

“Eu percebo.” secretamente, desejo que o seu corpo estivesse junto ao meu, com a sua mão subindo pela minha perna.

Endireito os meus ombros para mostrar que estou a prestar atenção. “Diz-me as regras para o

meu comportamento.”

“São simples.” diz ele. “Eu acredito que a simplicidade é o melhor para lidar com situações complexas. Um: quando estiveres a meu lado, não fales com ninguém além de mim. Se te perguntarem algo, responde com um simples sim ou não. Eu lidarei com situações mais complicadas. Tudo o que tens que fazer é sorrir.”

“Ok.” Digo. “Faz sentido. Eu consigo fazer isso.”

"Dois: Tomei medidas para garantir que não há ..." ele move a sua língua sobre os dentes, procurando a palavra certa, "...tentações para ti, no restaurante esta noite. Entendes que não deves revelar os detalhes ou o teu relacionamento comigo para ninguém. Além disso, a proibição de notícias do mundo exterior ainda permanece. Não vais encontrar televisores ou jornais no interior do restaurante. Os eventos atuais não devem ser de nenhuma preocupação ou interesse. Entendes?"

Eu entendo que o Stonehart calculista está de volta, penso eu. “Sim”, digo-lhe.

“Em terceiro lugar. Quero que te divirtas. Eu sei que este é um grande passo para nós. O teu comportamento hoje à noite vai determinar sobre como iremos agir quando voltarmos para a Califórnia. Vais estar no restaurante comigo, mas existirão outras pessoas em redor. Será a primeira vez que te vais encontrar em tal situação. Se ainda pensas em alertar alguém da sua situação...” os seus olhos movem-se para a minha boca, em seguida, para o broche, para em seguida, voltar ao colar, “... lembra-te do que ainda posso fazer contigo.”

Eu engulo em seco e aceno. Sinto o colar mais apertado do que em semanas.

Stonehart cede. Só um pouco. “Mas sinceramente”, diz ele, inclinando-se para trás, "Basta usar o bom senso. Quero ser capaz de confiar em ti, Lilly, que não ajas contra mim. Levará algum tempo para que a confiança se desenvolva. Nós vamos chegar lá, eventualmente. Daremos pequenos passos, em primeiro lugar. E se tiveres dúvidas sobre o que deves fazer, ou como deves agir ... é só perguntar. Eu vou estar lá contigo o tempo todo.”

“Eu posso fazer isso.” Confirmo-lhe.

O Stonehart não é parvo. Ele sabe o risco que ele está a tomar, saindo comigo hoje à noite. Sou eu que não posso estragar tudo. Mesmo que exista um vislumbre de uma hipótese de correr, ou fugir ... eu não vou fazê-lo.

Porque eu sei que ele vai me encontrar novamente. Ele vai-me encontrar, e ele ficará com raiva. Ele observa-me há anos. Se eu realmente quiser atacá-lo, eu tenho que ser paciente. Correr não me irá conceder nada.

Mas ganhar as boas graças do Stonehart? Isso irá dar-me-á a plataforma necessária para destruir

todo o seu mundo.

Stonehart ri. O som traz a minha atenção de volta para ele.

"Eu reconheço esse olhar", diz ele. "O que eu não daria para saber o que se está a passar dentro dessa tua linda cabecinha."

"Tudo o que tens a fazer é perguntar-me e eu digo-te a verdade", eu digo rapidamente, tentando desviar a atenção dos meus pensamentos culpados.

"Sim, mas não na íntegra. Não é verdade?" Stonehart alcança o mini-frigorífico. "Champanhe?"

O nosso hotel era praticamente no centro de centro de Portland, por isso, quando a limusine dá uma volta para longe da cidade, um sentimento de apreensão apodera-se de mim.

"Não disseste que nós jantaríamos perto do rio?", pergunto ao Stonehart. "Eu pensei que era do outro lado."

"E é", ele concorda. "Eu só planei primeiro um pequeno desvio. Espero que não te importes."

"Não", eu digo num murmúrio, mas meus pensamentos correrem em alta velocidade. Esta viagem foi-me apresentada como um passeio do hotel para o restaurante. Nada mais.

O que Stonehart terá planeado? Por que ele não me contou que não íamos diretamente para o restaurante?

Olho para ele. Ele mal tocou sua bebida, enquanto a minha já está meio vazia.

Eu coloco o copo de lado. Não vou permitir-me de beber mais do que ele. Se pensei que precisava de lucidez antes, apenas para o jantar, é ainda mais importante agora que nós estamos a parar noutro lugar primeiro.

"Posso perguntar onde vamos?" Eu arrisco.

"Podes." Stonehart sorri. "Mas eu não tenho nenhuma obrigação de dizer-te."

A resposta faz-me arrepios.

"Eu quero que seja uma surpresa", ele altera após um momento. "Não é nada desagradável, Lilly. Na verdade, eu acho que vais encontrar a experiência bastante esclarecedora."

Esse comentário realmente coloca a minha cabeça a trabalhar. O que será que o Stonehart considera 'esclarecedor'?

Acho que vou descobrir em breve.

Dez minutos mais tarde, viramos para uma estrada rural. Abetos alinham-se nos lados. Eles estão decorados com pequenas luzes de Natal a piscar. Apenas outro carro passa por nós durante todo o caminho.

Eu vejo as luzes do complexo primeiro. Elas iluminam a noite sobre os topos das árvores. Viramos mais uma vez, e os edifícios tornam-se visíveis.

Estes são pequenos e elegantes. Nenhum deles é mais alto do que dois andares. Eles têm um acabamento georgiano que faz-me lembrar um pouco de Harvard que eu vi quando Fey e Sonja me levaram sorrateiramente ao um jogo de futebol. Em redor do perímetro existe uma parede de tijolo maciço.

A estrada em que estamos conduz-nos ao portões de ferro forjado. Estes estão fechados. Eles começam-se a abrir, especificamente para nós, quando a limusine chega perto o suficiente.

Olho em volta para um sinal ou alguma coisa para me dar uma pista sobre o que é este lugar, mas não encontro nenhum. Mesmo o seu nome seria o suficiente para me dar alguma pista de onde estamos.

Eu olho para Stonehart quando passamos a cabine do guarda tripulada. “Onde estamos?” pergunto, a minha voz treme traindo um toque de ansiedade. “Que lugar é este? Um clube de campo?”

Stonehart levanta o sobrolho. “Não é bem assim”, diz ele. “Mas o teu palpite não está muito longe.”

“Bom, é uma espécie de comunidade privada”, digo. Tento fazer suplicar os meus olhos para ele. “Não me podes dizer por que estamos aqui? Tu próprio disseste que a confiança é importante.”

“É”, ele concorda. “E agora, eu preciso que confies em mim quando digo que estamos aqui por uma boa razão. Quanto ao porquê ... bom, não queres estragar a surpresa antes do tempo, não é?”

“Depois de tudo que eu vi, eu não sei o quanto eu gosto de surpresas,” murmuro.

Stonehart ouve o comentário. Ele sorri, inclina-se para frente para, em seguida, tomar as minhas mãos nas dele.

“Lilly”, diz ele, olhando-me profundamente nos olhos. “Na verdade, não há nada para te preocupares mais. É dia de Natal. Até mesmo os soldados na Primeira Guerra Mundial paravam os combates no dia do nascimento de Cristo. Realmente acreditas que eu iria estragar o que temos começado a construir, trazendo-te para um lugar desagradável?” A limusine pára perto de um dos prédios de tijolos e o motor desliga-se. “Tenho um amigo aqui. Fiz-lhe uma promessa, há muito tempo, que eu o iria visitar e conversar pelo menos uma vez todos os anos. Infelizmente, as

circunstâncias têm me impedido de tornar essa promessa realidade durante os últimos anos. Hoje à noite, em honra do espírito de Natal, espero fazer as pazes com ele. Eu levo minha palavra muito a sério. Se fosse qualquer outra pessoa, eu teria encontrado alguma outra forma de manter minha promessa, mas... bom, vais ver.”

O motorista abre a porta e o Stonehart sai. Ele oferece-me o seu braço, que aproveito.

“Não te esqueças do teu casaco”, diz Stonehart, entrando novamente na limusine para obter o casaco de peles que ele insistiu que eu levasse quando saímos do hotel. “Eu não quero que estejas desconfortável.”

A minha respiração faz neblina à minha frente do ar frio da noite. Eu ouço os sons de festividades no interior - pessoas a falar, louças a fazer barulho, música tocando. Demoro um segundo extra para processar o fato de que eu agora estou, pela primeira vez em muitos, muitos meses, a curta distância de audição de outras pessoas.

Estou com receio de ficar emocional. O fato de que estou a fazer isto com o colar do Stonehart no meu pescoço, e o homem ao meu lado, torna tudo mais surreal.

“Vamos lá”, diz ele, esmagando a geada com os seus passos. “É por aqui.”

Deixo-me guiar pelo Stonehart com a sua mão encostada nas minhas costas. Caminhamos em direção à frente do edifício e subimos os degraus de betão para a grande porta dupla de entrada. Ele pausa um pouco antes de chegar à porta.

“Eu devo avisar-te”, diz ele, “não te assustes. Alguns dos ocupantes no interior podem parecer um pouco...” os seus lábios curvam-se com desagrado, “... peculiares. Tentei garantir que não serás incomodada. Mas, como tão bem observas-te, eu não sou um deus. Eu não posso controlar tudo. Eu fiz o meu melhor.”

Antes que eu possa responder, e perguntar o que raio ele está a falar, o Stonehart empurra a porta, e os sons de uma grande festa embatem em mim.

As paredes do edifício devem ser muito grossas, porque no interior, o alarido é ensurdecedor. Talvez parte disso venha do choque de ver tantas pessoas reunidas num só lugar.

O lobby funciona claramente como a sala de estar. E as celebrações de Natal estão ao rubro. Há luzes de natal em todas as paredes. Uma enorme árvore fica de esquina com luzes vermelhas e azuis e brancas e com neve artificial. Pessoas jovens e velhas, embora na sua maioria, de idade, noto, movem-se em redor, conversando com amigos, merendando de snacks do mini-bar, em círculos de poltronas, ajuntam-se em torno de mesas de café, rindo. Existe um piano junto a uma parede, e alguém está a tocar uma versão animada de “Winter Wonderland”.

Eu vejo as pessoas casualmente vestidas com camisolas de caxemira, completas com os desenhos, horrivelmente tricotados com cores chocantes.

Ocorre-me imediatamente que este não é o tipo de lugar que eu jamais esperaria encontrar o Stonehart. Estas não são as pessoas que eu jamais esperaria que lhe fizessem companhia.

E, olhando-o rapidamente, vejo que estou certa. A mudança na sua face é subtil, mas eu tornei-me uma especialista em captar as suas complexidades que, para mim, são claras como o dia.

Eu vejo isso na rigidez extra da sua atitude. Na pequena tensão no redor dos olhos. Na forma como os lábios se comprimem, ainda que levemente, como se estivesse acabado de ouvir uma piada indelicada.

Tudo isso, eu absorvo num piscar de olhos. O que eu vejo a seguir assusta-me mais.

Nem tudo está bem nas festividades. Eu olho para as saídas principais do edifício e descubro cada uma ocupada por um guarda. Nenhum está de uniforme. Mas posso dizer pela sua atitude retraída, pela forma como os seus olhos observam a multidão, da maneira distraída eles interagem com quem está próximo que é isso o que eles são.

Outras coisas destacam-se também. Coisas pequenas e subtis, mas são o suficiente para fazer os cabelos na parte de trás dos meus braços em pé.

Por exemplo. As janelas. Os trincos estão equipados com grandes fechaduras sólidas. Sem uma chave, não existe forma de alguém ser capaz de os abrir a partir de dentro. Estes não têm barras da maneira que se pode encontrar numa prisão, mas os bloqueios servem, sem dúvida, a mesma finalidade.

Que tipo de lugar precisa ter um mecanismo de fechadura e chave nas janelas do interior?

Vejo também, bem escondidas por trás das várias decorações nas paredes, placas de cartaz com texto em linhas grossas. Eu não entendo todas as palavras, mas o tipo de letra e espaçamento faz-me lembrar dos avisos encontrados nas piscinas: não correr, proibido mergulhar na parte funda, esse género de coisas.

Por último existe o fato de que a nossa chegada não gerou qualquer atenção. Nenhuma das pessoas olhou para nós quando entrámos. E, com base nas nossas roupas, devíamos definitivamente ser dignos de atenção.

"Aqui", diz Stonehart, encaminhando-me para o lado e começar a caminhar em direção a uma dessas saídas. "Vem por aqui, Lilly."

Nós ficamos de fora da multidão de pessoas. Não só nenhum deles olha para nós, mas eu noto duas ou três conscientemente baixarem os seus olhos quando chegamos perto.

A estranheza de tudo isto definitivamente coloca-me nervosa.

O Stonehart faz um breve contato visual com o homem que eu tinha indicado como um guarda de segurança, e passamos por ele sem comentários ou interações. O corredor com que nos deparamos está estranhamente abandonado.

À medida que nos afastamos cada vez mais do lobby, um silêncio assombroso começa a substituir o alarido anterior. O Stonehart não fala. Logo, a única coisa que eu ouço é o som dos meus saltos altos a bater no piso de linóleo.

Viramos uma esquina para um segundo corredor vazio. Este, no entanto, tem portas que revestem os lados. Faz-me lembrar os corredores que encontramos nos apartamentos ou hotéis. Há uma cheiro de velhice no ar. Eu tremo.

“Que lugar é este?”, pergunto baixinho.

Os olhos de Stonehart faíscam. Ele não responde, mas só o olhar é suficiente para eu saber que algo está terrivelmente errado.

De repente, o colar parece que está ligado a um temporizador de contagem decrescente que vai acabar quer eu cumpra as regras ou não do Jeremy. Quer eu fique dentro dos meus limites ou não.

“Jeremy?” tento novamente, desesperada para ouvir uma única palavra dele que pode conter o crescendo do pânico em mim. “Onde estamos?”

“Num lugar que eu esperei muito tempo para te mostrar”, diz ele. Sua voz não é nem calorosa nem fria. Mas seus olhos... os seus olhos aterrorizam-me.

Eles têm o mesmo brilho de loucura que eu vi quando eu o conheci no restaurante para jantar, há muitos meses atrás. O vislumbre que sugere a sua crueldade, o seu sadismo, uma armadilha que está sendo colocada. O vislumbre que me diz que ele está no controle absoluto, e prestes a desencadear algum horror desconhecido no meu caminho.

"Por aqui Lilly-flor", diz ele, parando diante de uma porta. Minha respiração torna-se cada vez mais rápida. O suor escorre pelas minhas costas. E o braço de Stonehart na minha cintura serve como as algemas mais resistentes do mundo. "Nós chegamos finalmente."

Stonehart dá um passo para a frente, libertando-me. Ele leva o pulso para perto da macaneta. Um zumbido enche o ar, e a fechadura abre-se.

A última coisa que eu vejo antes do Stonehart empurrar a porta são as iniciais P.H. gravadas numa pequena placa de ouro, onde o buraco da fechadura deveria estar.

Capítulo Oito

No outro lado está um pequeno quarto. Stonehart guia-me com um pouco de pressão sobre minhas costas.

Está ocupada. Está um homem lá dentro, sentado na cama, de costas para nós. Como toda a gente, até agora, não olha para nós quando entramos.

A porta fecha-se por si só, atrás de nós. O zumbido soa novamente, fazendo-me saltar. Estamos trancados.

Somente quando os sons desaparecem o homem mexe-se.

A sua cabeça gira em nossa direção lentamente. Letargicamente. Como se toda a energia e vida tivessem sido retiradas dele.

Eu noto que o seu cabelo está cheio de cinza. A pele do seu pescoço está pálida. Ele é magro. Muito, muito magro.

O seu perfil fica visível. No momento em que isso acontece, meus joelhos dão de si. O braço de Stonehart aperta a minha cintura, segurando-me. Ele não me deixa cair.

Eu mal noto. O homem. Eu conheço aquele homem. É o...

“Olá, Paul”, diz Stonehart.

Eu não sei o que pensar. Eu olho, horrorizada. Aterrorizada.

Os olhos de Paul varrer-me sem reconhecimento. Claro que não. A última vez que ele me viu, eu era uma menina de onze anos de idade. Além do resgate da floresta, ele nunca me prestou muita atenção.

Mas eu reconheço-o. Claro que sim, após a minha primeira passagem no escuro. Foi quando a memória reprimida, real, da minha queda voltou.

Lembro-me claramente. O rosto de Paul, aparece na abertura acima da minha cabeça, encobrindo o sol. Aquele maldito corvo. O Paul, estendendo o braço, tentando chegar a mim, debaixo da terra. As palavras que vêm da sua boca:

“Dá-me a tua mão, criança!”

Comparando o rosto que eu me lembrava com o que eu vejo diante de mim agora enche-me de pavor imensurável. As características subjacentes são as mesmas. Ele tem o mesmo queixo largo. Os grandes olhos negros. A testa proeminente.

Mas a vis vitae, a força crítica da vida que concede a uma pessoa a sua personalidade... toda essa mudou.

Ele tem círculos profundos sob seus olhos. As suas bochechas são ocas. Descarnadas. A pele sob os seus olhos está frouxa, como se ele tivesse perdido muito peso muito rápido. Sua pele está branca como um fantasma. Parece que ele não vê o sol à anos.

A única coisa que eu sempre me lembrei sobre Paul era que ele era um grande homem. Ele tinha ombros como um lenhador, e uma gargalhada que poderia encher uma sala inteira.

Mas este homem ... esta versão do Paul que eu vejo diante de mim ... não possui nenhuma dessas coisas. Os seus olhos estão vazios e sem alegria. A sua cintura desapareceu. Ele parece pior do que um invólucro do homem que eu me lembrava. Ele parece-se como uma sombra distante. Um espectro. Um fantasma.

É demais para mim. Uma onda de tontura atinge-me, e eu encosto-me contra o Stonehart como um cone de gelado deixado muito tempo ao sol.

Os olhos escuros do Paul concentram-se no Stonehart. Ele pestaneja, como se não acreditasse. Então a sua face ilumina-se na mais pura das alegrias.

Ele levanta-se, de repente, cheio de energia, cheio de vida. “Doutor Telfair”, exclama. “É o senhor. É realmente o senhor!”

“Sim, Paul,” Stonehart diz suavemente. “Sou realmente eu.”

"Mas... mas como?" o Paul gagueja. "Porquê? Eu pensei que, depois de todos estes anos, que se tinha esquecido de mim. "

“Não”, diz Stonehart. "Eu não me esqueço dos meus amigos, e eu mantenho minhas promessas. Deve-me perdoar se minhas visitas têm sido menos frequentes do que eu gostaria. Eu estive ocupado.”

“Claro”, diz o Paul. “Eu sei que é um homem muito importante. Porque deveria ter tempo para mim? Mas, realmente...”, ele pára em frente do Stonehart, olhando para ele em adoração, ”... é uma honra vê-lo de novo, senhor.”.

“Por favor”, diz Stonehart. “Não precisa ser tão formal. Somos todos amigos aqui, não somos?”

“E você trouxe uma acompanhante”, diz Paul. Seus olhos dardam para mim. Mas nunca chegam ao meu rosto. Ele olha para o Stonehart antes que eu possa pestanejar. “Uma mulher bonita, senhor. Eu não tenho o prazer da companhia de uma senhora à um muito, muito tempo.”

Ele levanta a sua mão e alisa o cabelo despenteado. "Eu estou... Eu receio que não sei

exatamente como agir", ele confessa.

“Paul”, Stonehart diz, sorrindo largo, “deve relaxar. A minha convidada e eu viemos aqui para o ver. Convide-nos a sentar. Talvez uma chávena de chá?”

“Oh, claro, claro”, Paulo murmura, fazendo uma vénia estranha. Ele pirrageia, e fala de uma forma oratória. “Quer fazer o favor sentar-se comigo? Acabei de colocar a chaleira ao lume. Vamos beber um chá quente num minuto”.

Ele pestaneja, saindo do transe, e olha para Stonehart da maneira que um menino ansioso olha para o seu pai quando procura aprovação.

“Como é que eu me sai?”, Ele pergunta com a sua voz normalizada.

“Muito bem”, diz o Stonehart. “Estou satisfeito. E minha convidada e eu aceitamos graciosamente a sua gentil oferta.”

Paul sorri e faz uma nova vénia. Ele mostrando-nos o caminho, com as suas mãos de uma forma subserviente.

Nesta altura, eu já tive tempo suficiente para me recuperar. Eu faço uma análise do pequeno quarto. Existe a cama em que encontramos o Paul. Uma pequena janela está situada na parede oposta. Esta não parece ser possa ser aberta. Existe uma única poltrona, aparafusada ao chão. Uma pequena estante que chega a meio do teto que fica ao lado candeeiro que também está preso. Existe uma mesa com uma coleção elegante de cadernos em cima, junto com uma cadeira de escritório de couro escuro com rodas.

E é isso. Não há mais nada. Eu noto nalgumas gavetas debaixo da cama, que eu acredito armazenarem alguns dos pertences do Paulo.

Mas a chaleira? Não encontro nenhuma. Nem venho nenhuma ficha eléctrica que não seja do candeeiro.

O Paul encaminha-nos para a sua cama. Eu sento-me com o Stonehart atordoada, e observo, espantada, assustada e em silêncio, o Paul preparando três chávenas invisíveis com chá invisível usando uma chaleira invisível.

Ele leva a primeira chávena ao Stonehart, embalando-a nas suas mãos, como se fosse tão preciosa como um bebê recém-nascido.

Stonehart acede à ilusão, fingindo até trazendo o copo aos lábios e beber um gole.

“Este chá é muito bom” diz ele. O Paul olha por cima do ombro e sorri ao elogio. Em seguida,

ele carrega a próxima chávena para mim.

O meu estômago está em nós. O tempo desacelera até parar enquanto ele entrega-me a chávena. Ele mantém os olhos para baixo. “Cuidado,” murmura ele, “está muito quente.”

Digo algo mal inteligível enquanto eu aceito. Ambas as minhas mãos estão a tremer. Meus nervos são de rastos.

Eu já percebi porque as coisas eram estranhas na sala de estar. E agora já sei porque o Stonehart avisou-me antes de entrarmos.

Não estamos, simplesmente, numa comunidade com portões. Estamos numa instituição para doentes mentais.

O que terá acontecido ao Paul? Como é que ele acabou aqui? E mais importante que isso, o que terá ele a haver com o Stonehart?

Eu não tenho vergonha de admitir que, neste momento, tenho medo como nunca tive na minha vida. Estar presa na escuridão, mesmo da primeira vez, quando não sabia a identidade do meu captor, não se compara.

É um medo diferente, um tipo mais ameaçador que me consome agora. A maneira como o Paul responde ao Stonehart, o título que ele lhe dá, a maneira como o Stonehart me mostrou isto, a maneira com que ele me atraiu aqui com promessas de um jantar em público e toda essa mentira sobre a confiança...

Obviamente isto significa algo. Assim como meu cativeiro significa algo. Stonehart e eu tenho um passado em comum. Mas, é um que só ele conhece.

Isto é o que mais me assusta. Eu já vi a extensão em que Stonehart vai para conseguir o que ele quer. Ele escolheu-me por uma razão, e estou certa de que essa razão vai ser revelada muito em breve.

A razão não é o que me preocupa mais. As intenções do Stonehart sim. Eu vejo o Paul diante de mim, um fantasma do meu passado, oprimido, subserviente, mentalmente afectado, e isso me faz pensar...

Serei eu a próxima?

“Vá Lilly.” a voz do Stonehart traz-me à realidade das minhas contemplações. “Bebe o chá. O Paul sabe fazê-lo muito bem.”

Ao ouvir o meu nome, o Paul fica em choque. Eu ouço-o respirar profundamente.

“Lilly...” diz ele, sem se mexer. “Disse...Lilly?”

Os meus olhos focam-se agora no Stonehart. O homem a meu lado tem uma expressão de triunfo na sua face.

“Isso mesmo, Paul” confirma. A sua mão aperta o meu joelho. “Eu disse isso. Ela é a convidada que eu trouxe hoje para si.”

“Mas não...” as mãos do Paul tremem agora mais que as minhas quando ele me entregou a chávena imaginária. “a Lilly...*Ryder?*”.

Ele lembra-se, penso eu.

“Sim,” diz o Stonehart. “Ela mesma.”

Eu consigo senti-lo a divertir-se com este momento.

“Eu prometi que iria vê-la quando eu o deixei aqui. Lembra-se?”.

“Eu lembro-me” o Paul gagueja. Ele vira-se para nós.

Seus olhos pairam sobre mim por um momento antes de irem diretamente para o Stonehart. “É claro que sim. Lembrar-me? Hah!”, Ele ri-se. “Eu penso nisso todos os dias. Penso nela todos os dias. Mas eu ... eu nunca esperava tal presente. Um presente tão magnífico. Obrigado. Obrigado, Doutor Telfair, senhor!”

O entusiasmo é palpável em toda atitude do Paul. Ele está praticamente tremendo de alegria. Mas porquê? Por que ele está tão feliz por me ver?

E se ele está, porque é que ele ainda não me olhou nos olhos uma vez?

“Eu mantenho todas as minhas promessas, Paul,” Stonehart diz calmamente. “Não importa a que tipo de pessoas eu as faça.”

Paul encolhe-se ao ouvir isso. Existe uma espécie de dinâmica oculta entre os dois homens que me apavora. Estar nesta pequena sala, com o Paul, com o Stonehart, aterroriza-me. Mas eu estou presa, assim como uma borboleta numa rede.

Paul olha para o Stonehart novamente. Nervosamente, os seus olhos fixam-se em mim. O meu coração bate tão forte que eu tenho medo que saia do meu peito. Paul dá um passo para a frente, cauteloso, na minha direção. Em seguida, ele dá mais outro.

“Não não,” diz o Stonehart. Ele toca no lado do seu pescoço, abaixo da sua orelha. “Cuidado.”

O Paul para imediatamente e fica muito branco. Ainda mais branco que antes. Os seus olhos enchem-se de terror enquanto ele olha para o Stonehart. Inconscientemente, as suas mãos mexem-se para o seu pescoço.

Ele engole em seco e puxa a gola da sua camisola para baixo num movimento de ansiedade.

É quando o vejo. Por baixo da sua camisola, eu vejo...

Um pequeno colar de plástico preto. Tal como o meu.

Eu ofego. Minha mente não pára. Estou tonta.

Paul tem um colar também. Eu não sou a primeira pessoa a que o Stonehart fez isto.

Se o Stonehart percebe minha reação, ele não dá qualquer indicação disso. Ele simplesmente continua a falar, perfeitamente sob controlo, como se isso fosse o encontro mais normal do mundo.

“Sabe que é dia de Natal hoje, Paul?” Stonehart pergunta.

“Ele disseram-lhe isso aqui? Tem noção do tempo?”

“Dia de Natal,” repete o Paul, as suas palavras soam vazias. “Sim. Sim, claro que eu tenho noção.”

“É um costume existirem troca de prendas em ocasiões como esta,” dis o Stonehart. “Tem algo preparado para mim?”

“S-Sim claro. Eu tenho algo preparado.” Ele vira-se de costas e corre para a sua secretária.

Ele abre a gaveta de cima e vasculha-a, murmurando para si mesmo e balançando com a cabeça o tempo todo. Ele fecha-a com um estrondo e ataca a gaveta de baixo.

Os barulhos que ele faz intensificam-se, ficando mais altos, cada vez mais irritados, até que de repente, sem qualquer aviso, eles páram. Ele exala um suspiro longo, contente de alívio, e embala algo de perto nos seus braços. Então ele coloca-se em pé e vira-se.

“Agora não se ria.” Diz ele. Ele olha apenas para o Stonehart. As palavras dele são apenas para o Stonehart. Depois do aviso casual de à pouco é como se eu não existisse. “Eu fi-lo especialmente para si. Eu tinha um pressentimento que o viria em breve.” Ele ri-se. “E as minhas premonições tornam-se sempre realidade.”

Mas o Paul não está a segurar nada. Os seus braços estão vazios. Ele aproxima-se do Stonehart, com cautela e dá-lhe o presente imaginário.

“Humm,” diz o Stonehart. “Perdoe-me a pergunta Paul, mas eu não tenho a certeza do que é o presente.”

O Paul aparenta estar escandalizado. “É uma camisola de Natal,” diz na defensiva. “Não vê os padrões? Eu cozi-os na frente só para si.”

“Ah,” diz o Stonehart com um sorriso. “Peço desculpa. Eu devo tê-lo ao contrário.”

“Bom, não o coloque assim quando o vestir, seu tolo!” o Paul diz com uma gargalhada. O sentimento horrível no meu estômago continua a crescer. O Paul está doente. Ele está completamente

doente.

“Experimente a camisola, por favor.” O Paul pede. “Eu quero ver como fica.”

“Muito bem.” Diz o Stonehart levantando-se. “Lilly, seguras-me o meu casaco?” ele começa a desabotoar a frente. “Eu não gostaria de ver o meu casaco com rugas.”

Eu olho para ele, o ódio preenche cada célula do meu corpo. Stonehart é responsável pelo estado do Paul. Estou certa disso.

“Não” digo em desafio e furiosa. “Eu recuso-me a participar nesta charada mais tempo. Não enquanto não me disseres o que se passa!”

O Stonehart sibila uma maldição. Os olhos de Paul arregalam-se. E então, a coisa mais incrível acontece.

Paul cai no chão e começa a chorar.

O Stonehart agarra meu cotovelo e puxa-me para cima. O seu aperto é firme o suficiente para me magoar. Tento livrar-me do aperto, mas ele é muito mais forte do que eu. Os seus olhos ardem furiosamente.

Ele encaminha-nos até a porta, dando passos largos em redor do Paul. Ele leva o pulso perto da banda magnética. O scanner embutido na entrada lê seu microchip NFC biométrico e o mecanismo funciona abrindo a porta.

Ele abre-a com força e empurra-me lá para fora. Antes de fechar a porta, ele vira-se para o Paul e rosna, “Componha-se.”

Estamos sozinhos no corredor quando Stonehart vira-se para mim. Ele parece furioso. Além de lívido. Isto é pior do que eu o vi quando ele encontrou a pomba.

Ele abre a boca para falar, sendo o mais certo gritar, e fecha-a novamente. Ele respira fundo. Inspirando pelo nariz e expirando pela boca.

É tudo o que precisa para reconquistar a sua compostura. Os seus olhos estão ardentes, mas as suas palavras saem geladas.

“Não viste,” diz-me ele, “o quão *delicada* é a situação do Paul?”.

“Causaste isto?” eu digo quase entrando em erupção. Eu não tenho o nível de controlo, ou os anos de experiência aperfeiçoando as minhas emoções como ele. Tudo o que sei é que as minhas estão a arder como um fogo descontrolado. “Fizeste-lhe isto. Ele é assim por *tua* causa?”

O Stonehart tem a decência de parecer chocado. Apenas por um breve momento, mas ele reage à minha acusação. Talvez exista um pouco de humanidade debaixo das suas máscaras.

“Não Lilly” ele zomba. “Qualquer tipo de poder que me atribuas está longe demais da realidade. Eu não posso fazer aquilo a um homem.”

Mentiroso! Quero gritar. Eu *sei* que o Stonehart é responsável. É um conhecimento que vem do meu íntimo, das profundezas da minha alma.

Em vez disso, eu decido mudar o jogo. “Porque me trouxeste aqui?” exijo. “Porque é o que o Paul reagiu daquela forma quando disseste-lhe o meu nome? Porque têm ele medo de olhar para mim?”

“Certos hábitos foram enraizados muito bem no nosso amigo mútuo” explica o Stonehart. “Respeito e obediência são dois deles. É por isso que ele não olha para ti sem a minha expressa permissão. Sobre a sua reação? Esperava que ele próprio pudesse dizer-te. Agora, não saberemos quanto tempo irá levar para ele recuperar.”

Os olhos de Stonehart fixam-se em mim. Ele está desafiando-me para uma luta. Eu sei que ele não quer que eu seja dócil, não quando é tão claro como irritada eu estou.

“E então?” digo furiosa. “Não me avisaste. Não me deste nenhuma indicação de como gostarias que eu me comportasse. Tendo em conta todos os teus planos, Jeremy. Parece-me que este foi destruído.”

Um pequeno sorriso chega aos seus lábios. “É isso que pensas? Que eu deixaria este pequeno contratempo afectar aquilo que viemos aqui fazer? Não Lilly. Vamos alcançar tudo o que tencionava com o Paul. No entanto, o teu pequeno ataque vai atrasar-nos. Talvez falharemos o jantar.

“Oh, e isso ainda está de pé?” grito. “Tenho dificuldades em acreditar que a tua principal preocupação é falhar uma refeição. Nem penso que tivesses nenhum jantar planeado. Apenas disseste-me isso para que eu baixasse a minha guarda, para que eu fosse apanhada completamente desprevenida quando me trouxesses para aqui.” Digo olhando intensamente para ele.

“É assim que as coisas são, não é Jeremy? Eu não sou cega nem surda. Nem sou estúpida. Eu sei o quão importantes estes jogos mentais são para ti. Deleitas-te com a emoção de controlar, de manipular os outros. As interações humanas normais são um conceito estranho para ti. Eu sei que não conseguirias construir a Stonehart Industries no monstro que é hoje se fosse apenas um homem comum.”

O meu coração está acelerado. O sangue bomba a toda a velocidade. Todo o meu corpo está tenso com a mistura de adrenalina, raiva, desafio e... coragem.

Coragem é o que me permite falar abertamente. Ver o Paul lá dentro, vendo a pessoa miserável que ele se tornou traz toda a minha determinação de volta à superfície. Eu *vou* desafiar o Stonehart.

Eu vou provocá-lo. Eu vou fazê-lo ver que, se ele queria uma vítima passiva para a sua crueldade, que ele escolheu a rapariga errada.

A única maneira que conheço para afectá-lo, é mostrar-lhe isso também. Revelando as suas acções, o seu carácter a ele próprio sem suavizar nada. Fazê-lo considerar tudo o que ele fez, da perspectiva de outra pessoa.

“E não és um homem comum, Jeremy” eu acuso-o com veneno na minha voz. “És um monstro. Um sociopata. Deverias ser tu naquele quarto maldito...” Aponto para a porta. “...não o Paul.”

O Stonehart, enfrenta o meu discurso sem acusar qualquer tipo de emoção na sua face. A sua face de bluff está de volta, e isso torna-o impossível de ler.

Eu olho intensamente, aguardando que ele diga alguma coisa. Esperando pela sua resposta. Esperando para descobrir qual vai ser a minha punição por sair dos meus limites tão claramente.

“Então,” diz ele, depois de um longo e tenso momento. “finalmente parece que consegues entender algumas das minhas melhores qualidades.” Sorri de uma forma estranha. “Estava a pensar quanto tempo iria demorar.”

O meu queixo cai. Não existiu nenhuma explosão. Nem uma reacção violenta. Eu acabei de atacar o Stonehart com as palavras mais venenosas que eu consegui imaginar e a sua resposta é ficar...*divertido?*

“O quê...”

Ele levanta um dedo. Apenas um, mas a simplicidade do movimento fala mais alto que palavras. Eu paro de falar.

“Não abuses da sorte.” Ele avisa. “Eu quero que faças um minuto de silêncio para te compores. E depois podemos arriscar voltar para lá. E Lilly? Comporta-te com cuidado. Espera até estarmos cá fora antes de dizeres o que pensas novamente.”

Eu cerro os meus olhos para ele. O que está ele a pensar?

“Eu não vou voltar para lá,” digo, cruzando os meus braços. “Eu...”

“Dois.” A voz do Stonehart é suave mas corta o meu protesto como uma lâmina afiada. Ele levanta um segundo dedo. “Eu tenho sido muito generoso contigo, Lilly-Flor. Como prova das minhas boas intenções. Mas se pensas em testar os meus designios uma terceira vez hoje, temo que o resultado possa ser muito desagradável. Para ambos. Eu não quero andar para trás contigo outra vez. Odeio perder o meu tempo.”

Ele dá uma passo ameaçador na minha direcção. Eu sinto de deveria correr mas os meus pés

parecem de chumbo.

Sem aviso, a sua mão agarra-me o cabelo. Ele coloca o seu corpo junto ao meu, e põe a sua outra mão na minha nádega, beijando-me.

Eu tento fugir mas ele tem muita força. O seu beijo é duro, inflexível, e quente.

Ele larga-me depois de uns momentos. Eu afasto-me, trêmula depois deste assalto.

“Deuses,” ele diz respirando fundo. “Sabes como adoro ver-te com essa energia, Lilly. Ninguém, dá-me isso na minha vida a não seres tu.”

Eu viro-me e afasto-me ainda mais, mas não posso fingir que não fiquei afectada. Mesmo tendo lutado, aquele beijo curto teve efeitos em mim também.

Eu penso que a paixão é maior quando as emoções estão a flor da pele. Não me vou esquecer disto no futuro.

Depois de me dar algum tempo para arranjar o meu cabelo, o Stonehart chega-se para a porta. “Pronta?” ele pergunta. “A meu lado, Lilly. Agora.”

Eu evito olhar para ele enquanto me aproximo.

“Muito bem,” diz ele, inclinando-se para próximo do meu ouvido. “Obediência é importante quando sabes que eu a preciso. Vamos entrar mais uma vez. Desta vez, toma cuidado com o que dizes.”

Ele vira o seu pulso na maçaneta, a fechadura abre-se e ele encaminha-me para dentro.

O Paul está sentado na cama, de costas para nós, exactamente como o encontramos quando o vi pela primeira vez. Nada dentro do quarto dá indicação da agitação que ocorreu à momentos. A cama está composta, alisada onde eu e o Stonehart nos sentámos.

“Paul,” diz o Stonehart. “Podes levantar-te e cumprimentar os seus convidados.”

O Paul ergue-se. Existe uma rigidez nos seus movimentos. Ele vira-se para nós e observa-nos. Os seus olhos estão vazios mais uma vez.

“Paul,” começa o Stonehart. “é de boas maneiras cumprimentar-nos.”

“Olá. Ele ecoa, apático e vazio como sempre.

“E pedir desculpas pelo seu comportamento anterior.”

Os olhos do Paul caem para o chão. “Peço desculpa.” Ele respira fundo. “Desculpem-me o meu comportamento anterior.”

“Está desculpado!” anuncia o Stonehart. Com estas palavras, o Paul olha novamente para cima,

como um cachorrinho bem treinado e ansioso.

“Vai convidar-nos para sentar?”

“Oh, sim claro. Por favor sentem-se.” O Paul afasta-se da cama e dá-nos espaço. “Temo que não o esperava novamente, Doutor Telfair. Eu não coloquei a chaleira ao lume. Temos que esperar um pouco até a água ferver...”

Ele pára de falar e torce as mãos. “Provavelmente, isto também não são boas maneiras.” Murmura, envergonhado.

“Não precisa de se preocupar com isso. A Lilly e eu não nos vamos demorar muito tempo.”

“Lilly?” repete ele, soando espantado. “A Lilly está aqui?”

“Sim Paul. Ela está.”

“Posso...posso vê-la?”

O Stonehart acena levemente. “Pode sim.”

E pela primeira vez, o Paul muda o seu olhar para mim. Ele olha realmente para mim.

“Lilly,” diz ele. O meu nome nos seus lábios parece quase como uma oração. Ele dá um passo na minha direcção e leva uma mão trémula à minha face. Vejo lágrimas nos seus olhos.

“A minha filha.”

Capítulo Nove

Eu afasto-me do seu toque.

“O quê?” gaguejo. “O que está ele a falar? Jeremy, o que está ele a falar...”

As palavras seguintes morrem nos meus lábios quando vejo o olhar do Stonehart a meu lado. Ele está sentado, orgulhoso e triunfante neste momento. Os seus olhos brilham e o seu sorriso presunçoso e satisfeito diz-me tudo o que preciso de saber.

O Paul está a dizer a verdade.

De repente, torna-se difícil de respirar. O meu peito aperta-se, e sinto uma sensação de náusea horrível no meu estômago.

A minha visão desfocasse. As luzes da sala tornam-se vagas, pontos indistintos numa escuridão crescente. A minha mente retira-se, enterrando-se nalgum lugar distante. Seguro e muito, muito longe.

Cinzas sem vida começa-me a envolver como um cobertor quente. Oferecem escapatória. Oferecem segurança.

Mas eu não posso fugir. Não agora. Sou mais forte que isso. Eu tenho que ser.

Preciso de toda a força de vontade que tenho para voltar à superfície. Ondas das minhas emoções reprimidas mais fortes ameaçam puxam-me para baixo. Mas eu luto-as.

Gradualmente, os meus olhos focam-se novamente. Estou de volta no pequeno quarto claustrofóbico.

O Stonehart está a falar.

“...em concordância com o nosso acordo anterior. Foi-me dito que tem estado a comportar-se exemplarmente, Paul. Considere isto, o cumprimento da minha promessa, como o PCB final que irá receber.”

Sinto bÍlis na minha boca. *O Stonehart deu ao Paul PCB's também?*

O Paul acena alegremente. “Claro, claro! Eu percebo. Eu não esperava ver a Lilly, a minha preciosa Lilly...”

Ele começa novamente a chorar.

“Como?” sussuro. “Quero dizer, é realmente o meu pai?”

“Sim,” diz em lágrimas de alegria. “Sim Lilly, sou!”

O aperto no meu peito ameaça voltar. “Onde estava?” digo em soluços. “Quando eu crescia. Quando eu estava sozinha. Onde estava?”

“Lamento imenso,” diz o Paul. Ele ajoelha-se. “Lamento por tudo, Lilly. Por tudo o que fiz. Por tudo o que não te dei.”

Outra mudança assoma o Paul. Agora, é como se *eu* fosse a única pessoa na sala. O Stonehart não existe.

Como é que ele ficou neste estado mental frágil? Pergunto-me. O que lhe aconteceu neste últimos dez anos desde que o vi?

“Salvou-me uma vez,” falo, quase sem ar. “Naquele verão na floresta.”

“Lembras-te” o Paul suspira. “Meu Deus, lembras-te!”

“Porque não me disse...” a minha voz falha pelas emoções que tento abafar, “...porque não me disse quem era? Ignorou-me sempre! Naquele verão inteiro, ignorou-me sempre! Porque me ignorou...” digo em soluços, “sempre?”

“*Lilly.*” A voz do Stonehart apanha a minha atenção.

“Lembra-te do que disse. Não é preciso gritares. O Paul irá responder às tuas perguntas enquanto eu permitir.”

Lanço-lhe um olhar venenoso. *Enquanto ele o permitir?* Este homem tem estado na minha vida, controlando-a nas sombras sabe-se lá à quanto tempo. *E agora* ele atreve-se a interferir *nisto?*

“Continue, Paul” diz o Stonehart. “A sua filha merece essas respostas.”

“Foi um acordo.” os olhos do Paul enevoam-se como se estivesse a pensar no passado. “Um acordo que fiz com a tua mãe. Não sou um bom homem Lilly. Eu vivi a minha vida em pecado. As tentações da carne sempre me atraíram. Eu fui sempre impotente contra as suas tentações.”

Ele suspira fundo. “Quando nasceste, eu tinha um problema... de bebida. A tua mãe fez-me um ultimato: a nossa família ou as bebidas. Eu fiz a escolha errada. Eu deixei-te, a minha única filha, a minha única luz neste mundo, a única coisa que deveria ter estimado, porque eu era fraco. Eu não sabia o quanto essa escolha haveria de me custar.

“Mas a tua mãe... é uma mulher generosa. Demasiado generosa. Ela sempre teve um grande coração Lilly.”

“Passaram-se anos. E foi apenas uma década depois de nasceres que eu percebi o erro que tinha cometido. Rastejei de volta para a tua mãe pedindo perdão. Pedindo que ela me aceitasse, que me deixasse ver-te.”

“E sabes o que ela fez? Sabes o que aquela mulher fantástica e linda fez? Ela teve pena de mim. Como a grande mulher que era, ela aceitou-me de volta, mas com uma condição: Que não iria revelar-me a ti enquanto eu não tivesse cem por cento sóbrio.”

Lágrimas começam a aparecer nos cantos dos meus olhos. As palavras do Paul são tão sentidas, tão genuínas, que não podem ser de certeza ilusões de um lunático.

Ele é mesmo meu pai. Não é uma ilusão como a chaleira.

“Portanto, percebes...” diz ele, aproximando-se de mim e pegando na minha mão. “...percebes porquê as coisas eram assim. Porque eu não poderia dizer nada antes. E naquele verão? No verão que passamos na casa da floresta? Eu estava próximo, Lilly. Estava sóbrio à seis semanas. *Oito* era a meta que a tua mãe colocou. Se eu ficasse sóbrio por dois meses poderia dizer-te quem era. Poderíamos ser uma família pela primeira vez.”

“Mas...” ele respira de forma trémula. “Mas quando desapareceste toda a noite, fiquei aterrorizado. Depois de ter-te encontrado, eu tive uma recaída. A tua mãe pegou em ti e levou-te.

“Não podes ficar zangada com ela, Lilly. Não *deves*. Ela fez isso para te proteger. Ela sabia que eu não era forte o suficiente para resistir ao chamamento que definiu toda a minha vida. Ela não queria que soubesses, porque ela não queria que sofresses o maior desapontamento quando eu te deixasse ficar mal. Quando eu te mostrasse quem realmente era.”

Ele pára de falar. Eu apenas olho para ele, espantada. Esta história...faz sentido. O comportamento da minha mãe no rescaldo da sua separação faz sentido. As mentiras que ela me contou depois fazem sentido. As memórias falsas que ela plantou na minha memória sobre ele fazem sentido.

Eram a sua forma de lidar com isso. Era ela quem precisava de protecção, não eu. O Paul, mesmo com as suas falhas, era muito melhor que todos os outros namorados que ela teve. Mais que isso, ele era o pai da filha dela. A esperança de que as coisas poderiam ser diferentes foi o que a levou a aceitá-lo de volta. E o golpe esmagador quando percebeu que ele era o mesmo homem de sempre afundo-a no alcoolismo.

Que irónico que a coisa que separou-a do Paul, causou também a destruição do seu relacionamento comigo.

“Mas agora...” um sorriso trémulo aparece na face do Paul. “...agora estamos juntos, minha preciosa Lilly. Graças ao doutor Telfair. Não bebo à mais de cinco anos. Sabias? O Doutor Telfair disse-me, prometeu-me que se eu me arrependesse dos meus pecados que eu poderia ver-te. Eu sonhei apenas com isso deste então. E agora, hoje...” as lágrimas correm livremente agora. “...agora

estás aqui.”

Ele soluça. “Eu não poderia tê-lo feito sem o Doutor Telfair. Eu devo-lhe tudo.” O Paul olha para o Stonehart. O olhar está cheio de admiração. “Ele é um grande homem. Tão grande com a tua mãe. Ele salvou-me. Eu devo a minha vida a ele. E agora...” ele toca-me na face, “...devo-lhe também a minha filha.”

Não apenas isso que lhe debes. Penso no colar. No colar do Paul. No meu.

“Eu penso que isto é suficiente,” O Stonehart interrompe. O Paul afasta-se. “Lilly temos um jantar. Se tencionamos chegar a tempo, não nos podemos atrasar mais.”

Ele levanta-se. O Paul afasta-se mais de medo.

O meu pai, penso vagamente. *O que te fez o Stonehart?*

Nesse mesmo instante, o sentimento de propósito mais forte que senti aflora-me a pele. Eu vou descobrir os verdadeiros motivos do Stonehart. Eu vou fazê-lo ajoelhar-se diante de mim. Eu vou fazê-lo tremer. Eu vou destruir tudo o que ele preza mais.

Não para mim. Não por mim. Nem por vingança. Mas pelo Paul.

Capítulo Dez

De volta à limusine, O Stonehar aparenta estar muito satisfeito com ele próprio.

“Estás muito calada,” comenta.

“Estou a pensar!” disparo.

Tudo que aconteceu após a saída do quarto do Paul foi um borrão. Quase não me lembro de ter saído do edifício. Não consigo dizer se existiram interações com os empregados.

Apenas uma coisa salta-me à memória. Não saímos da pela mesma porta por onde entramos. Desta vez, O Stonehart encaminhou-me pela entrada principal, pela recepção. A entrada para convidados e visitantes. Eu vi o nome da instituição na parede

Cedar Woods Academy.

Por baixo estava uma lista dos principais benfeitores. Não fiquei surpresa por ver a Stonehart Industries no topo da lista.

A revelação que o Paul é meu pai deveria ter tido um efeito maior do que teve. Mas depois de tudo o que tenho enfrentado, depois de tudo o que tenho visto, penso que ganhei imunidade a surpresas.

No entanto, não é isso que me preocupa mais. Uma enorme peça do puzzle foi revelada. Mas o mosaico ainda continua envolvido em mistério.

É óbvio que o Stonehart tem alguma ligação a mim. Ao Paul. À minha mãe?

Uma onda de medo assoma-me. Também estarei prestes descobrir que ela também é vítima da loucura deste homem?

“A minha mãe.” começo...

“-Não tem nada a haver com isto,” diz o Stonehart. Os seus olhos crueis reflectem as luzes de natal lá de fora e parecem ter um brilho vermelho, como um demónio. “Não vês, Lilly-Flor, minha querida Lilly? As únicas pessoas que têm importância para mim agora...” diz ele “...estavam naquela sala.”

O seu sorriso permanece por um longo tempo. E depois continua, “Mas não deverás esperar mais reencontros em breve.”

“O Paul chamou-te algo de diferente. Doutor Telfair. Porquê?”

“Não é óbvio. É quem ele acredita que sou.”

“Mas porquê Jeremy? O que tem o Paul a haver com isto? Com tudo isto?”

Eu hesito por um momento, debatendo a necessidade da minha próxima pergunta. É uma violação das regras que ele me colocou no nosso primeiro encontro.

Eu pergunto na mesma.

“O que tenho eu a haver com isto?”

O Stonehart ri-se. “Bom, bom,” diz ele. “achas que vou revelar o mistério tão facilmente? Tudo tem uma altura e tempo, Lilly. Quando as peças tiverem em posição...quando os atores tiverem prontos e o palco também...tudo será revelado.”

“Queres-me assustada, não queres? Eu sussuro. Não estou a falar suavemente de medo mas de determinação. “Tudo tem a haver com poder e controlo para ti. Tudo são jogos mentais. Deixas-me no escuro porque dá-te prazer veres-me incerta.” A minha voz torna-se cada vez mais forte com cada frase. “Fizeste isto para mostrares a tua força, a tua astúcia. Não fizeste Jeremy? Mas eu conheço a tua fraqueza. Eu sei o que realmente queres. Precisas de atenção. Tudo o que fizeste com a tua vida resultou disso não foi? Contaste-me acerca dos teus irmãos e do teu pai. Contaste-me como eles ignoraram-te, como foste ultrapassado vezes sem conta. A história não tinha significado na altura porque eu não te conhecia como agora.

“Mas agora tem. Eu vi a tua verdadeira natureza. Dominio e manipulação dão-te emoção. Mas eu conheço o teu segredo. *Precisas* de ser testemunhado. *Precisas* de dar espectáculo.

“E ao mesmo tempo tens medo. Medo de perder o controlo, medo de não ter essa atenção. É por isso que isto...” puxo com raiva no meu colar. “...tem significado para ti. É por isso que me pedes para confiar em ti mas não mencionas a possibilidade de retirar o colar. Porque garante a minha submissão.” Digo rindo, quase de forma histérica. “Claro que sim. Claro! E como deve ser simples para ti. Carregas num botão no telefone e a tua pobre escrava tomba numa convulsão. Claro que tens o que queres de mim depois disso. Tens o teu público. Porque, na realidade...” digo com um olhar duro para ele. “...quem poderia ver o que me fazes sem ser eu própria?

O Stonehart permanece silencioso durante o meu último discurso. Quando acabo, estou a respirar com dificuldades, ele coloca mão no seu bolso e tira o seu telefone.

O meu corpo aperta. Um sentimento de pavor toma controlo de mim. Agora é que estraguei tudo. Fui longe de mais. A qualquer momento, a corrente eléctrica virá e a dor mais horrível e inimaginável com ela...

“Achas que me percebes, Lilly?” pergunta o Stonehart. Ele levanta os seus olhos e olha nos

meus, falando suavemente. “Achas que quero que tenhas medo?”

“Não. Estás errada. Eu não quero que tenhas medo de mim. Quero que tenhas medo do que eu consigo fazer.”

Um barulho assusta-me vindo da direita que me faz saltar do assento. O meu coração está tão acelerado quando olho para a fonte do som. Encontro um pequeno LCD que desceu de um compartimento escondido acima de mim.

“É uma distinção pequena Lilly. Mas eu vou demonstrá-la para ti. Observa.”

O ecrã liga-se. É um video do quarto do Paul.

Não tem som. Mas eu vejo o Paul andando em pequenos circulos, gesticulando com as suas mãos, e mexendo a sua boca como se estivesse a ter uma discussão com alguém.

“Já agora, isto é ao vivo” diz o Stonehart. “Como podes ver o estado mental do Paul não o permite interagir com a maioria dos outros residentes. Os médicos entendem as suas alucinações e esquizofrenia. O que eles não entendem...são as convulsões.

O Stonehart toca no seu telefone. Imediatamente, o Paul tomba para o chão. Os seus membros mexem-se selvaticamente. O seu corpo tem convulsões com a corrente forte. Ele grita.

“Não!” grito. “Não!Não!Pára!Não Jeremy! Não faças isso!”

“Não?” diz ele levantando um sobrolho. Toca no seu telefone novamente.

O Paul pára. O seu peito tem dificuldades em mexer-se numa respiração esforçada.

Eu olho para o Stonehart, horrorizada. Adrenalina corre nas minhas veias depois deste espetáculo.

“Oh, e vais adorar esta parte,” diz o Stonehart. Ele toma atenção ao ecrã novamente. “Agora... mesmo.”

Como se estivessem a aguardar a deixa, as portas do Paul abrem-se violentamente. Três membros do staff uniformizados entram. Eles movem-se com uma eficiência que se ganha com a prática. Dois agarram no Paul e colocam-o na cama. Ele luta-os, mas ele não tem hipótese. Um terceiro retira uma seringa e injecta o Paul com força na coxa.

Os movimentos do Paul são lentos. Os seus olhos fecham-se lentamente e ele fica muito parado.

Os três membros do staff aguardam um momento para ter a certeza que o efeito do sedativo é total e depois saem do quarto, deixando o meu pai comatoso e sozinho na cama.

“O colar é um presente dado à Cedar Woods da Stonehart Industries.” Explica o Stonehart. A sua voz é suave e não dá nenhuma indicação de outras emoções. “Na realidade é um dispositivo bastante

engenheiro. Uma invenção da Zigtech. Dentro, contem um pequeno sistema de giroscópios que fornecem energia constantemente. Qualquer tipo de movimento recarrega-o. Nunca precisa de ser retirado. Isto torna o colar bastante valioso para o staff na Cedar Woods.

“Eles acreditam que os informa do estado de saúde do Paul. Quando ele tem uma das suas...” o Stonehart distende o seu pescoço, atrasando a sua frase, “... convulsões infelizes, um pequeno alarme apita dizendo-lhes quando eles precisam de lá ir. O sedativo é para o bem dele, percebes. De forma a que ele não se magoe quando está zangado. E, naturalmente, ele fica bastante zangado depois de um das suas convulsões. Ele começa a divagar sobre observadores secretos e correntes electricas, mas sabes.” Diz encolhendo os ombros. “Esses são apenas sintomas da sua loucura.”

“Monstro,” digo-lhe. “És... desumano.”

“Eu não sou nem um nem o outro, Lilly. Sou simplesmente um homem que sabe o que quer.” O ecrã desliga-se. “Mas não precisas de te preocupar muito. A situação do teu pai melhorou dramaticamente. Esta é a primeira convulsão que ele teve desde à quase um ano.”

“Tu electrocutas-o por brincadeira.” Digo eu. “Tal e qual como comigo.”

“Não Lilly.” As suas palavras são duras e intransigentes.

“Aí é que estás errada. Eu não tenho prazer em causar a dor. Mas o mau comportamento deve ser eliminado, e esta é a melhor maneira que conheço.”

“És doente.”

“E tu estavas encantada comigo à umas horas atrás.” Diz ele examinando as suas unhas com um sorriso. “Diz-me, qual de nós é o retorcido aqui?”

A limusine pára num beco banal no centro da cidade. Eu não tinha percebido que já estávamos na cidade.

“Ah.” Diz o Stonehart olhando para cima. “Parece que chegámos finalmente. Lembra-te do que viste Lilly, e pensa que o teu comportamento comigo afecta outros além de ti.”

Capítulo Onze

O jantar é um acontecimento tenso e constrangedor. A excitação que sentia antes por estar junto de outras pessoas foi eliminada pelos acontecimentos anteriores.

O Stonehart estava certo quando disse que ele tomou precauções para prevenir tentações. A anfitriã cumprimenta-nos e encaminha-nos rapidamente longe dos outros ocupantes. Subimos umas escadas que estavam barradas e emergimos no segundo andar.

Este é claramente a zona mais cara do restaurante. A decoração transpõe luxo. Luzes baixas e música calma dão o mote para uma atmosfera perfeita para namorados isolados.

Excepto, que todas as mesas neste andar estão vazias. Eu deveria ter imaginado.

Claro que ele comprou todo o segundo andar esta noite, penso amargamente.

Sentamos-nos numa mesa elevada, perto de uma janela enorme. Eu consigo ver o rio por baixo e o céu claro, cheio de estrelas, por cima. Se eu estivesse de melhor humor, estaria espantada com tamanha beleza.

O Stonehart fala com o empregado. Eu não ouço. Um copo de vinho aparece à minha frente. Com amargura, lembro-me o que aconteceu da última vez que aceitei uma bebida num restaurante com o Jeremy Stonehart.

“Então.” O Stonehart diz depois do empregado sair. “Esta tem sido uma viagem muito produtiva para nós. Não dirias?”

Eu olho intensamente do outro lado da mesa. “Eu odeio-te.” Declaro.

Ele dá uma gargalhada. “Uma afirmação razoável. Mas falsa, penso eu.”

“Não,” digo em desafio. “Eu odeio-te realmente.”

O Stonehart sorri e encostasse. “Achas que sou fascinante.”

“Pára de te gabar.”

“Eu não preciso de fazê-lo quando o fazes tão bem. És curiosa, Lilly. Inquisitiva. Queres saber porque sou como sou. Coloca a tua educação psicológica em uso. Diz-me o que vês em mim. A tua análise na viagem para aqui foi bastante convincente.”

“Eu não tenho que fazer nada disso.” Digo.

“Oh, mas tens sim, doce Lilly. Esqueceste-te dos termos do nosso contrato?”

E aqui está novamente. *O Contrato*. Claro que nunca desapareceu. Estava apenas enterrado algures.

“Agora,” continua o Stonehart. “é o que peço de ti.”

“Muito bem. Queres saber o que penso? Eu penso que és um manipulador e sádico. Tudo o que me contaste ontem...as coisas que disseste depois da Rose e o Charles saírem...tudo isso eram mentiras, não eram? Mentiras para adoçar. Para que baixasse a minha guarda e ficar vulnerável na visita surpresa que tinhas planeado.

“Porque esse é foi o verdadeiro propósito desta viagem certo, Jeremy? Não foi para mostrares a tua “confiança” em mim. Definitivamente não foi para mostrar arrependimento. Foi para me trazeres a Portland e mostrares-me o Paul.”

Ele inclina a cabeça levemente para um lado e observa-me fixamente com um olhar penetrador. Eu fico contente por existir uma mesa a separar-nos.

“Tens razão,” diz ele calmamente. “A visita a Cedar Woods guiou as minhas intenções. Mas não podes duvidar da minha honestidade de ontem. As coisas que disse eram verdadeiras. Sou um homem de palavra. Eu não te mentiria de forma tão aberta.”

Eu zombo. “De alguma forma, eu acho isso difícil de acreditar.”

“Então conheces-me muito pior daquilo que pensas.” diz o Stonehart olhando para a água. “Realmente Lilly, esta viagem tem sido tão desagradável para ti? Eu dei-te a conhecer o teu pai. Eu trouxe-te para um lugar público. Talvez tenhamos faltado à gala do mês passado. Mas existirão outras oportunidades para compensar no futuro.

“Ontem, eu deixei-te sair do teu quarto. Hoje, eu dei-te margem de manobra sem precedentes para dizeres o que pensas. Eu não me zanguei uma vez, embora muitos dos teus comentários tenham sido feitos para me incitar.

“Não Lilly.” Ele continua. “Eu disse-te a verdade quando dizia que dava valor à tua energia. E, contra todas as minhas intenções, és... *preciosa... para mim*. És uma maravilha como nunca tinha visto antes.”

“E tu és um louco completo.” Eu contra-ataco. “Como podes falar comigo dessa maneira. Como podes dizer essas coisas depois do que vi fazeres ao meu pai-“

Eu calo-me. Eu não quero que o Stonehart tenha nem uma pista sobre a crescente ligação que sinto ao Paul. Essa é uma fraqueza que ele não terá dúvidas em explorar, como ele já me mostrou.

“Depois do que vi fazeres ao Paul.” Corrigo.

“Mais uma vez, culpas-me sem razão. Eu não sou responsável por o que aconteceu ao teu *pai*. ” Diz ele colocando enfãse na última palavra. “Tu és. Como serás sempre que acontecer daqui para a frente.”

“Tu colocaste-o ali.” Digo. “Ele não estaria naquela instituição para doentes mentais se não fosses tu. E esperas que eu esteja grata.? Hah!”

“Ele estaria lá Lilly,” diz-me o Stonehart. “Ou ali ou ele estaria morto. Não fui eu que o deixou naquele estado mental. Foi a bebida. Além disso...” diz olhando para o seu copo, “...ouviste-o. Eu salvei-o. Ele deve-me a sua vida.”

“Mentiras!” silvo, batendo com uma mão na mesa.

O olha do Stonehart fixa-se em mim. “Não, não são. Eu encontrei-o quando ele estava no pior estado possível. Eu ajudei-o a recuperar-se. Quase cinco anos de sobriedade, exclusivamente por minha causa.”

“Colocaste o colar no pescoço dele!”

“Uma necessidade.” Diz o Stonehart. “E uma precaução. Viste como foi útil hoje.”

“És doente.”

“Penso que já demonstrámos isso.” Diz o Stonehart. “Não tens adjectivos novos para mim? Olha, eu dou-te alguns: Demente, abusivo, perverso, cruel. Todos estes enquadram-se na tua impressão da minha pessoa, certo?”

“Esses e outros” disparo.

Ele ri-se. “Esses e outros. Bom, certamente que não posso esperar que escolhas outro tipo antes de veres um lado diferente meu.” Ele leva a mão ao seu bolso do casaco e tira um envelope branco fechado. Ele desliza-lo para mim.

Eu olho para o envelope sem me mexer. “O que é isto?”

“Uma proposta” diz o Stonehart. “Abre-a.”

“Não.”

“Lilly.” Os seus lábios formam uma linha firme. “Não sejas infantil. Abre o envelope.”

Eu olho-o furiosa mas faço o que ele me pede. Eu uso a minha faca, descartando os pensamentos de usar os talheres como uma arma, e retiro dois pequenos pedaços de papel.

São bilhetes de avião. Eu olho-os com suspeita e depois para o Stonehart.

“Claro que não iremos viajar nas linhas comerciais.” Diz ele. “Mas eu achei que esta seria uma boa maneira de mostrar as minhas intenções.”

“Quais intenções?” digo com cautela.

Ele suspira com se, subitamente, estivesse cansado. “Pára de ser obtusa. O ato era encantador, mas agora é cansativo. Pode ficar zangada comigo, não irei culpar-te por isso. Afinal és humana, e além disso, *mulher*... propensa a esse género de emoções. Eu não posso esperar mais de alguém tão nova.”

“Oh, então agora é assim.” Digo. “Não sou madura o suficiente para ti? É por isso que queres cinco anos, Jeremy? Para poderes esculpir-me na mulher que pensas que devo ser?” digo rindo-me. “Ou é mais sinistro que isso? Quais são as tuas intenções, Jeremy Stonehart? Oh, esqueci-me-não me é *permitido* saber. Dás-me uns pedaços de informação aqui e ali e esperas que eu crie uma teoria grandiosa sobre o porquê de me teres escolhido. É isso não é? Para que te possas rir sobre a minha ingenuidade e aproveitar o teu poder superior.

“A menos que me mates primeiro.” As minhas palavras são para ferir. “Não seria conveniente para ti? Quatro anos e meio de agora, quando eu tiver perto do fim do *Contrato*” dou especial ênfase àquela palavra desprezível, “algo me acontece na tua grande propriedade. Tenho a certeza que não seria difícil fingir que foi um acidente. Não seria Jeremy? Ali, na privacidade do lar, seria muito fácil esconder um corpo. Seria...”

“*Pára.*” Os olhos do Stonehart faíscam. “Estás histérica. Eu sou muitas coisas, Lilly, mas um assassino não é uma delas. Se voltares a falar disto novamente eu vou castigar-te severamente. Insultas-me. Eu não vou ser desprezado com base em tuas fantasias enlouquecidas. Estou a deixar isto passar, esta noite, esta única vez porque estás claramente a recuperar de todas as novas liberdades que te dei. Talvez permitir-te que falasses francamente no carro foi um erro. Eu queria dar-te uma prova de confiança. Talvez tenha julgado mal a tua prontidão. Preciso de estabelecer as regras para a tua conducta novamente? Seria muito fácil. Primeiro. Tu...”

“Não. Não, não, não.” eu abano a cabeça rapidamente e baixo os meus olhos. “Tens razão. Peço desculpa. Eu não deveria ter dito nada. Não irá acontecer novamente.

“Fica agradecida que eu tenha desligado o broche antes de sairmos do hotel. Se a Rose ou outra pessoa tivessem ouvido a maneira como te comportaste comigo esta noite, não teria outra escolha senão mostrar-te as consequências de se fazer acusações sem fundamento. Lilly. Olha para mim, Lilly! Olha-me nos olhos!”

Devagar e de forma hesitante, eu levanto os meus olhos para ele. O Stonehart está olhando-me de uma forma intimidadora. Sinto-me muito pequena e muito, muito impotente.

O que me passou pela cabeça, para dizer todas estas coisas? Como pude ser tão descuidada em dar voz a todos os pensamentos negros que têm estado em ebulição desde à meses?

“Percebes-me?”

Eu deveria agradecer à minha sorte que ele conseguiu aceitar isto tudo com calma. Um homem menos em controlo, que possui-se as tendências sociopatas do Stonehart, não conseguiria aceitar tudo o que disse de uma forma tão cívica.

“Sim.” Eu aceno. E depois engulo em seco. “Obrigado pela generosidade.”

Ele encosta-se novamente. “Agora que estamos conversados,” diz ele. “olha para os bilhetes que te dei.”

Eu pego nos dois bilhetes de avião e leio-os.

Partida: 27 Dezembro, 2013. 0800H. Portland, Oregon (PDX).

Chegada: 27 Dezembro, 2013. 1700H Fort Lauderdale, Florida (FLL).

“Florida?” eu pergunto, perplexa. “Vais levar-me para a Florida?” Eu não tenho a força para considerar as implicações. Nesta altura, eu sei que devo apenas ir com a corrente.

“Sim.” diz sorrindo. “Não pensavas que iria deixar a Rose estragar a verdadeira surpresa, pensavas? Esta é a viagem que tinha imaginado para ambos quando pensei no teu presente de Natal. Portanto, aqui tens Lilly. Feliz Natal.”

O jantar passa-se sem mais aborrecimentos. Existe uma tensão entre mim e o Stonehart. Mas, enquanto eu sou afectada negativamente por isso, ele parece florescer nela. Culmina e chega ao seu climax natural, quando já estamos no hotel onde o Stonehart rasga as minhas roupas e fode-me brutalmente, no momento em que entramos. O seu desejo e paixão é poderoso e avassalador. Ele toma controlo do meu corpo sem qualquer consideração pelo meu estado de espirito.

Claro, que eu já estava habituada a isso quando estava na escuridão. Se existe algo que o Stonehart me ensinou é a desprender-me de todas as emoções e sentimentos do sexo.

Muito mais tarde, quando ele já está adormeceu na cama enorme ao meu lado, eu estou deitada, acordada, olhando para o teto e passando com um dedo no limiar do meu colar.

Dormir é impossível. Eu penso no Paul, na minha mãe, no meu passado. Tentando decifrar como é que poderá estar ligado ao homem viril que partilha a minha cama.

Eu olho de relance e afastando o meu olhar de seguida. A dormir, ele parece quase humano. Quase. Como qualquer outro homem. Nada no corpo ou face dele dá a entender as monstruosidades

que é capaz de cometer.

É espantoso, mesmo, que ele confia em mim o suficiente para eu não fazer nada enquanto ele está assim tão vulnerável. Seria tão fácil, ir á cozinha, encontrar uma faca afiada e trazê-la para o quarto. Eu nem precisava de usá-la logo. Podia escondê-la debaixo da almofada, sempre ao meu alcance. E quando, de manhã, inevitavelmente, ele colocasse as suas mãos em mim...

Eu abano a cabeça para alterar os meus pensamentos. Seria muito fácil, sim. Demasiado fácil. E onde ficaria eu? A minha vida estaria perdida. Seria conhecida com a meretriz que assassinou um dos mais bem sucedidos homens de negócios do país. Iria pertencer à História com os Lee Harvey Oswalds deste mundo.

Eu não estou tão desesperada. Ainda não. E espero nunca estar.

Ver o Paul renovou o meu sentimento de propósito. Eu não quero o Stonehar morto. Eu quero-o danificado. Quero-o a sofrer. Eu quero-o quebrado, mentalmente quebrado, da mesma forma que o Paul está agora.

E quero seu eu a responsável.

Levanto o lençol e saio da cama. Estou nua, apenas com o colar. O Stonehart diz que não sou permitida a usar nada quando estou na cama dele.

Mas está um robe na porta do closet. Pego nele e vou para a janela, onde olho para as luzes da cidade. Não tenho noção do que se passa no mundo. De forma breve, penso na Fey e Sonja. Eu penso como elas se estão a aguentar-se, no que estão a fazer. Se elas tentaram contactar-me nas férias...

Suspiro e viro-me de costas. Não são estas as coisas que deveria estar a pensar. A única coisa que me deveria preocupar agora, a única coisa que me preocupa agora, é a pessoa que partilha o meu quarto esta noite.

Então, com isto em mente, instalo-me na poltrona e começo a conspirar.

Capítulo Doze

Se o Stonehart ficou chateado por não me encontrar na cama na manhã seguinte, ele não dá nenhuma indicação. Estou alegre e cheia de energia enquanto lhe dou o café que preparei.

“Eu quero sair dentro de uma hora,” informa-me. “Confio que isso dá-te tempo suficiente para estares pronta?”

“Sim, mas todas as roupas que tenho para esta viagem. A Rose não me colocou nada para um tempo mais quente...”

Ele observa-me com um olhar adequado a uma criança mal comportada. “Pensavas mesmo que eu não viria preparado? Encontrarás um guarda-roupa completo no jacto.” Ele olha para a sua chávena e sorri. “Não colocaste nada no café? Cianeto, talvez?”

“Oh Jeremy.” Eu esmurro-o na brincadeira. “Não sejas tão desconfiado. É perfeitamente seguro.”

Ele franze ao meu comportamento incaracterístico mas não faz nenhum comentário.

Uma hora depois estamos fora do hotel. Três horas depois estamos no ar.

Florida, penso eu. Pergunto-me o que estará à minha espera no estado solarengo.

O Stonehart ignora-me na maior parte do vôo, invês trabalha no seu computador ou smartphone. Com pouco estímulo mental disponível, e estando bastante exausta da minha noite sem dormir, fecho os meus olhos e tento dormir.

O que me lembro a seguir é estar a ser acordada pelo Stonehart com um toque no meu braço. “Lilly,” diz ele suavemente. “Aterrámos.”

Eu tento endireitar-me. “Já?”

“Estiveste a dormir durante o vôo todo,” diz ele sorrindo. “Acho que as actividades de ontem à noite deixaram marcas. Aproveitei a oportunidade para tratar de alguns assuntos na Stonehart Industries enquanto dormias. Na próxima semana eu sou completamente teu.”

“E tu, minha doce Lilly,” diz, passando com o dedo na minha face. “completamente minha.”

A sua mão pára debaixo do meu queixo. Ele levanta-me a cabeça. Os nossos olhos encontram-se. Ele aguenta o meu olhar durante um longo momento. Ele parece estar à procura de... algo. O quê, não sei dizer.

“O que estiveste a fazer ontem à noite?” ele pergunta-me. “Depois de saíres da nossa cama?”

O meu peito aperta-se com culpa. Ele não pode suspeitar de nada ainda. Pode?

Mas depois apercebo-me o quão estúpida essa preocupação é. Talvez tenha sido demasiado transparente quando o cumprimentei esta manhã. Mas, não é possível que ele leia os meus pensamentos.

Ele tinha razão: eu tenho tendência para atribuir-lhe muito poder.

“Nada,” digo rapidamente, pestanejo e desvio o olhar.

“Humm.” O Stonehart afasta-se e ajeita o seu casaco. “Em todo o caso, chegámos. Deverias saber que planeei esta viagem desde que te vir pela primeira vez.”

Quando eu não sabia que me estavas a observas? Pergunto-me.

“Onde vamos, Jeremy?” pergunto. “O que tens pronto para nós na Florida?”

“Ah.” Ele sorri novamente. “Um pouco de mistério. Vamos. Tudo irá fazer sentido quando estivermos lá fora.”

Eu sigo-o para fora do jato. Assim que as portas abrem, sou atingida pela humidade súbita. E o calor. Depois da frescura do ar condicionado do interior da cabine, a mudança é realmente chocante.

Claro, existe uma limusine à nossa espera. Esta é branca. O Stonehart ajuda-me a descer e abre-me a porta, fazendo sinal para eu entrar primeiro. As nossas bagagens estão a ser carregadas por uma das hospedeiras, Cindy era o seu nome, penso eu.

Quando isso está feito, já estamos em movimento.

“O broche fica-te muito bem,” o Stonehart comenta. “mas não iremos precisar dele onde vamos.” Ele inclina-se na minha direcção e gentilmente, remove-o.

Agora o mistério está começar a afectar-me. O Stonehart não disse que tinha que ter o broche posto sempre que estivemos em público? E, a menos que ele me tenha trazido para a Florida com intenções de nunca sair da sua propriedade, qualquer que seja, não percebo porque, de repente, precisaria de retirá-lo.

A menos que *seja* essa a sua intenção. Talvez uma semana fechados num quarto juntos seja a sua ideia de romance.

Mas claro, que *ele* pode ir e vir quando quiser. Só eu é que estou limitada aos perimetros dele.

“Onde vamos Jeremy?” pergunto novamente. “Eu penso que mereço saber. A menos que tenciones fazer-me uma nova surpresa como a do Paul.”

“Não. As minhas intenções são muito menos desonestas que isso. Podes até dizer que são muito simples. Eu apenas quero passar uma semana sem interrupções, com a mulher que está a tornar-se rapidamente na pessoa mais importante no mundo para mim.”

Eu zombo. “Mas pelas tuas razões misteriosas, não é verdade?”

“As minhas razões não são relevantes agora.” Concorda. “Eu não quero que estas afectem o nosso tempo juntos. Durante a próxima semana, estás proibida de mencionares isto novamente.”

Abro a minha boca para protestar, depois fecho-a novamente. *É muito fácil para ti, não é?* Penso eu. *Uma palavra e o mundo todo pára ao teu sinal.*

Não esperas pela demora, Jeremy Stonehart. Não esperas. Vou retirar-te todo o teu poder. Um dia, arranjarei uma maneira.

E depois vamos ver o tipo de homem que és.

“Muito bem,” digo-lhe. “mas ainda não me respondeste.”

He ri-se. “Estás em posição de fazer tais exigências?”

“Uma resposta directa, por uma vez que seja, faria muito para estabelecer aquela ‘confiança’ que mencionas com frequência.”

“Paciência, minha querida.” Ele sorri e observa-me com atenção. “Tens que ter paciência. A viagem não demorará muito. Olha para lá para fora. Aprecia as vistas.”

Resmungando para mim mesma acerca do secretismo incessante do Stonehart, foco a minha atenção lá para fora. A limusine saiu do aeroporto privado e estamos a seguir por uma estrada estreita junto à água. O oceano brilha, mesmo com uma luz ténue. Penso na liberdade que representa, uma liberdade permanentemente me negada.

Mas liberdade não é o que desejo mais. Justiça é. O meu género de justiça que iguale a depravação do Stonehart.

Para isso, tenho que estar próxima dele.

Vamos sendo encaminhados pelas curvas da costa. Vejos muito poucos veículos. A antecipação deixa-me ansiosa. Será um novo hotel? Um apartamento junto à praia? Uma mansão luxuriosa que o Stonehart possui mas que pouco frequenta?

Talvez seja um resort. Um pensamento louco ocorre-me: Será que o Stonehart alugou um *resort inteiro* só para nós os dois?

Eu olho-o de relance. Não posso deixar essa possibilidade de parte. Ele tem a motivação e os meios para tal. É a única coisa que faz sentido para que eu retire o broche.

Um bilionário, lembro-me. Estás a partilhar uma limusine com um bilionário.

Mais que uma limusine. Estou a partilhar a minha *vida*.

É engraçado, considerando a minha infância, quão pouco frequente pensei dessa maneira do Stonehart. Quantas mulheres matariam para estar no meu lugar? Quantas dariam avidamente as suas vidas assinando *O Contrato* para uma hipótese de um minuto de atenção do Jeremy Stonehart?

Demasiadas, tenho a certeza. Como a secretária que descobri que fodi...

Os meus pensamentos páram subitamente. Uma sensação de náusea e repugnância tomam-me de assalto. Uma coisa que nunca falámos em detalhe foi o que descobri no seu escritório nessa noite.

Partilhar uma limusine. Partilhar uma cama, partilhar a minha vida. Partilhar uma doença venérea.

“Estás limpo?” pergunto sem pensar.

O Stonehart pestaneja. “Desculpa?”

“Deste-me os teus exames de sangue uma vez.” Digo. Eu penso nas vezes sem conta que ele me fodeu sem preservativo. Que foram todas. Com quantas outras mulheres ele esteve enquanto esteve comigo? “Mas isso foi à muito tempo. Ainda estás limpo?”

A sua boca forma uma linha fina. “Isto é por causa da Angelica, não é?”

“Responde-me raios!”

“Não.” a palavra soa a um rugido selvagem. “Não antes de me dizeres porquê, de todas as alturas, é que falas nisto.”

“Porque eu *quero* saber, Jeremy!” exclamo, exasperada.

“Deverias *saber* que quero que estejas em perfeita saúde.

“Não foi isso que te perguntei!” As suas deflexões são tão frustrantes que me apetece gritar. “Dá-me uma resposta direta. Por uma vez. Por favor. Para minha paz de espírito.”

“E se eu não estivesse *limpo*?” desafia-me. “Se não estou, qual é a diferença? Nenhuma!”. Sinto uma ferocidade na sua voz que nunca tinha sentido antes. “Continuarias a ser minha Lilly. O teu corpo continuaria a pertencer-me. Tu continuaria a pertencer-me. *Tu* continuarias a pertencer-me, durante o período do contrato, para pagares a tua dívida. Não te esqueças disso. Nunca te esqueças disso.”

“Como me posso esquecer?” disparo. Puxo do colar no meu pescoço. “Esta coisa ainda está

aqui, certo? E vai continuar aqui enquanto quiseres. É uma lembrança constante de que eu não sou a tua amada. Não sou a tua mulher. Sou a tua prisioneira.”

“Uma prisioneira pela tua própria mão.” Ele rosna. “Assinaste o contrato, Lilly, não eu. Eu dei-te uma escolha. Eu dei-te uma saída.”

“Morrer à fome.” Rio-me. “Morrer no escuro? É isso que chamas uma saída, Jeremy?”

“Tens ciúmes.” Os seus olhos faiscam. “É disso que se trata não é? Ciúmes. Meu Deus! Eu pensei que tínhamos ultrapassado isto Lilly!”

“Ciúmes?” zombo. “De quem? De ti e das tuas *prostitutas*?”

“SÓ EXISTIU UMA!” ele grita.

O silêncio que se segue é ensurdecador.

A exclamação do Jeremy veio como um trovão. Preencheu o interior da cabine e desfez a paz que a ocupava.

É a primeira vez que ouço o Stonehart a gritar desta maneira. É a primeira vez que o vejo perder o controlo.

Ele parece tão surpreendido quanto eu. Ele está a respirar profundamente, claramente fora de si. O seu cabelo está uma confusão. As suas narinas crescem com cada exalar.

De repente sinto-me muito pequena, muito vulnerável, e muito muito sozinha.

Começo a chorar.

Não sei o que se passa comigo. Nunca fui muito emocional antes, não tanto para o exterior.

“Merda,” diz o Stonehart suavemente. “Merda Lilly, desculpa.”

Ele começa a mexer-se na minha direcção. “Eu..”

“Não,” digo. Escondo os meus olhos. “Não peças desculpa. Eu estou bem. Sinto-me bem. Mas... não te aproximes, ok? Não agora.”

O Stonehart ignora o meu pedido. Ele levanta-se do assento à minha frente e coloca-se ao meu lado. Os seus movimentos não são predatórios. Os seus olhos são suaves.

Eu desvio o olhar. Eu odeio que ele me veja assim. Eu odeio que alguém me veja assim.

Fungando, eu tento parar os meus soluços que me fazem parecer tão patética. Eu pestanejo rapidamente para acabar com as lágrimas.

De repente eu sinto o braço do Stonehart a colocar-se à minha volta. Ele puxa-me para junto dele, mas não força. Eu resisto, primeiro, mas... aos poucos, ele fica mais próximo.

Sem saber como cheguei lá, encontro-me pressionada junto ao seu corpo. É duro e firme e, não querendo admitir, reconfortante.

Ele deixa-me chorar no seu ombro. Ele não diz uma palavra.

Ele começa a acariciar os meus cabelos. Sinto o toque da sua boca e nariz na minha cabeça.

“Isto é culpa minha,” susurra ele. “Eu não gosto de ver-te assim. Desculpa-me.”

“Sou eu,” murmuro. “Estou a ser estúpida.” Começo a empurrá-lo. “Já fico melhor. Dá-me um segundo.”

Mas ele recusa-se a deixar-me fugir. Invês disso, aperta-me ainda mais junto dele.

O seu corpo serve, contra toda a razão, como um ansiolítico. Acho que algumas coisas e algumas reações, a natureza de estar a ser consolada, estão tão profundamente enraizadas em nós que, em certos momentos, os nossos corpos são incapazes de distinguir é quem realmente está a reconfortar.

O aroma do Stonehart preenche-me. Sinto-me reconfortada por isso também. Choro um pouco mais, e então depois páro. No seu lugar sinto agora uma paz peculiar.

“Eu não deveria ter gritado,” murmura o Stonehart. A sua mão encontra a minha e agarra-a com força. “O meu pai costumava gritar à minha mãe, sabias? Ele fazia-o a todo o tempo, mais ainda quando ela ficou surda. Eu sempre o culpei por isso. E prometi a mim mesmo que nunca me rebaixaria no tipo de homem que tem que gritar a uma mulher para ser ouvido.

“Portanto, desculpa-me Lilly. Estou mesmo arrependido. Eu não o admito regularmente, mas a tua acusação...magoou-me.”

“Que acusação?” perguntei suavemente.

“Que estou a trair-te com outras mulheres sem saberes.” Ele aperta a minha mão ainda mais. “Aconteceu apenas uma vez, e foi um erro. Eu contei-te o porquê de o ter feito, mas as razões não desculpam a falha. Foi errado. E eu estou limpo. Eu dou muito valor à minha saúde. Um corpo otimizado é a chave para uma mente poderosa.”

“Porque não disseste isso no início?”

“Porque.” Ele faz um som entre um grunhido e uma gargalhada. “Porque devias saber isso. Porque, foi uma pergunta estúpida.”

“Pois,” digo, pressionando a minha face contra o seu corpo. Eu rio-me um pouco. “Realmente, penso que foi.”

“E sabes que detesto desleixo, minha Lilly-Flor.” Diz ele. “E sabes o quão preciosa és para mim. Eu não faria nada que colocasse a tua saúde em risco. Não dessa maneira.”

Só de todas as outras maneiras que inventaste, diz uma pequena voz na minha cabeça.

Eu calo-me.

A limusine pára. Eu tenho estado tão preocupada que não percebi que saímos da estrada principal.

“Chegámos.” Diz o Stonehart.

Eu afasto-o e olho pela janela. “Estamos numa...marina?”

“Vamos,” diz ele. Agarra-me pela mão e ajuda-me a levantar-me. “Vamos esquecer tudo isto. Planeei uma grande surpresa para ti Lilly. Eu penso... eu tenho esperanças que vais adorá-la.”

Saimos. O sol está próximo do horizonte, raiando os últimos pedaços de sol num vermelho magnífico.

O Stonehart olha em redor, orientando-se e depois sorri e aponta. “Ali,” diz ele.

Eu sigo a direcção do seu dedo. Ele está a apontar para o fim do cais, onde vejo o maior e mais ostentoso iate que alguma vez vi.

Deve ter quatorze ou quinze metros em comprimento, pelo menos. Está atracado longe dos outros barcos devido ao seu tamanho enorme. O raios solares que restam reflectem-se no casco brilhante e impecável, todo em branco.

O Stonehart toma o meu braço e encaminha-me para a frente. Demora apenas alguns passos até o sol ficar escondido atrás do enorme iate, fazendo-o brilhar como uma pérola incandescente.

“Isto é teu?”, pergunto. Claro, a esta altura eu já espero grandes manifestações de riqueza do Stonehart.

“Durante a próxima semana, isto é *nosso*,” corrige.

Subimos abordo. O condutor da limusine traz a nossa bagagem atrás de nós. Nunca estive num barco, quanto menos num iate, muito menos num tão espetacular como este. Tudo é brilhante e novo. O metal dourado do corrimão é fresco sob a minha mão.

O Stonehart mostra-me o interior. Está todo forrado a madeira e pele de couro branca. As luzes por cima de nós, ligam-se assim que entramos.

“Então,” pergunta-me. “Estás muito calada. O que achas?”

“Nunca fui fã de muita água,” digo cautelosamente. Os olhos do Stonehart cerram-se. “Mas,” continuo, mostrando um sorriso, “acho que este iate pode ser o suficiente para me fazer mudar de opinião.”

O Stonehart ri-se. “Vamos,” diz. “Eu quero mostrar-te o quarto. Tenho um pressentimento que

vamos passar muito tempo ali.”

Eu durmo até tarde no dia seguinte, e acordo sozinha.

Jantámos bem e durante todo o tempo, ele foi um cavalheiro perfeito. Não existiram surpresas nem aborrecimentos. Na realidade, posso dizer com toda a verdade que diverti-me no tempo que passei com ele ontem à noite.

Foi uma pequena continuação do tempo que passámos juntos antes da sua viagem de duas semanas. Antes da minha grande asneira. Antes da minha punição.

Claro que as coisas nunca poderão voltar a trás. Eu era ingénua nessa altura. Eu estava a iludir-me, não da forma mais clara. Era mais subtil, mais traiçoeira. Eu estava a começar a acreditar que, no fundo, o Stonehart poderia mudar. Que talvez, o seu comportamento do passado pudesse ser perdoado.

Eu fiquei seduzida pela ilusão deste homem. Pela ilusão da vida que ele me deu. Uma mansão gigante, uma propriedade quase sem limites, riqueza sem limites e ele. No centro de tudo, estava sempre ele.

Mas ele não é capaz de mudança. Um homem que construiu tudo do nada, que descartou o seu nome antes de derrubar o seu pai, a quem a vingança significa tanto...

Não, eu não posso esperar que o Stonehart mude. Não da maneira que eu pensei que ele pudesse, antes.

Mas isso não significa nada agora. Eu não preciso que ele mude. Preciso que ele fique exactamente como é agora. Eu preciso de atraí-lo para um sentimento de falsa segurança. E nessa altura, quando ele estiver mais vulnerável, eu irei atacar.

Eu bocejo e espreguiço-me. Ter sentimentos como estes não significa que não possa estar confortável neste momento. Nem significa que eu não possa apreciar momentos, como ontem à noite com o Stonehart. No entanto, ver o Paul...ligado à revelação de que ele é meu pai...isso irá manter-me contra o Stonehart para sempre.

Também existe o colar. Mas enquanto eu tiver atenção relativamente ao meu comportamento, isto não me vai magoar.

Um último pensamento ocorre-me enquanto me levanto: o Paul pode nem *ser* o meu pai real.

A sua história certamente foi convincente. Mas a sua sanidade é questionável. Eu vi o seu comportamento com a chaleira. Quem não me diz que pode ser uma história elaborada criada pelo Stonehart e implantada na mente do Paul para me enganar?

Mas isso não é o mais importante. Não importa se o Paul é realmente meu pai. Ele é um ser humano que teve o seu papel na minha vida. E ele está a ser manipulado, tal como eu, pelo Stonehart.

É isso que me irei lembrar sempre. Ver o Paul em agonia no chão foi pior do que quando o Stonehart mostrou-me os vídeos dos meus tempos de prisioneira. Porque aconteceu a outra pessoa. Porque eu senti-me responsável pelos atos do Stonehart.

Ele não sabe o que a viagem a Cedar Woods me fez. Mudou, irrevogavelmente, tudo entre nós. Onde antes, uma pequena e muito emocional parte de mim pensou que haveria esperança, que poderia existir um futuro aceitável entre mim e o Stonehart...um baseado num relacionamento e não definido num contrato...agora essa parte foi obliterada.

Tudo pelo melhor, para mim. E para pior, para o Stonehart. Eu não sei quais são as suas intenções ou como elas poderão ter mudado desde que cheguei à sua casa. Tudo o que sei é que estou mais firme e decidida que alguma vez estive na minha vida. Por causa do Cedar Woods.

A única altura em que me aproximei deste sentimento que sinto agora foi quando estava no liceu, quando a sede de ter êxito, para não acabar como a minha mãe, foi a força motriz para me agarrar aos livros e apontar os meus sonhos para a Ivy League. Eu consegui. A carta de aceitação de Yale foi a reivindicação de todo o meu esforço.

Foi a maior realização da minha vida. A felicidade que senti, a satisfação, fez com que todas as noites sem dormir e os fins-de-semana passados como uma ermita valessem a pena.

Eu sei que não é nada quando comparado com o sentimento que irei ter quando derrubar o Stonehart.

Candidatar-me à universidade foi um caminho bem definido. Identifiquei um processo e explorei-o, como tantos antes de mim o fizeram.

Mas não existe um processo para o que tenciono fazer agora. Torna tudo muito mais excitante. Estou a desbravar caminho. Estou a enfrentar um louco... que também tem uma das mais bem sucedidas mentes de negócio do país.

Será a minha perspicácia contra a dele. A minha esperteza contra a dele. O meu intelecto contra o dele.

Será uma chance de provar, a mim própria, que tipo de mulher sou realmente. Eu pensei, à seis, sete, oito meses atrás, que o meu trabalho com a Corfu Consulting era a minha hipótese de mostrar as

minhas capacidades ao mundo.

Mas isso são migalhas quando comparado com isto. A aposta é muito mais alta agora. Eu agi como prisioneira demasiado tempo. O Stonehart pensa que estou domesticada. Terá ele baixado as suas defesas também?

Talvez. Mas, talvez não. Eu não o posso subestimar. Mas o que o levaria a levar-me para fora da mansão, para levar a Portland, depois para a Florida e agora para aqui?

Eu recuso-me a acreditar que as suas acções são tão simples com ele alega. Toda a treta que ele me disse no jantar de Natal...a sua justificação, sem sentido, das suas acções, o pedido de desculpa que ele me deu, a ‘razão’ para ficar enamorado comigo...tudo eu sei que é mentira.

Ele mostrou quem realmente é quando me apresentou ao Paul. Ele mostrou que nunca poderá mudar. Ele mostrou-me que era tola em acreditar no contrário.

Eu sorrio, e saio da cama. Eu devia agradecer-lhe por essa visita. Porque, contra todas as suas boas intenções, e mesmo tendo em conta a minha reacção quase histérica na altura... foi um momento revelador. Vai ficar gravado na minha memória, límpido e duro com um diamante: A altura quando tudo mudou.

Capítulo Treze

Depois de tomar um duche e vestir-me, saio para o convés do iate.

Estamos a velejar pela água. Alarmes soam na minha cabeça quando percebo que não vejo terra à vista.

Encaminho-me rapidamente para a zona de comando onde encontro o Stonehart nos controlos. Ele tem um grande sorriso na sua face. Está vestido com uns calções brancos, sapatos de vela e uma t-shirt azul bebé que deixa exposto o seu peito. Dou uma olhada no seu corpo tenso. Memórias da noite anterior e os seus acontecimentos aparecem sem serem solicitadas.

“Olá, linda.” O seu sorriso alarga-se quando me vê. “Gostaste do teu descanso? Está uma manhã gloriosa.”

Ele tem razão acerca disso. O sol está brilhante. Não se vê uma nuvem no céu. O air é fresco e limpo.

“Onde vamos”, pergunto.

“Achavas que iam ficar atracados naquela doca para sempre? Qual é o sentido de termos um iate quando não podemos explorar o oceano. Estamos a aproveitar o seu alcance.

Eu franzo para ele, não porque esteja desagradada, mas para mostrar-lhe que a sua tirada para evitar responder-me às minhas perguntas está a ficar sem graça.

“Vais ver logo logo,” diz-me ele, beijando a minha testa. “Por agora, porque não vais relaxar no convés? O tempo está perfeito para banhos de sol, e eu adoraria ver esse corpo perfeito num biquini curto.”

‘Logo logo’ tornou-se em quatro dias mais tarde.

Quando o iate continuou a sua viagem, durante o primeiro dia, eu comecei a suspeitar que a Florida nunca foi o nosso destino. Mas o Stonehart evitou todas as perguntas acerca do nosso destino mesmo com toda a pressão que lhe fiz.

Fora essa pequena irritação, os dias foram, geralmente, proveitosos. Eu não mostrei amargura em relação ao Stonehart, e ele apreciou isso mesmo. Ele nunca diria em voz alta, mas eu suspeito,

que pela sua postura, ele ficou contente por eu adicionar um pouco de normalidade no nosso tempo a dois.

A surpresa apareceu uns dias mais tarde.

Foi depois de almoço que eu vi pequenas ilhas a aparecerem no horizonte. Pareciam pequenas pedras de longe, mas enquanto nos aproximávamos, comecei a ver o seu verde esplendoroso. Não eram habitadas. Areia branca cobria as costas e as praias, enquadradas por palmeiras enormes.

Eu corri para o Stonehart no momento que as vi. Ele não disse uma palavra, mas eu percebi pelo brilho no seu olho que a minha reacção era exactamente o que ele esperava.

Enquanto ele navegou com experiência o iate pelas águas, o sol quente brilhante sobre nós, um entusiasmo palpável começou-se a formar no meu estômago. Crescendo na costa Este, onde era sempre frio excepto nuns preciosos meses de verão, eu tinha sonhos de paraísos tropicais. Foi algo que eu e a minha mãe partilhávamos. Antes do nosso relacionamento falhar, passávamos noites inteiras a falar acerca de juntar dinheiro suficiente para comprar um par de bilhetes para as Caraíbas, ou as ilhas Caimão, ou outro sitio quente onde pudessemos deixar para trás todos os problemas do nosso dia-a-dia, por uma semana ou duas.

Nunca foi mais que um sonho.

Uma onda de tristeza assomou-me com esse pensamento. Uma das nossas maiores discussões aconteceu quando eu tinha quinze anos, uns anos depois de ela começar a beber. Foi quando eu comecei a ter aspirações sérias acerca de construir uma vida melhor para mim própria. Dinheiro, claro, foi sempre um tópico importante, na nossa pequena família de duas pessoas. Durante o ano antes, eu tinha estado a trabalhar em part-time em qualquer sitio que me aceitasse, fazendo a minha parte para ajudar com a renda. Mas nesse verão, antes da escola começar, eu sabia que teria que fazer uma escolha. Eu poderia continuar a trabalhar, e arriscar tornar-me como a minha mãe... ou podiar focar-me apenas na escola, esquecendo os trabalhos, e fazer tudo o que pudesse para tornar-me uma mulher com educação.

Estávamos com dificuldades mesmo comigo a trabalhar. Portanto, quando eu anunciei as minhas intenções à minha mãe, ela ficou histérica. Eu tentei dizer-lhe as coisas com calma. Mas não podia andar em círculos. A escola tinha que estar primeiro. Eu não poderia continuar a trabalhar.

O golpe veio quando, num momento de indiscrição, eu declarei que talvez tivéssemos dinheiro suficiente para a renda se ela tivesse o controlo para deixar a bebida.

Eu estremeço quando penso na sua reacção. Se eu pensava que ela estava histérica antes... bom, não se comparou nada à sua reacção de depois. Ela ficou furiosa. Disse-me para sair, que eu era

íngrata, que eu era uma parasita, uma vagabunda, que eu não era melhor que o malandro do meu pai.

Foi a primeira vez que ela fez referência a ele.

Obviamente, mesmo a mais forte, mais responsável, rapariga de quinze anos, ficaria esmagada por tais acusações, especialmente quando ela vieram de alguém tão próximo. Eu deixei a casa em lágrimas e dormi na casa de uma amiga. Na manhã seguinte, quando entrei cuidadosamente para fazer a minha mala, encontrei a minha mãe na minha cama à minha espera.

Os seus olhos estavam vermelhos. Ela parecia que tinha estado a chorar. Ela pediu desculpa no momento em que me viu, disse-me que não quis dizer o que disse, e implorou-me para perdoá-la. Eu perdoei-a... mas as coisas nunca mais foram as mesmas entre nós depois dessa discussão.

É por isso que a aparição repentina destas ilhas teve um efeito muito forte em mim. Vir a um sítio destes era um sonho que eu e a minha mãe partilhávamos, mesmo ambas sabendo que era impossível. E agora...estar aqui, neste iate, com o Stonehart...afecta-me.

“Lilly. Lilly, estás bem? Lilly!”

Eu abano a cabeça e acordo para o barulho. De alguma forma acabei no chão. O Stonehart está ajoelhado junto a mim, as suas mãos estão nos meus braços. Porque estou no chão?

“Vacilaste e caíste,” diz o Stonehart como se lesse os meus pensamentos. A preocupação é visível na sua cara. “Deve ser o raio do sol. Estás desidratada e com uma insolação.”

“Não...” abano a cabeça. “Não, não é nada disso.”

“Então é o quê?” pergunta o Stonehart.

“Eu...não sei. Eu estou bem agora.” Começo a levantar-me. O Stonehart ajuda-me. Ele não me larga mesmo quando estou de pé.

“Não estás doente? Como te estás a sentir? Vá, vamos colocar-te à sombra...”

Eu deixo o Stonehart levar-me a uma cadeira de praia próxima protegida por um guarda sol. Ele ajuda-me cuidadosamente, com se eu fosse uma boneca de porcelana frágil.

“Gostarias de um pouco de água?”

Eu aceno.

“Fica aqui. Não te mexas. Eu venho já.”

Eu vejo-o a apressar-se até perdê-lo de vista. Ele retorna, momentos mais tarde, trazendo um copo cheio de gelo. Ele coloca água de um jarro próximo e dá-me o copo.

Eu pego-o com ambas as mãos. “Bebe.” Diz o Stonehart. Di-lo com um comando latente na sua voz. Eu coloco os meus lábios na palhinha longa de metal e bebo delicadamente.

Ele observa-me atencioso. Atinge-me nesse momento, que agora, o Stonehart está a cuidar de mim. O Stonehart. A *cuidar* de mim.

É quase demasiado para acreditar.

“Precisas de ter mais cuidado.” Ele repreende-me. Mas as suas palavras são suave. Ele passa a sua mão pela minha coxa, eu sinto formigueiros de prazer do seu toque. “Eu odiaria que te acontecesse alguma coisa por um lapso meu. A partir de agora, vamos limitar a tua exposição ao sol.”

“O quê, aqui?” digo, olhando em volta para as águas límpidas que nos rodeiam. “Boa sorte.”

Ele ri-se. “Nesse caso, vamos ter a certeza que bebes fluídos suficientes. Eu quero que estejas forte e saudável, minha cara Lilly-Flor. Eu não sei o que faria se murchasses.”

Eu sorrio. Aquilo foi querido. “Sabes, apesar das evidências que contrariam, eu não sou tão delicada quanto pensas.”

“Eu sei que não és.” Diz ele. “Mas também sei que és muito teimosa. Demonstraste isso quando aguentaste-te contra o contrato durante aquele tempo todo.”

Eu recuo, involuntariamente. Aquilo foi no *passado*, e apesar de eu não o esquecer, ouvi-lo falar nisso é desconfortável.

O Stonehart percebe o meu desconforto. Ele amaldiçoa baixinho.

“Raios mulher, eu não vou pedir perdão pelo que fiz para te trazer até aqui. Mas não têm os últimos dias provado que as coisas estão diferentes?”

Talvez na tua cabeça, penso eu. A única resposta que lhe dou é um pequeno aceno.

Ele levanta-se. “Gostavas de conhecer o nosso destino?”

“Queres dizer, que vais finalmente dizer-me onde vamos?”

“Dizer-te não,” diz o Stonehart. Ele estende a sua mão para mim. “Mostrar-te. Anda aqui.”

Eu tomo a sua mão e ele puxa-me para cima. Enquanto caminhamos no convés ele passa com o seu polegar na minha mão de uma forma estranhamente carinhosa e muito inocente.

Distante, mas muito mais próxima agora do que me lembrava, está uma lindíssima ilha deserta. Pelo menos, é isso que penso primeiro. Demoro um segundo extra a perceber a existência de uma pequena cabana que está escondida num canto das margens.

Depois apercebo-me que ainda estamos longe, e tenho consciência que a cabana não é assim tão pequena. O Stonehart desligou o motor. Mas, ainda estamos a flutuar em frente, encaminhados pela inércia e as correntes.

“Aquilo,” diz o Stonehart, com os seus olhos brilhando, “é o nosso destino.”

“É teu?” pergunto. Eu sei que é uma pergunta parva, mas permite-me dizer algo.

O Stonehart gesticula à minha frente. “Eu sou dono de todas estas ilhas,” diz ele. Depois muda a sua declaração um pouco. “Bom, A Stonehart Industries é que é dona. Foram compradas pela minha equipa imobiliária na crise de 2008. Fizeram planos para construir resorts nestas costas e transformar isto num destino magnífico de turismo. Infelizmente houve problemas com a população local.”

“O que aconteceu?”

“O do costume. Eles protestaram contra nós por destruímos a natureza com o intuito de comercialização. Era esperado. Eu estava pronto a ignorá-los, até que um dia pedi ao meu piloto para sobrevoar esta área. Não a tinha visto antes. Fiquei imediatamente maravilhado com a sua beleza. Os protestos faziam sentido. Eu decidi guardar estas terras para preservação. Mas por razões mais egoístas que isso.

“Sabes.” Diz virando-se para mim. “No momento eu que pus os meus olhos nestas ilhas, eu sabia que elas eram especiais. Elas foram compradas como um investimento de negócio, mas durante aquele vôo fiquei encantado com elas. Eu tinha uma imagem...uma visão...de encontrar uma mulher com quem as pudesse partilhar.”

Ele aproxima-se. O meu coração acelera. “Essa mulher Lilly.” Diz, levantando o meu queixo, “és tu.”

E com estas palavras beija-me. É um beijo cheio de paixão. Cheio de vida. Eu agarro-me aos seus ombros, apertando-o mais, embriagada com a beleza do momento e a doçura das suas palavras. Mesmo que elas sejam uma mentira. Mesmo que elas venham de um lugar sinistro.

Elas ainda me afectam.

Como *ele* ainda *me* afecta.

Capítulo Quatorze

Ancoramos o iate e navegamos um pequeno barco até terra.

Vejo um pequeno grupo de nativos a acenar na praia. De onde eles vieram, não tenho ideia.

Enquanto nos vamos aproximando, eu vejo que é uma grande família. Está lá um pai, uma mãe, e quatro filhos pequenos: três rapazes e uma rapariga.

“Quem são eles?” eu pergunto ao Stonehart.

“Os nossos caseiros,” responde.

As crianças correm para a doca quando nos aproximamos. Eles estão a rir-se e a gritar, genuinamente entusiasmados com a nossa chegada.

O Stonehart pega na rapariga e depois ajoelha-se e fala para os seus irmãos.

“Encantado de conicerte”

O meu sobrolho levanta-se. “Hablas español?”

“O suficiente para dizer olá,” diz-me. Nesta altura, os pais já chegaram também. A mãe abraça o Stonehart e puxa-o para o beijar na face. O pai cumprimenta o Stonehart com um aperto de mão com ambas as dele, fazendo várias vénias e dizendo coisas que não percebo mas que soam bastante lisonjeiras.

Eu afasto-me e observo, fascinada com esta interacção. Parece mais um encontro de família do que um patrão a chegar à sua propriedade.

Enquanto isto acontece, as crianças mudam a sua atenção para mim. Dois dos rapazes são tímidos, escondendo-se atrás da sua mãe, enquanto a pequena rapariga continua a ser apapericada pelo Stonehart. O terceiro rapaz, que parece ser o mais velho, embora não possa ter mais que seis ou sete anos, aproxima-se de puxa a minha mão.

Eu olho para baixo, em sobressalto por sentir uma pequena mão agarrada na minha. Ele tem algo escondido nas suas costas.

Eu ajoelho-me e sorrio. “Olá,” digo. “Como te chamas?”

Ele ri-se, olha para mim, e depois outra vez para o chão, estendendo a sua outra mão.

Dentro dela, está uma pequena concha perfeita. “Para mim?” pergunto. Ele coloca-a na minha palma. Quando estou a segurá-la, ele fica corado vira-se e corre de volta para os seus irmãos.

Eles começam a ri-se assim que ele lá chega. As suas vozes são altas e estusiasmas.

“Lilly.” O Stonehart está a meu lado novamente. Eu olho para cima e vejo que ele trouxe os pais com ele.

“Está é a Manuela,” diz ele. Depois muda de dialecto. “Manuela, conocer Lilly.”

A mulher, que mal me chega ao queixo, agarra na minha mão e aperta-a bastante. Depois, sem aviso, ela puxa-me para baixo e beija-me em ambas as faces. Durante este tempo, ela sorri largamente e repete, “Linda! Linda!” vezes sem conta.

“E o seu marido, Jose.” Diz o Stonehart apontando para o homem, que também sorri largamente e aperta a minha mão de forma mais formal.

Com as apresentações completas, somos distraídos pelas crianças a correr juntando-se a nós. Duas delas pegam nas nossas mãos e puxam-nos para a casa numa agitação de entusiasmo. Entretanto, o seu pai apanha as nossas malas do barco e carrega-as atrás de nós.

A Manuela começa a falar prontamente. Eu nem consigo distinguir onde uma palavra começa e outra acaba, mas o Stonehart não parece ter problemas em acompanhá-la. Ele traduz pequenos pedaços para mim.

“A Manuela diz que és muito bela. Uma pérola das águas mais profundas. Mais bonita que qualquer mulher que ela tenha imaginado para mim.” Ele sorri. “Não sei porque as suas expectativas seriam mais baixas.”

Fazemos o caminho para a villa. Eu sigo o Stonehart, atordoadada. Estas pessoas, esta familia, venera-o.

Eu vejo a forma como ele interage com os miúdos. Os rapazes e a pequena rapariga andam à sua volta. Não só ele não se importa mas eu penso que ele *gosta* desta atenção.

Eu nunca vi algo do género. Nunca *esperaria* ver algo do género. Não do Stonehart.

Mas aqui na ilha, ele é um homem diferente. Talvez os trópicos tenham este efeito nele. Talvez seja a segurança de estarmos num lugar tão remoto. Ele não precisa de estar na defensiva. Ele não tem as aparências, nem uma personagem para manter.

Enquanto reflito, percebo, que apesar de tudo o que ele mostrou e fez, deve ser difícil *ser* o Stonehart. Ele é responsável pelas operações diárias de uma das empresas mais prósperas e secretas do mundo. Ele construiu-a desde o começo. Ele não tem o luxo de mostrar fraquezas, não na sua vida profissional nem na sua vida pessoal.

Especialmente quando a sua vida pessoal gira à minha volta.

Mas eu não posso permitir-me a sentir simpatia por ele. Ele escolheu este caminho. Mas mesmo assim, vê-lo desta forma...dá-lhe um toque inesperado de humanidade.

Um sentimento caloroso começa a invadir-me o coração. Eu tento afastá-lo mas estar envolta neste riso, nesta costa intocada e cheia de vida, a villa lindíssima à nossa frente...não consigo. Não consigo deixar de sentir-me...bem, *feliz*.

“Eles pensam que és um herói,” digo ao Stonehart quando estamos finalmente sós lá dentro. O ar condicionado proporciona um alívio bem-vindo do calor.

O Stonehart sorri. Ele senta-se na cama, e depois, sem aviso, cai para trás de forma teatral. Eu ri-me. É tão... inesperado.

“Eles costumavam viver numa das ilhas vizinhas.” Explica o Stonehart. “Eles ficaram aterrorizados quando descobriram que alguém, um estrangeiro, comprou as suas terras. Quando vim, e decidi não construir aqui nada, eles ficaram muito animados. A Manuela implorou-me para eu deixá-la trabalhar comigo. Ela não queria dinheiro. Ela apenas queria mostrar-me o quanto apreciava a mudança de ideias que tive.”

Ele enrola-se e levanta a cabeça para me observar. Ele parece quase um menino, descontraído e sem preocupações. “Claro, que combinei com o Jose um pagamento para a família. Criámos um fundo para as crianças. É para onde o dinheiro vai. Eles não o precisam para mais nada. Os nativos sabem cuidar deles próprios. Eles pescam e caçam para alimento, e têm a sua própria casa a umas milhas daqui. O Jose tem um kayak que usa para ir à ilha principal. Quando precisam de mantimentos, medicamentos ou artigos para a casa, é onde vão.

“É uma vida simples. Eles prosperaram nela. Se eu tivesse avançado com o construção, eles teriam perdido tudo. Portanto sim, de alguma forma, Lilly...” diz com um sorriso travesso nos lábios, “...eles vêem-me como um herói. Mas...”

O seu olhar penetra-me, enviando-me sinais de prazer por o meu corpo. “...eu gosto muito mais quando essas palavras saem dos teus lábios.”

“Podes ir onde o teu coração mandar,” diz-me o Stonehart umas horas mais tarde, entrelaçando os seus dedos no meu cabelo.

Mesmo considerando o ar condicionado, suamos bastante. Sinto-me um pouco cansada, mas contente. Feliz. Lânguida.

“Huh?” digo eu com dificuldades em seguir o raciocínio. “O que queres dizer?”

“Na ilha, Lilly,” diz o Stonehart. “O teu colar está desativado. Não tens que usar o broche. Podes explorar o quanto quiseres...” diz beijando-me o pescoço, no meu ombro, no meu braço. “Desde que não tentes escapar.”

Um alarme soa na minha cabeça. Num instante, todo o conforto que sentia desapareceu.

“Porque tentaria escapar?” pergunto, tentando afastar essa sugestão.

O Stonehart dá-me um sorriso preguiçoso. “Realmente, porquê. Eu confio que não o farás. Além disso, estamos rodeados pelo oceano. Não irias longe.”

“Jeremy.” Eu coloco-me direita e olho-o nos olhos. “Eu *não* vou tentar fugir.”

Um ar surpreso aparece nos seus olhos. Desaparece rapidamente.

“Muito bem,” diz ele. Ele senta-se e sai da cama espreguiçando-se com vontade. Como se tivessem vontade própria, os meus olhos fixam-se no seu rabo firme. Enquanto o Stonehart passeia através do quarto para o closet, os músculos das suas pernas e costas trabalham em toda a sua glória. Ele veste um robe azul fino.

Sinto um certo desapontamento por isso. Ele realmente tem um corpo fantástico.

Ele vira-se para mim novamente enquanto aperta o robe. “Existem algumas coisas com que tens que ter cuidado,” avisa. “A maioria da vida animal é inofensiva. Mas existem algumas espécies de rãs que são venenosas. Se vires alguma com listas amarelas nas suas costas, mantem-te afastada. Elas não irão atacar mas se se assustarem, podem agir em legítima defesa.”

“Eu acho que consigo lidar com alguns sapos.” Digo. “Já lidei com predadores mais imponentes no passado.” Pauso, pensando se deveria dar voz ao resto dos meus pensamentos, e decido continuar. “Como tu, por exemplo.”

“Como eu?” pergunta o Stonehart. “Bom Lilly, isso é capaz de ser o comentário mais lisonjeiro que já me chamaste. É melhor que todas aquelas descrições que me chamaste na limusine”.

Eu encolho-me. “Por favor, podemos não falar disso?” peço. Eu levanto-me e aproximo-me dele, passo com dedo pelo seu peito. “Eu gosto muito mais quando estamos aqui ...no momento... juntos...”

A minha mão continua a descer pelo seu corpo. Desliza pelos altos dos seus abdominais e continua a descer, e descer, e descer.

Mordo o lábio enquanto acaricio o seu membro. Começa a crescer imediatamente na minha palma.

“E eu pensava que já estavas saciada,” murmura ele numa voz rouca.

Eu abano a cabeça. Uma excitação diabólica cresce dentro de mim. “Não.”

“Continuas a agir desta forma...” grito quando o Stonehart pega em mim ao colo e carrega-me para a cama, “e eu não irei querer sair desta ilha.

Muito melhor, penso maliciosamente.

E agarro o seu cabelo e beijo-o.

Capítulo Quinze

Os dias seguintes passam-se como um sonho. O Stonehart não brincava quando disse que todo o seu tempo seria dedicado a mim.

Nadamos, apanhamos banhos de sol. Exploramos a vida selvagem na ilha. Eu não encontrei nenhuma rã com listas amarelas, literal ou figurativamente.

O Stonehart é... bom, a melhor forma que tenho para descrevê-lo é que ele é finalmente o *Jeremy*. Não o Stonehart, mas o Jeremy. Não é frio nem calculista mas cuidadoso, e amável.

Se as coisas fossem sempre assim.

As crianças deixaram-nos sozinhos no primeiro dia, provavelmente a pedido dos seus pais. Mas reaparecem no segundo e em todos os dias a seguir.

Antes de estar nesta ilha, eu esperaria que o Stonehart fosse contra tais incursões na nossa privacidade. Mas o Jeremy, o novo homem que vejo, que é prova de outra camada da sua psique, aceita com gosto. Mais que isso. Ele adora-os. Ele corre na praia com os rapazes, senta-se e conversa com a rapariga, ajuda-a a arranjar a comida ou as bebidas, ou qualquer outro pedido que a sua mãe tiver solicitado.

Eu aprendo os seus nomes. Os rapazes são o Aldo, Diego, e Matias. A rapariga é a Luciana. Eu começo até a perceber algumas palavras de Espanhol: *concha del mar*, significa concha, como a que tenho como presente, e *muchacha bonita*, significa algo como “a mulher muito bonita.”

O Jeremy ensinou-me essa.

Dois dias depois, vou em aventura com dois dos rapazes. Eles riem-se bastante quando uma *coisa* enorme vermelha sai do chão fazendo-me gritar e agachar-me. O Diego agarra a minha mão e aponta para cima, mostrando-me o papagaio magnífico que faz da sua residência os ramos mais altos.

Os miudos, embora tenham idades próximas, são tão diferentes quanto possível. O Matias, o mais novo, é de longe o mais agitado. Diego, o do meio, é reservado e pensativo...até que algo novo chame a sua atenção, então é tão espontâneo quanto possível. Aldo, que me deu a concha, é o mais quieto de todos. Eu consigo ver com ele toma conta dos seus irmãos, como o mais velho.

Eles são todos melhores amigos. Eu acredito que terão que ser, sem outras crianças por perto, mas o seu afeto uns pelos outros é contagiante. Eu consigo perceber, mesmo se não tivesse conhecido a Manuela ou o Jose, que eles são pais atenciosos.

Ter umas horas por dia para brincar com as crianças é divertido. É, também, algo que nunca esperaria fazer, não enquanto estivesse nesta sentença de cinco anos do Stonehart. Mas nesta ilha, estou a aprender como as coisas podem ser diferentes.

Podem. Essa é a mais importante distinção. O tempo aqui mostra-me como as coisas *poderiam* ser, numa vida diferente, num mundo diferente, numa existência diferente.

Não é como as coisas *são*. Não me vou enganar novamente e esquecer-me do meu objectivo quando regressarmos à America. Isso não acontecerá nunca mais.

Mas isso não significa que não possa aproveitar estes momentos por agora. E eu aproveito-os.

Imensamente. Seja com o Jeremy ou com as crianças, tudo o que acontece parece banhado num brilho quente e suave.

E falando no Jeremy... bom, como disse antes, se tivéssemos noutras circunstâncias, as coisas que ele faz poderiam ser suficientes para eu me apaixonar. Ele é querido e apaixonado. Ele coloca as minhas necessidades e desejos acima dos seus.

Na realidade, isso não é exactamente verdade. Provavelmente é mais que os seus desejos estão alinhados com os meus.

Ele e eu descobrimos uma cascata escondida juntos, aninhada no fundo de uma exuberante, clareira da floresta. Subimos até ao topo e olhamos em volta, e depois ele surpreende-me, fazendo o meu coração disparar, quando arranca a sua camisa e mergulha na água cintilante no fundo.

Eu apresso-me para a berma e olho para baixo. Tudo o que consigo ver é uma pequena turbulência na água onde ele mergulhou, sendo rapidamente apagada pela corrente de água da cascata.

“Estás louco?” grito-lhe quando ele aparece à superfície. “Podias ter morrido. Como sabias que a água era funda?”

Ele ri-se e põe o seu cabelo para trás. “Não precisas de agir como se isso fosse uma grande perda para ti.”

“Seria sim!” grito-lhe, tentando forçosamente que a minha voz se transponha ao som da água a cair. “Se morresses, ficaria presa aqui!”

“A Manuela e o Jose tomariam conta de ti,” sorri. “Não era assim tão mau.”

“Bom, eu não quero ficar presa numa ilha das Caraíbas para sempre!”

“Sabes o que acho?” diz o Jeremy.

“O quê?”, respondo de volta.

“Eu acho que a tua preocupação pelo meu estado de saúde é capaz de ser genuína.”

“Claro que é genuína!”, grito, ligeiramente aborrecida com sua despreocupação. Eu chego-me mais perto da berma. “É...”

Não acabo a minha frase. O meu pé escorrega numa rocha molhada e desliza para fora do meu controlo.

Eu caio abruptamente de rabo. O ar desaparece dos meus pulmões. Um terror avassalador invade-me quando começo a deslizar para baixo da berma. Antes que possa gritar, estou a sair do precipício, caindo pelo ar, tentando chegar, agarrar-me a algo que pare a minha queda.

Não existe nada. Ar gelado enche-me a face. A queda parece interminável. O meu lado colide com a superfície dura da água, num ângulo estranho. Dor invade-me o corpo, seguido de uma dormência no lado esquerdo do meu corpo. Por instinto, tento respirar, mas nada além de água enche-me a boca e narinas.

Eu pontapeio com toda a força nas pernas, desesperadamente tentando encontrar a superfície. Rodo demasiado rápido e perco a noção de espaço. Não consigo determinar onde fica em cima e em baixo.

Pânico toma conta de mim. Eu luto com a água, com os braços, pernas e tudo o resto. Mas o líquido sufocante não me deixa. Os meus pulmões imploram mais ar. Um reflexo convulsivo faz-me tossir. Mais água consegue entrar.

Eu sei, no fundo do meu coração, que me estou a afogar.

Duas mãos fortes agarram-me debaixo dos braços. Um momento mais tarde, embora pareça uma eternidade, eu chego à superfície.

Eu não sei o que acontece depois. Eu tenho apenas um momento antes que o meu cérebro desprovido de oxigénio desmaie.

Capítulo Dezasseis

Eu abro os meus olhos lentamente. É de noite. Sinto um arranhar na minha garganta.

Eu ouço um movimento de alguém apressado, uma porta abre-se e depois fecha-se. Um momento mais tarde, uma luz ténue liga-se.

“Lilly.” É o Stonehart. A sua voz está atrás de mim. Eu torço o pescoço para o ver, mas ele está a meu lado num instante.

Ele pega na minha mão e aperta-a com força. Eu consigo sentir o seu stress. Eu olho para ele e depois para cima. Levo bastante tempo a reconhecer o espaço onde estamos como o nosso quarto.

“Como cheguei aqui?” pergunto débilmente.

“Eu carreguei-te,” diz ele. “Eu estava tão preocupado.”

“Acerca de mim?” digo-lhe com um sorriso fraco. Eu sinto-me muito fraca, possivelmente pela mistura de desidratação, falta de alimento e o meu mais recente infortúnio. “Eu sou mais rija do que pensas.”

“Estiveste inconsciente durante dois dias.” Diz-me ele.

É aí que o vejo, os seus olhos raiados de sangue. A sua barba por fazer. A sua camisa amarrotada.

Ele parece horrível. Pior do que alguma vez o vi. Aqui está um homem que parece que foi ao inferno e voltou.

“Lilly... o que aconteceu... foi culpa minha.” A sua mão aperta ainda mais a minha. “Eu fui descuidado e ficaste ferida. Eu não consigo perdoar-me por isso.”

De todas as coisas para estar arrependido, ele escolhe *esta*?

“Eu não deixei a tua cabeceira nem uma vez.” Diz-me ele. “A Manuela e os outros estão na sala ao lado. Eles estão muito preocupados.”

“Diz-lhes...que estou bem.” Começo-me a levantar. “Apenas um com um pouco de fome.”

“Não.” sinto as mãos do Stonehart nos meus ombros. Ele empurra-me de volta para baixo. “Fica aqui. Não te mexas. O que precisares, eu vou buscar.”

Ele está a cuidar de mim. *Novamente*. E algo dentro de mim, um pequeno grão de esperança aparece e diz-me que talvez, este lado do Stonehart é sincero. Ou pelo menos é genuíno na sua

preocupação.

Eu acomodo-me. Sinto um certo conforto por saber que estou a ser tratada por alguém tão capaz. Pelo Jeremy. Não pela Rose, não pelo Stonehart, mas pelo *Jeremy*.

Eu também acho o seu cuidado e preocupação muito queridos. Ninguém poderia fingir tal dedicação. Se ele não saiu do meu lado uma única vez...

“Onde estavas quando acordei?” pergunto de repente.

“No telefone, lá fora. Eu estava prestes a chamar um helicóptero para levar-te a um hospital. Foi uma sorte teres acordado quando o fizeste.

“A Manuela observou-te quando te trouxe. Os nativos têm mais experiência com a água do que qualquer outra pessoa. Eles precisam de ter. As suas vidas são à volta disso. Quando lhe disse o que tinha acontecido, ela examinou-te e disse-me que irias ficar bem. Eventualmente. Mas sabe Deus o que te aconteceu debaixo de água. Não percebi se batestes com a cabeça ou se tinhas uma concussão. Não existia nenhum sinal visível de danos mas mesmo assim...”

Ele não termina, vejo os seus maxilares a trabalhar enquanto ele se afasta. Ele parece pronto a admitir algo, talvez tenha feito algo, mas parece indeciso.

“Mesmo assim o quê?” pergunto calmamente.

“Mesmo assim eu não queria tomar esse risco,” admite finalmente. Mas pela sua expressão e o seu tom, eu sei que não era isso que queria dizer. “Eu não sabia como poderias reagir se acordasses e te encontrasses num quarto de hospital. Era a última coisa que a que te queria sujeitar.”

Porque numa cama de hospital ficaria fora do teu controlo, penso.

Eu não dou voz a estes pensamentos.

“A Manuela insistia que irias ficar bem. Mas, a cada hora que passava ficava mais nervoso. Eu coloquei um limite. Se não acordasses até às 9h da noite, eu chamaria um helicóptero.”

“Que horas são agora?”

O Stonehart aproxima-se e beija-me a testa. “Oito e vinte. Sabes mesmo manter um homem nervoso.”

“Humm.” Eu olho para o teto e considero tudo o que ele disse. Mais meia-hora e eu seria transportada para a Florida.

É uma coisa boa ter acordado quando acordei? Não sei. Verdade seja dita, acordar numa cama de hospital provavelmente *seria* traumático. Não tenho ideia como poderia reagir. E o que faria, no meu estado de espírito atual, se me encontrasse rodeada de médicos e enfermeiras e outras pessoas?

O que achariam eles do meu colar? O que poderia eu dizer? O broche estaria ligado?

Talvez seja pelo melhor ter acordado agora. Desta forma, não há incertezas. Desta forma, posso-me cingir ao meu plano original, sem ser tentada por outras possibilidades.

“Existe algo que tenho aguardado para fazer,” diz o Stonehart, quebrando os mesmos pensamentos. “Tomei esta decisão quando te estava a carregar de volta.”

“Oh?” Eu olho para ele e vejo a sua sinceridade sem limites. O meu coração começa a bater mais depressa. “O quê?”

“Um segundo.” Diz o Stonehart olhando por cima do seu ombro. “Eu acho que tens visitas.”

Eu levanto a minha cabeça e vejo a Luciana espreitando pela porta.

“Esta buena.” Diz o Stonehart. “Diz à tua família que ela quer-vos ver.”

A Luciana acena e desaparece. Momentos mais tarde, estou rodeada pela família, vendo o alívio nas suas faces.

A Manuela dá-me algo fresco para beber, e ajuda-me trazendo os meus lábios ao copo. Ela repreende os seus filhos por falarem tão alto. Eu não percebo as suas palavras, mas percebo pela reacção deles.

Eu digo ao Stonehart para dizer-lhe que não tem problema algum. Ele diz-lhe, mas mesmo assim, depois de alguns minutos, a Manuela leva toda a gente embora e fico sozinha novamente com o Stonehart.

“Eu penso que és a nova favorita.” Ele murmura quando a porta se fecha. “Passaste-me até a mim.”

“Eu duvido que alguém possa fazer isso.” Digo-lhe. “Eles devem as suas vidas a ti.”

Como eu.

“Humm.” Ele olha para a porta. Depois de um minuto, ele caminha até ela e fecha-a à chave. “Eu não quero interrupções.” Diz.

Ele vira-se para mim. Tem uma expressão séria e solene na sua face. Nunca tinha visto o Stonehart stressado até agora.

Ele parece visivelmente cansado. Existe uma primeira vez para tudo.

Faz-me pensar que, na realidade, ele é apenas um homem. Claro que pode agir como um monstro. Ele pode ser completamente frio, sem coração e compaixão... mas todas essas falhas vêm de algum sítio. De uma fonte que o impulsiona a agir desta maneira.

O Stonehart é complicado. Ninguém negaria isso. Raios, mesmo pessoas que o conhecem de

longe concordariam. Mas eu já vi as suas diferentes faces. Eu já o vi frio. Eu já o vi zangado. Eu já o vi dominador, volátil e imprevisível.

Eu também já o vi querido. Eu já vi a sua capacidade para ser bom. Não é suficiente para ultrapassar todas as coisas que já fez, que existem no outro lado do espectro. No entanto, é reconfortante saber que essa capacidade existe. Não desapareceu por uma personagem que ele construiu para ele próprio.

“Lilly.” Diz ele docemente. Como um verdadeiro apaixonado. A sua voz, que teve sempre poderes sobre mim, afecta-me da maneira mais primitiva.

Não consigo deixar de responder. Atinge-me na alma, especialmente quando o meu nome sai dos seus lábios.

“Sim?” sussuro. O meu coração dispara no meu peito. Junta-se à antecipação do que está para vir. Eu não tenho ideia do que será, mas a minha intuição diz-me que não irá ser mau.

“Quando estavas inconsciente.” Começa, caminhando lentamente na minha direcção. “Eu não dormia. Eu não comia. Os meus pensamentos giravam à tua volta. E tudo o que sentia era uma culpa avassaladora. *Eu fiz isto*, disse a mim próprio. *Eu falhei.*”

Eu abano a cabeça. “Não foi assim. Eu não te culpo! Foi um acidente. Eu escorreguei e caí. Além disso...” engulo em seco, lembrando-me dos braços que me agarraram, “...salvaste-me.”

“Não estarias nessa situação de precisar de salvamento se não fosse por mim!”

A explosão faz-me recuar. Ele parece em dor, e zangado. Eu percebo isso, no entanto, pela primeira vez, ele não está zangado comigo mas com ele próprio.

Ele respira fundo. “Desculpa-me,” diz-me. “sabes como odeio gritar. Mas ao pé de ti, Lilly... sinto as minhas emoções à tona como não sentia à anos. *À décadas.*”

Ele senta-se na berma da cama. Ele passa a mão pelo cabelo, com olhar distante quando fala novamente. A luz ténue dá um tom mais grave às suas palavras.

“Tens que tentar perceber... quem eu sou.” Diz-me. “E eu não te posso contar tudo. Agora não. Ainda não.”

“Mas contei-te, uma vez, uma história do meu passado. Do meu pai, dos meus irmãos. Eu não falava deles desde que era adolescente, percebes.”

“A minha vida inteira foi construída em volta de vingança. Eu sei que é terrível, mas eu não sou pessoa de ser cauteloso com as palavras. Honestidade, especialmente contigo, é crítico para um homem na minha posição.”

“Eu nunca pensei admitir isto a outra pessoa. Eu...” os seus dedos fincam-se no colchão, ele engole em seco e afasta-se um pouco de mim. “Eu não estou pronto ainda, Lilly. Tudo o que te peço é que tenhas um pouco de paciência. Comigo. Por favor.”

Ele parece tão sincero. Nenhum homem consegue atuar tão bem. Eu decido que, raio, ele é sincero.

Eu aproximo-me e coloco uma mão em cima da dele. Ele move a sua cabeça calmamente, como se fosse muito pesada. Os seus olhos fixam-se nos nossos dedos entrelaçados. Depois de um momento, ele levanta o seu olhar para o meu.

Quando vejo os seus olhos escuros, reflectidos na luz ténue, descrença atinge-me. Pode ser porque está escuro, mas eu penso que, por um momento, os seus olhos estão a brilhar. Molhados. Como que em lágrimas.

Ele afasta o seu olhar antes que eu possa vê-lo bem. Mas esse olhar de relance é o suficiente para me sentir atingida como por um camião.

O Stonehart a chorar? O Stonehart, mostrando uma das mais genuínas reacções humanas?

Eu não consigo acreditar.

Ele vira a sua mão e toma a minha. Calor enche-me por momentos.

“Eu consigo fazer isso.” Digo suavemente.

“Obrigado.” Diz ele. Depois continua. “Eu queria vingança contra o meu pai. Eu consegui. Eu queria vingança contra os meus irmãos. Consegui isso também. A minha vida tem sido levada com a procura de justiça sobre aqueles que me magoaram. Fez-me quem eu sou. Eu não peço desculpas pelas minhas acções. Vivo sem arrependimentos. No entanto, a única forma de fazer isso, e desligares-te do mundo. Viver sem emoções, sem compaixão. Sem... amor.”

De repente, levanta-se. Começa a andar pelo quarto, o seu maxilar contraindo-se nos intervalos das suas frases.

“Eu fiz tudo, sabes. Tudo o que sempre desejei. Eu consegui. As coisas começaram a correr bem com a Stonehart Industries. Esse nome,” ele ri-se sem humor. “esse nome foi um sonho de criança. Eu odiava o meu nome verdadeiro. *Odiava-o*. Sabes porquê Lilly? Porque eu devia-o ao meu pai. Porque era uma lembrança constante da minha ligação com ele.

“Bom, logo que pude, eu cortei essa ligação. Eu cortei todas as ligações à minha família. A todos, excepto à única pessoa que me tratou bem. Excepto à minha mãe.”

“Ainda falas com ela?” pergunto.

“Ela morreu.”

Um silêncio profundo enche o quarto. Eu sinto-me doente. Nauseada. Onde tinha eu a cabeça para perguntar-lhe isso?

O Stonehart caminha até ao armário e encosta-se nele. Ele olha para mim. As lágrimas, imaginadas ou não, desapareceram.

“Sim Lilly, ela morreu, e eu fui incapaz de impedir isso. Eu podia tê-la ajudado. Se eu não tivesse sido tão fraco. Tão estúpido. Eu podia tê-la salvo!”

“Quando?” pergunto calmamente.

Ele dá uma gargalhada triste. “À mais de vinte anos. Não muito depois de teres nascido. Se eu tivesse mais cinco anos... raios, se eu tivesse mais *três*... eu podia ter mudado as coisas. Talvez ela ainda estivesse aqui hoje. Mas eu não tinha o poder, à vinte anos, como tenho hoje.”

“Eu não estou a falar de médicos e contas de hospital, Lilly. Sabes que o meu pai era rico. Ele tinha meios financeiros. A morte da minha mãe não aconteceu por falta de recursos. Veio por causa de outra coisa. Veio de algo mais... sinistro. Um tipo de loucura, pelo menos é assim que vejo.”

“De qualquer maneira.” Ele abana a cabeça. “Não era isso que queria contar-te. Esta conversa não é supostamente sobre mim. É sobre ti. Mas...” ele suspira. “para perceberes, *tem* que ser sobre mim. Não vês? Tu e o efeito que tens sobre mim.”

O Stonehart suspira fundo novamente. “Talvez não seja sobre mim agora. Talvez seja sobre nós. Eu nunca tinha pensado antes, de existir como um casal, como estando dependente de outra pessoa. Eu nunca pensei num relacionamento que valesse mais do que o sexo. E sabes,” sorri, “que tenho uma apetite insaciável para isso.”

Calor preenche-me. Ele está certo em relação a isso.

“A morte da minha mãe afundou-me mais na depravação que eu estava a construir para mim. Eu não tinha mais nada, portanto ataquei o mundo com ferocidade e com um único propósito. Construí o meu império porque era tudo o que poderia fazer.”

“Mas foi mais que isso, Lilly. Eu descobri que prosperava em competição. Eu prosperava em viver em risco constante. Construir a Stonehart Industries do nada, consumiu-me. Deu-me um propósito. Deu-me objectivos. Claros, objectivos definidos, onde o sucesso podia ser medido em dólares e cêntimos.”

Ele ri-se. “Bom, talvez não em cêntimos. Já faz bastante tempo desde que me preocupo com cêntimos.”

“Posses materiais eram tudo o que desejava. Eu consegui-as a todas. Quando eu era mais jovem, eu pensava que eram o suficiente para me satisfazerem. O que vês, é apenas um vislumbre do esplendor de que falo. Carros, iates, aviões a jato. Propriedades no campo, nas montanhas, apartamentos pelo mundo fora. Nova Iorque, Paris, Sydney, Creta. Roupas. Mulheres lindas, algumas pagas outras não. A razão para isso” diz clarificando. “é para que não houvesse nenhuma ligação emocional. Não da minha parte. Eu nunca corri esse risco. Mas da parte *delas*. As profissionais, modelos da Suécia, da Rússia, do Este... viam o sexo como uma transacção comercial.

“Era tudo o que queria. Sem complicações. Sem sentimentos. Sem drama.”

Ele senta-se novamente na berma da cama. “Eu tive assediadoras Lilly. Mais do que algumas. É por essa razão que vivo da maneira que o faço. É por isso que a minha propriedade na Califórnia é tão isolada. Que mulheres, lindas, mas sem sorte, não gostariam de estar comigo? O que fariam elas para agarrarem o CEO da Stonehart Industries?”

“Eu sei quem sou. Eu sei que o meu sucesso transforma-me num imã para o pior tipo de mulheres. Quando tinha cerca de trinta anos... eu cometi o erro de deixar entrar uma destas mulheres. Ela quase me arruinou.”

“O que aconteceu?” pergunto calmamente.

“Nada de relevante para ti, minha Lilly-Flor.” Diz gentilmente. Docemente. “Especialmente porque jurei nunca mais cometer o mesmo erro novamente. Eu jurei e mantive esse juramento. Mas isto...” ele vira-se para mim e aproxima-se mais, “*nós*...tu. Isto não é um erro.”

Os seus dedos acariciam-me o braço. Eu tremo.

“Senta-te,” sussura.

Eu pestanejo. Ele aproximou-se e agora quer que eu me sente?

Mas algo que sinto diz-me para fazer o que ele me diz sem protestar. Eu não quero quebrar o feitiço que está á nossa volta.

“Senta-te à minha frente.” Ele senta-se direito também e coloca os seus pés no chão. Ele puxa-me para junto dele e acaricia as minhas coxas com ambas as mãos.

“És linda e sem comparação.” Diz ele. “E quando pensei que te tinha perdido...quando pensei que nunca mais poderia ver-te acordada, prometi a mim próprio que eu não iria aprisionar a tua beleza, a tua inocência, a tua doçura nunca mais. Sabes do que estou a falar Lilly?”

“Não.” a minha voz parece distante e suave, como se não fosse realmente minha.

Ele pega nas minhas mãos e leva-as aos seus lábios. Ele inspira profundamente, e começa a

levantar a sua cabeça lentamente.

Quando me olha diz, “Estou a falar...” as suas mãos colocam-se no meu pescoço. Ele toca no colar. “...disto.”

A minha respiração falha.

Ele não pode...não pode estar...a fazer aquilo que acho. Pode?

“Levanta o teu queixo.” Sussura ele.

Eu faço-o. Ele faz algo com os seus dedos. Ouço um clique. E o colar sai.

O Stonehart vira-se e coloca-o na cama. As minhas mãos tremem fortemente quando as levo ao meu pescoço. Os meus dedos exploram o sitio onde eu esperaria encontrar o pedaço de plástico fino.

Tudo o que descobrem é a minha pele suave.

Soluço uma vez apenas. O meu corpo parece muito leve. Demasiado leve. Como se não fosse o meu. Como se... como se..

Com se eu estivesse finalmente livre.

Lágrimas enche-me os olhos. Os meus joelhos cedem.

O Stonehart apanha-me antes que eu caia. Ele carrega em mim e trata-me como se fosse um recém nascido.

Ele caminha, comigo nos seus braços, e coloca-me no cimo da mesa. Ele toca nos vestígios das lágrimas na minha face. O seu polegar desce pela minha face e corpo. Ele retira uma alça do meu top.

Suavemente, as suas mãos acariciam-me os seios.

“Tu,” diz ele. “és maravilhosa. E eu prometo, Lilly. Que nunca mais vou tratar-te mal novamente.

E depois beijamos-nos, e perco-me completamente nos seus braços.

Capítulo Dezassete

O Stonehart decide estender a nossa estadia para compensar o tempo perdido.

Não. Não o Stonehart. Nunca mais.

Ele agora é o Jeremy, no meu pensamento e discurso. Ele é o Jeremy e não hesito em chamar-lhe assim.

Tudo parece maravilhoso. Isto é realmente um paraíso agora. Estou livre na mente, espírito e corpo.

Eu absorvo o sol e como todos os pratos exóticos que a Manuela prepara. De noite, o Jeremy e eu fazemos amor. Bebemos. Rum ou tequila ou outro vinho que ele tenha em casa. Falamos de banalidades. Rimo-nos.

Sem o colar, parece que um peso desapareceu dos ombros do Jeremy. Ele está mais livre nas suas expressões comigo do que antes. Não sinto que ele se contém em nada. Ele está apenas a ser ele mesmo.

E é uma maravilha, uma coisa maravilhosa.

Não existem mais confissões ou revelações do género que ele fez na noite em que retirou o colar. Mas eu não me importo. Existe uma inocência nas nossas interacções agora.

Um noite, deitados na praia ao lado de uma grande fogueira, o Jeremy anuncia inesperadamente algo.

“Amanhã à noite,” diz. “um helicóptero virá para nos apanhar e levar-nos à ilha principal. Existe uma festa de caridade em que foi pedida a minha presença. Eles querem que eu fale. Primeiro disse-lhes que não, porque não queria encurtar o nosso tempo juntos, mas eu penso que, com tudo o que aconteceu, podemos arriscar uma aparição em público.”

O meu sobrolho levanta-se. “Arriscar?”

Ele abana a cabeça preguiçosamente. “Sabes o que quero dizer. Em isolamento, como agora, estamos bem. Mas ainda não interagimos juntos de forma social. Vão lá estar os media, Lilly. Eles irão querer fotos. É tudo muito glamoroso, e eu penso que já é altura de sermos vistos juntos.

“Agora.” Ele vira-se para mim. “A questão é: Estás pronta para dar esse passo?”

“Sim.” Respondo prontamente.

“E...” os seus dedos tocam-me na clavícula, “consegues garantir o teu comportamento? Ou irás

precisar,” ele franze as sobrancelhas, e toca no meu pescoço, “da motivação apropriada?”

Eu sento-me direita e olho-o directamente nos olhos. “Jeremy,” digo-lhe. “eu prometo, não irei fazer nada que te comprometa.” Atiro o meu cabelo para trás e digo orgulhosa. “Irei ser a acompanhante mais perfeita para ti amanhã à noite.”

“Eu tenho esperanças que sim,” murmura ele. “Eu tenho mesmo.”

No dia seguinte somos transportados do nosso paraíso e voltamos à civilização.

Nunca, nos meus sonhos mais loucos, pensei que isto pudesse acontecer tão rápido. Eu aparecer em público, com o Jeremy, *sem* o colar.

Quanto terá o mundo mudado desde a última vez que fiz parte dele? Quanto é que é ainda o mesmo? Os meses que passei em isolamento podem ser considerados uma eternidade ou um mero compasso de espera.

Os meus nervos estão à flor da pele desde manhã. O Jeremy diz que confia em mim. Ele age como se confiasse em mim. Mas existem camadas e camadas e camadas neste homem.

Eu não me esqueci da minha resolução, do meu propósito ou do meu objectivo final. Essas coisas estão sempre no meu pensamento, lá no fundo. Por causa delas, eu não fui capaz de apreciar a mesma alegria na ilha como o Jeremy.

Estes objectivos são a razão pelo qual tudo tem que ser perfeito hoje. Eu não posso fazer nada que traia a confiança do Jeremy, ou fazê-lo suspeitar das minhas intenções reais. Porque eu sei, que vai demorar muito mais do que uma semana juntos, para eu estar em posição de destruí-lo.

Nós aterramos. A limusine espera-nos para levar-nos pelas ruas cheias de trânsito. Eu sinto falta de tudo isto.

“Lilly.” Diz o Jeremy tocando-me no joelho. “Relaxa. Estás muito bela. Vais dar-te bem. Lembra-te das coisas de que falámos, e não existirão problemas.”

Eu mexo-me desconfortável no meu assento e ajeito o meu vestido de seda vermelho. Nem cobre metade das minhas pernas.

‘*As coisas de que falámos.*’ as regras do Jeremy, que ele anunciou esta manhã.

Claro que sabia que elas viriam. No entanto, ouvi-las, lembrou-me exactamente da minha posição.

Na realidade, elas são simples, não muito diferentes das regras que ele estabeleceu antes do nosso jantar em Portland.

Sorri, mas não fales. Se falarem comigo, deixá-lo falar. Respostas de palavras únicas são permitidas. Em conversação (que eu devo fazer os possíveis para evitar) ser evasiva. Nunca falar do meu passado, do meu relacionamento com o Jeremy ou como nos conhecemos. Não fornecer informação pessoal além do meu primeiro nome.

“Irás ser o mistério perfeito.” Anunciou. “Vestida de vermelho e preto, vais deslumbrá-los com a tua beleza e o teu charme.” Então ele chegou-se mais perto e sussurrou no meu ouvido. “Não me faças arrepender das decisões que fiz contigo, porque as coisas que estão feitas...” e tocando-me no pescoço continua, “podem ser desfeitas.”

Foi a única alusão que ele fez ao colar. Além disso, deixou-me sozinha para me preparar.

Chegámos em frente a um hotel luxuoso. Multidões de gente alinham-se na entrada. Eu vejo as luzes dos flashes dos paparazzi. Câmeras. Carros caros e barreiras de veludo. Homens elegantes e mulheres glamorosas adornadas de joias que nunca tinha visto fora de anúncios de revista.

De repente, sinto-me fora do meu meio. Eu não pertenço aqui. O que sei eu de celebridades, das vidas dos ricos e famosos?

“Pronta?” pergunta o Jeremy. Ele pega na minha mão. “É tempo de brilhar.”

Saimos da limusine para uma agitação de luzes de flash e um turbilhão de ruído. Sou, imediatamente, abalada pelo fervor de tudo, a comoção.

Agarro-me à mão do Jeremy como se a minha vida dependesse disso. Ele encaminha-me pela multidão.

Eu ouço o seu nome a ser chamado, outra vez e outra vez. Ele ignora os gritos. Eu ouço perguntas a meu respeito: Quem eu sou? De onde vim? O Jeremy ignora tudo enquanto nos encaminha para dentro do edifício.

Mas a uns meros passos da porta, um jornalista novo salta pela barreira e aterra à nossa frente. Ele aponta o microfone na face do Jeremy como se fosse uma arma.

“Jeremy Stonehart,” exige. “A sua empresa tem enfrentado muito escrutínio público depois de anunciar as intenções para uma OPA na semana passada. Com uma data de uma oferta pública a menos de dois meses, e toda a controvérsia recente sobre as suas operações no Médio Oriente, concorda que foi um erro atuar tão cedo?”

“Não,” resmunga o Jeremy. Ele tenta dar a volta ao jornalista, mas ele não o deixa.

“A Stonehart Industries é uma apoiante pública bem conhecida da UNICEF. Não lhe parece que esse apoio é hipócrita, considerando informações recentes do uso de crianças nas suas operações de minério na China?”

“Isso é falso.” Diz o Jeremy. Ele olha em volta. “Alguém pode retirar este idiota da minha frente?”

“Uma explosão numa fábrica de textéis Paquistanesa tirou as vidas a seiscentos trabalhadores. O governo afirmou que isso foi um acidente, mas o meu jornal descobriu falhas enormes nas condições de segurança da fábrica. As minhas fontes descobriram que esta fábrica pertence a uma filial da Stonehart Industries. Que compensação considera dar a estas famílias?”

“Essas são mentiras sem fundamento” o Jeremy resmunga novamente.

Felizmente, conseguimos escapar para dentro. O Jeremy encontra-se claramente agitado por este encontro. Mas encobre-o assim que as portas atrás de nós se fecham.

O lobby é espetacular. Em toda a volta encontro pessoas bonitas e sofisticadas. Sinto uma energia vibrante pela sala que provém do murmúrio das conversas. É uma mudança forte da comoção lá de fora, mas não menos excitante.

O Jeremy encaminha-me para dentro, parando para cumprimentar algumas pessoas, sendo chamado e parado por outras. Aqui, ele arranja tempo para todas elas.

Eu faço o meu papel na perfeição. Eu sorrio graciosamente, aceitando os elogios que me são feitos. Mas enquanto passeamos pela multidão, pausando aqui e ali para algumas palavras, começo a perceber porque o Jeremy sentiu que seria seguro trazer-me para aqui.

É porque eu não tenho importância. Ninguém aqui quer saber quem sou. Os homens querem falar todos com o Jeremy. As mulheres não me podiam desprezar mais, excepto para me enviar olhares de inveja quando pensam que não estou a olhar.

Lá fora, foi diferente. A confusão dos media só existe para se saber dos detalhes mais fúteis como quem chegou com quem e para competir pelas fotografias mais escandalosas. Cá dentro, as pessoas têm classe, e pensam além desses interesses. Para eles, eu não sou mais do que uma decoração. Um passarinho lindo sentado no ombro do Jeremy que repete os necessários ‘obrigados’ que seguem os comentários do meu vestido, cabelo ou juventude. São palavras ocas, claro.

Estas pessoas sabem que eu não interesso.

É ligeiramente irritante ser sujeita a este desrespeito passivo. Mas quereria as coisas de modo diferente? Não. Desta forma, não poderão existir erros. Desta forma, eu poderei ganhar a confiança do Jeremy, aos poucos e poucos.

Por fim, chegámos à sala de jantar. Vejo um palco em frente a um pódio para os oradores. Para o Jeremy.

O anfitrião anuncia o começo do jantar.

“Estamos honrados de ter um convidado especial esta noite.” Diz ele para o microfone. “A sua presença já causou uma grande agitação. Convido-os a todos a dar as boas vindas ao palco ao Presidente, CEO e fundador da Stonehart Industries, o Sr. Jeremy Stonehart!”

O Jeremy levanta-se para receber uma ronda de aplausos. Ele é uma visão, no seu fato escuro, com o seu cabelo perfeito e a sua pele bronzada do nosso tempo no sol. Ele acolhe a atenção que lhe é dada com se fosse uma estrela de rock.

Este é o seu ambiente, dou por mim a pensar. É aqui que ele se destaca.

Ele caminha em direcção ao palco e aperta a mão ao anfitrião. Coloca-se em frente ao microfone e os aplausos continuam.

Ele bate duas vezes no micro. “Sim, sim.” Ele reconhece. “Eu sei que me adoram. Mas por favor, salvem os aplausos para quando eu tiver feito algo realmente especial.”

Risos. Ele disse uma piada. O Jeremy Stonehart a começar o seu discurso com uma piada. Nunca pensei ver este dia.

Desse ponto em frente, tudo se passa num borrão. O Jeremy retorna para junto de mim depois de acabar o seu discurso. Eu penso no quão poderoso foi, no quão perfeito foi, como a audiência agarrou-se a todas as suas palavras.

Ele sorri, agora cheio de arrogância e diz, “Bom, esperavas algo de diferente?”

Um leilão segue-se. Providência entretenimento durante o jantar. O item principal é um fim de semana aos Alpes, de valor de 25.000\$. Todo o valor vai para caridade.

O Jeremy licita com meio milhão e ganha.

É apenas depois de o jantar terminar, e quando estamos livres para confraternizar, que o desastre ataca.

Ouçó o meu nome ser chamado de algures.

“Lilly! Oh meu Deus. Lilly, és mesmo tu?”

Eu congelo. Terror preenche-me. O Stonehart está demasiado ocupado na sua conversa para perceber. Eu começo a virar-me, mas antes que possa acabar, um par de braços elegantes abraçam-me.

Desprendem-se logo a seguir. Uma mulher, talvez mais velha uma década do Jeremy, olha para

mim radiante.

A sua pele escura contrasta com o seu vestido branco e fá-la radiar de beleza. O seu cabelo está diferente desde a última vez que a vi. Agora é louro.

Isso não me impede de reconhecê-la imediatamente.

É a Thalia. A mãe da Fey.

Mas o que está ela a fazer aqui...

Claro. A Fey tem pais ricos. Faz sentido que eles tenham os conhecimentos para estarem presentes em eventos deste género.

Mesmo assim, quais são as probabilidades de ela me encontrar aqui?

Nesta altura, o Jeremy já está ciente da perturbação. Ele vira-se para a Thalia. Os seus olhos fixam-se em mim, exigindo uma explicação.

Eu quero apenas virar-me e fingir que não a conheço. Mas é tarde de mais para isso.

“Lilly, é tão bom ver-te!” exclama a Thalia. “Eu não posso acreditar que te encontrei aqui. E estás com o...”

Ela olha para o Jeremy. Os seus olhos alargam-se em resposta ao choque.

“Jeremy Stonehart,” diz ele calmamente, oferecendo a sua mão. Ela aperta-a, e os seus olhos fixam-se novamente em mim, cheios de descrença.

“Jeremy Stonehart,” repete em murmúrio. “Eu vi-o no palco. Foi impressionante. O meu marido fala da sua empresa muitas vezes.”

“Muito bem,” murmura o Jeremy. “E eu conheço o seu marido?”

“Oh não,” diz a Thalia abanando a cabeça. “Não, não. Ele é apenas um simples banqueiro.”

“Lilly,” diz-me o Jeremy. “Eu penso ser costume apresentares-me a tua amiga.”

“Oh!” percebo em sobressalto. Eu nem percebi que a Thalia esqueceu-se de se apresentar. O seu choque de me encontrar com o Jeremy Stonehart afectou-a mesmo.

“Esta é a Thalia Rosene. Ela é a mãe de uma das minhas antigas colegas de quarto em Yale.”

A menção da universidade acorda a Thalia.

“A Fey contou-me que desapareceste. Depois de teres ido trabalhar na Califórnia, nunca mais ligaste, ou enviaste alguma mensagem. Todos assumimos que estavas ocupada a trabalhar, mas claramente...” ela olha o Jeremy de relance, com o olhar cheio de significado, “...conseguiste integrar-te no mundo que sempre sonhaste muito bem.”

Eu odeio essa acusação. A insinuação silenciosa. A sugestão que eu deixei as minha amigas mais chegadas para ficar próxima do Stonehart. Que eu não sou mais do que uma aproveitadora.

“A Lilly fez muito mais que isso. Thalia.” Diz o Stonehart. “Ela tem sido uma estrela na Corfu Consulting. O seu trabalho já é considerado uma lenda.”

Eu espanto-me quanto à sua facilidade de mentir.

“Bom, eu não esperaria nada menos da nossa Lilly.” Diz a Thalia elegantemente. “Todos sabemos como ela é focada.”

Ela vira-se para mim. “A Fey vai ficar tão entusiasmada quando lhe disser que estás aqui.”

O meu estômago, que eu pensava que já estava nervoso, ficou muito mais. “A Fey...está aqui?” pergunto sem forças. Sinto-me com náuseas.

“Não *aqui* na gala, não. Mas ela está na ilha conosco. Ela está no resort. Eu sei que ela vai adorar ver-te. Vocês os dois têm tanto para falar! Então o que dizes. Amanhã de manhã? Estás livre para o pequeno almoço? Tens telemóvel? Oh, o que estou a perguntar, claro que tens telemóvel.” Ela retira o seu da sua bolsa. “Bem, diz-me o teu novo número. A Fey disse-me que o antigo não funciona mais.”

Eu olho para o Jeremy, desesperado por uma escapatória. Ele dá-me uma, sem qualquer pausa.

“Aqui.” Diz ele, dando um cartão à Thalia. Eu reconheço-o como sendo o mesmo que eu não deveria ter recebido no seu escritório de San Jose à tanto tempo atrás. “Esse é o meu número pessoal. Ligue-me para agendarmos um encontro. Eu adoraria conhecer uma das mais antigas amigas da Lilly.”

A Thalia lança-me um olhar curioso, mas pega no cartão e coloca-o na sua carteira.

“Eu ligo-lhe amanhã de manhã.” Diz ela.

O Stonehart dá um sorriso aberto. Olhando para ele, nunca diria que algo estava mal. “A Lilly e eu ficaremos a aguardar. Foi um prazer conhecer-lhe, Thalia.”

E com essa frase, ele dispensou-a. Ele não se afasta nem olha para noutra direcção, mas o significado das suas palavras é claro.

“O prazer é todo meu.” Murmura a Thalia. Ela lança-me outro olha curioso e depois olha sobre o seu ombro. “Eu acho que ouço o meu marido a chamar-me. Desculpem-me.”

E com isso ela desaparece na multidão.

Eu olho-a a desaparecer em silêncio e atordoada.

E agora?

A mão do Jeremy aperta o meu braço. É suficiente para deixar marcas.

“Vamos embora,” ele sibila no meu ouvido. “Agora.”

Ele puxa-me atrás dele, ignorando as chamadas de atenção para parar e conversar. Assim que estamos lá fora, na noite fresca, ele tira o seu telefone e chama a limusine.

A nossa boleia chega momentos mais tarde. Apesar da noite não estar fria, tenho arrepios na minha pele toda.

Entramos no carro. O Jeremy continua silencioso. O seu maxilar está tenso e os seus olhos escuros.

Paramos em frente a um grandiosa estrutura, a uns quarteirões de distância. É mais um hotel. O Jeremy ainda não disse nada. Eu não tenho noção do que se passa na sua cabeça.

Eu não consigo aguentar mais esta incerteza. “Jeremy, eu juro,” peço-lhe, “Eu não...”

“*Chega.*” Ele para-me com um aviso selvagem. “A mão foi jogada. O palco está montado. As aparências terão que ser mantidas. Amanhã...” os seus olhos fixam-se em mim, “...vai ser o teu maior teste. Vão existir regras. Regras *rigidas*, Lilly.”

Um arrepio de medo atravessa-me a espinha enquanto vejo as máscaras do homem que conheci pela primeira vez, presa ao pilar, à tantos meses atrás. As máscaras do Stonehart.

“Vamos-nos encontrar com a tua amiga e a sua família. Mas Lilly.” Ele pausa. As sombras acentuam as suas feições rígidas agora.

“Se saís da linha mesmo por um bocadinho. Bom, nada do que te sujeitei no passado vai-se comparar aquilo que farei depois contigo.”

FIM

Participe na Mailing List

Não quer perder o lançamento do próximo livro? Participe na minha lista de emails. (<http://eepurl.com/z-Lgv>) e seja o primeiro (a) a saber acerca dos meus novos livros.

***Descobrindo Você 6* ficará disponível brevemente.**

Gostou deste livro?

Se gostou deste livro, o melhor sitio para eu ficar a saber é na minha página do Facebook:

www.facebook.com/ScarlettEdwardsAuthor

Eu posto dezenas de teasers, excertos do livro, imagens, e montanhas de outros artigos divertidos. Estamos a construir uma comunidade ativa de viciados em *Descobrimdo Você* na minha página, portanto junte-se a nós. É também o melhor sitio para falar directamente comigo.

Espero vê-lo (a) lá.

Scarlett